**Universidade Federal da Paraíba**

**Centro de Comunicação, Turismo e Artes**

**Programa de Pós-Graduação em Jornalismo**

# A Cobertura Jornalística das Olimpíadas 2016: Apropriações do Facebook Live pelo SporTV

Elvis Maciel Guimarães

João Pessoa

2017

Universidade Federal da Paraíba
Centro de Comunicação, Turismo e Artes
Programa de Pós-Graduação em Jornalismo

# A Cobertura Jornalística das Olimpíadas 2016: Apropriações do Facebook Live pelo SporTV

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Jornalismo, área de concentração em "Produção Jornalística", linha de pesquisa "Processos, práticas e produtos".

Elvis Maciel Guimarães

Orientador: Prof. Dr. Fernando Firmino da Silva

João Pessoa
2017

G963c Guimarães, Elvis Maciel.
A cobertura jornalística das Olimpíadas 2016: apropriações do Facebook Live pelo SporTV / Elvis Maciel Guimarães. - João Pessoa, 2017.
113 f.: il. -

Orientador: Fernando Firmino da Silva.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/ PPJ

1. Jornalismo. 2. Jornalismo Móvel. 3.Tecnologia Móvel. I. Título.

UFPB/BC CDU:070(043)

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

## ATA DE BANCA EXAMINADORA DE DEFESA

Aos VINTE E QUATRO dias do mês de FEVEREIRO de dois mil e dezessete, às 8430 horas, foi realizado, na SALA DE REUNIÕES DO CCTA, na Universidade Federal da Paraíba, a Banca Examinadora de Defesa do (a) discente ELVIS MACIEL GUIMARÃES, matrícula 9015109870, para obtenção do Título de Mestre em Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba.

Título : A COBERTURA JORNALÍSTICA DAS OLIMPÍADAS 2016: APROPRIAÇÃO DO FACEBOOK LIVE PELO SPORTTV

**AVALIAÇÃO**

(X) Aprovado ( ) Reprovado ( ) Indeterminado

As observações sobre o referido trabalho acadêmico encontram-se no verso desta Ata.

**BANCA EXAMINADORA :**

FERNANDO FIRMINO DA SILVA
Prof. Dr. – **FERNANDO FIRMINO DA SILVA** - Orientador (UFPB)

Antonio Simões Menezes
Prof. Dr. – **ANTÔNIO SIMÕES MENEZES** - Membro Titular Externo (UEPB)

Prof. Dr. – **VALDECIR BECKER** - Membro Titular Interno (UFPB)

***Dedico...***

*A meu pai, o maior comunicador.*

*"Quanto mais passos, mais calçadas" (Mica Guimarães).*

# AGRADECIMENTO

A todos os actantes que se associaram a mim e me influenciaram nessa grande caminhada nômade de transformações que é a vida.

# RESUMO

Esta pesquisa apresenta um estudo exploratório e descritivo sobre a cobertura jornalística das Olimpíadas Rio 2016 realizada pelo canal SporTV através da plataforma de transmissão de vídeos ao vivo Facebook Live via *smartphone*. O objetivo é compreender as implicações do uso do *live streaming* sobre a produção da notícia e das práticas jornalísticas a partir de conceitos como mobilidade, jornalismo móvel, jornalismo pós-industrial e actantes. A pesquisa fundamenta-se teórica e metodologicamente na Teoria Ator-Rede para, através do método de Cartografia de Controvérsias, rastrear ações dos actantes humanos e não-humanos presentes na referida cobertura e descrever suas atuações como mediadores ou intermediários nas associações sociotécnicas que geram as transmissões analisadas. Como resultados observamos uma reconfiguração na atuação do jornalista, que passa a desempenhar novas funções, bem como uma maior participação do público na construção das narrativas e também o crescimento da atuação de atores não-humanos como algoritmos, plataformas do Facebook, o *smartphone* e a infraestrutura de redes de conexão de internet.
**Palavras-Chaves:** Mobilidade, Jornalismo Móvel, Facebook Live, Olimpíadas 2016, SporTV, Rotinas Produtivas.

# ABSTRACT

This research presents an exploratory and descriptive study on the journalistic coverage of the Rio 2016 Olympic Games conducted by the SporTV channel through the live video broadcast platform Facebook Live via smartphone. The goal is to understand the implications of using live streaming on news production and journalistic practices from concepts such as mobility, mobile journalism, post-industrial journalism and actants. The research is theoretically and methodologically based on the Actor-Network Theory, through the method of Cartography of Controversies, to trace actions of the human and non-human actants present in said coverage and to describe their actions as mediators or intermediaries in the sociotechnical associations that generate the analyzed transmissions. As a result, we observe a reconfiguration in the journalist's role, which is to perform new functions, as well as a greater participation of the public in the construction of narratives, and also the growth of non-human actors such as algorithms, Facebook platforms, smartphones and infrastructure of internet connection networks.


**Key-Words:** Mobility, Mobile Journalism, Facebook Live, 2016 Olympics, SporTV, Productive Routines.

# LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Características do telefone celular e outros dispositivos móveis .....31

Figura 2 - *Smartphones* e *tablets* conectados à internet, com o complemento de alguns acessórios, são suficientes para produzir e publicar conteúdos jornalísticos .....38

Figuras 3 e 4 - Apropriações do aplicativo Instagram na cobertura dos jogos Rio 2016.....63

Figuras 5 e 6 - Snapchat também foi utilizado no jornalismo na cobertura das olimpíadas.....63

Figura 7 - Transmissão convencional em uma TV .....73

Figura 8 - Transmissão ao vivo por *smartphone* para o Facebook Live .....73

Figuras 9 e 10 - Repórter faz papel de cinegrafista, inclusive alternando entre as duas câmeras do celular.....74

Figuras 11 e 12 - Na seção de comentários, usuários adicionam informações às que estão sendo veiculadas na Live .....76

Figuras 13 e 14 - Usuários guiam narrativa do repórter também através de perguntas .....76

Figuras 15 e 16 - comentários também são usados para tecer críticas e elogios à transmissão.....77

Figura 17 - participação dos usuários impacta sobre a atuação do repórter e sobre o produto final.....77

Figura 18 - Após questionamento do repórter, usuários atestam a qualidade da captação de áudio da transmissão .....78

Figura 19 - Emoticons são utilizados para exprimir sentimentos diante da transmissão.....79

Figuras 20, 21 e 22 - Ao longo da transmissão, *emoticons* com reações dos usuários aparecem nas telas do repórter e dos próprios usuários.....79

Figura 23 - Após repórter comentar sobre corações que os usuários estavam enviando, inúmeros outros *emoticons* de "Amei" foram enviados em reação à interação .....80

Figura 24 - Recirculação, uma nova etapa em potencial do jornalismo .....81

Figura 25 - Usuário tem a opção de compartilhar a transmissão Live durante e depois de sua execução, podendo adicionar novas informações no título do compartilhamento.....81

Figura 26 - Comentários de diversos tipos se misturam ao longo da Live e repórter filtrar quais participações são aproveitáveis positivamente para a transmissão .....83

Figuras 27 e 28 - Reclamações de usuários foram comuns em momentos em que o repórter não interagia com o público ..... 84

Figura 29 - Circulação e recirculação da Live e a atuação de actantes (atores humanos e não-humanos) nas associações ..... 85

Figura 30 - Os usuários recebem notificações de transmissões ao vivo pelo Facebook ..... 86

Figura 31 - Por delegação, o usuário incumbe ao Facebook a ação de notificá-lo quando uma nova transmissão se iniciar na página curtida ..... 86

Figura 32 - O recurso das *hashtags* foi utilizado nas transmissões no Live ..... 87

Figura 33 - Repórter delega ao Facebook a ação de indexar e apresentar o conteúdo aos usuários ..... 87

Figura 34 - O *feed* de notícias é gerado de acordo com algoritmos do sistema do Facebook ..... 89

Figura 35 - O Facebook se alimenta dos dados gerados a partir das experiências dos usuários na rede social para, então, gerar o *feed* de notícias ..... 89

Figura 36 - Na transmissão Live é possível saber instantaneamente quantas pessoas estão online acompanhando ..... 90

Figura 37 - Repórter usa microfone externo visando a solucionar problema da captação de áudio ..... 93

Figura 38 - Transmissão com a imagem pixelada por problemas de conexão com a internet ..... 94

Figura 39 - Transmissões na Austrália sempre contavam com muita movimentação da repórter Manuela Franceschini ..... 95

# LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Maioria das transmissões se caracterizou pelo tom informal das narrativas ..... 69

Gráfico 2 - Transmissões com conteúdo jornalístico ..... 70

Gráfico 3 - Foram observados comentários mal-intencionados na grande maioria das transmissões analisadas ..... 82

Gráfico 4 - Frequência do uso de *hashtags* nos títulos das transmissões ..... 88

Gráfico 5 - Problemas de som foram frequentes na cobertura via Live ..... 92

Gráfico 6 - Utilização de 1 ou 2 câmeras do *smartphone* nas transmissões via Live ..... 93

# LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Características da comunicação em diversos suportes ..... 30

# SUMÁRIO

**INTRODUÇÃO** ..... 12

**CAPÍTULO 1** ..... 21
**1 MOBILIDADES NO CONTEXTO DO JORNALISMO** ..... 21
**1.1 Mobilidades: Definindo o Conceito** ..... 22
**1.1.1 A Tecnologia Móvel e seus Impactos na Sociedade** ..... 30
**1.1.2 Cultura da Mobilidade e as Transições no Jornalismo** ..... 32

**CAPÍTULO 2** ..... 36
**2 JORNALISMO MÓVEL** ..... 36
**2.1 Jornalismo e Dispositivos Móveis Digitais** ..... 37

**CAPÍTULO 3** ..... 42
**3 JORNALISMO PÓS-INDUSTRIAL E INOVAÇÃO** ..... 42
**3.1 O Jornalismo Pós-Industrial** ..... 42
**3.2 A Nova Audiência e os Desafios das Organizações Jornalísticas** ..... 45
**3.3 A Inovação no Jornalismo Pós-Industrial** ..... 46

**CAPÍTULO 4** ..... 49
**4 DESENHO DA PESQUISA E ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS** ..... 49
**4.1 Teoria Ator-Rede** ..... 50
**4.1.1 Controvérsia** ..... 51
**4.2 Procedimentos Metodológicos** ..... 61
**4.3 Aplicação da TAR na pesquisa** ..... 64

**CAPÍTULO 5** ..... 67
**5 RESULTADOS: LIVE STREAMING E TECNOLOGIA MÓVEL NA COBERTURA JORNALÍSTICA DO SPORTV NAS OLIMPÍADAS 2016** ..... 67
**5.1 A Estrutura da Cobertura das Olimpíadas no Rio de Janeiro** ..... 67
**5.2 Transmissão ao vivo do SporTV da Rio 2016 pelo Smartphone** ..... 68
**5.2.1 Identificando atores humanos e não-humanos na cobertura** ..... 70

**5.2.2 Actantes e intermediários nas associações: rastreando os papéis assumidos** ..... 74

**CAPÍTULO 6** ..... 96
**6 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS** ..... 96

**CONCLUSÃO** ..... 99

**REFERÊNCIAS** ..... 103

# INTRODUÇÃO

O jornalismo está constantemente se transformando de acordo com a sociedade na qual está inserido e com as tecnologias que lhe estão relacionadas. Ao passo que as tecnologias móveis e a conexão ubíqua se consolidam cada vez mais, os indivíduos e as práticas profissionais são diretamente afetados pelas condições de mobilidade, como no caso do jornalismo. Os dispositivos móveis trouxeram nova dinâmica ao fazer jornalístico e ao consumo em movimento. Na medida em que a mobilidade traz novas implicações e oportunidades para o trabalho do jornalista - o que provoca uma reflexão acerca dos desafios e da reconfiguração da prática jornalística na contemporaneidade - ao mesmo tempo, lança dúvidas como a dispersão da audiência e a falta de padronização de produção de conteúdos, dois problemas inerentes ao jornalismo pós-industrial.

Para contornar esses desafios, dois caminhos seguidos por organizações jornalísticas que fazem uso de dispositivos móveis na rotina produtiva são a exploração do recurso da instantaneidade - uma das principais características do jornalismo móvel - e a aposta na experimentação, dada a falta de padrões estabelecidos e o caráter efêmero das produções midiáticas em tempos de grande fluxo informacional, pluralidade de fontes e público heterogêneo. É na intercessão entre esses dois caminhos que encontramos o objeto de estudo desta pesquisa: transmissões *live stream* via dispositivos móveis através de redes sociais, um tipo de ferramenta que permite a transmissão de conteúdo audiovisual ao vivo para os seguidores do transmissor pelas redes sociais. É o caso do aplicativo Periscope[1] do Twitter, e do Live[2], recurso vinculado à plataforma do Facebook. Diversos canais de TV, emissoras de rádio e jornais impressos que adotaram estratégias *cross-media*, nas quais incluem dispositivos *mobile*, passaram a utilizar ferramentas desse tipo em coberturas jornalísticas.

Investigar o jornalismo produzido e/ou consumido através de dispositivos móveis é urgente para pesquisadores da área de comunicação, uma vez que a sociedade vive o paradigma da mobilidade desde o advento e a popularização desses dispositivos em suas práticas sociais. Entender os novos fenômenos do jornalismo atualmente nos remete a compreender também o funcionamento das redes sociais, que se tornaram locais de investigação, produção, publicação, circulação e consumo de jornalismo. As redes sociais mudam com o jornalismo e mudam o jornalismo. Conhecer que tipo de jornalismo está sendo

[1]Lançado em Abril de 2015 (para o sistema iOS e em agosto do mesmo ano para o sistema Android) para *smartphones* e *tablets.*

[2]O recurso ficou alguns meses em teste, podendo ser utilizado apenas por celebridades e canais com muitos seguidores. Em fevereiro de 2016, seu uso foi liberado para os demais usuários.

produzido especificamente para redes sociais através de ferramentas de transmissão de vídeos ao vivo auxiliará na compreensão do atual panorama do fenômeno social que incide sobre a prática jornalística.

Como justificativa para análise do fenômeno, contextualizamos que em 2014, pela primeira vez o número de casas que se conectam à internet via celulares ultrapassou o número das que têm acesso através de PCs no Brasil. Segundo dados de 2015 do IBGE[3], 91,2% dos acessos à rede eram realizados por meio de *smartphones*, enquanto os acessos por computadores caíram de 76,6% em 2014 para 70,1% no ano seguinte. Já os acessos através de *tablets* somavam 21,1% do total também em 2015. É interessante observar também que uma parcela da população está tendo seu primeiro contato com a internet graças aos dispositivos móveis, por suas características mais intuitivas de uso e por sua condição mais acessível do ponto de vista financeiro. Esses números nos dão ideia do quanto as tecnologias móveis têm ganho maior relevância na sociedade no tocante ao consumo e produção de informação e como tais tecnologias vêm se difundindo e marchando em direção à ubiquidade.

Sobre o consumo de jornalismo, uma pesquisa do *Pew Research Center*[4] afirma que 61% da geração *millenials* (nascidos de 1981 a 1996) preferem consumir notícias através de mídias sociais, enquanto 61% da geração passada - os *babyboomers* (nascidos de 1943 a 1960) - preferem a televisão para essa função. Percebemos que cada geração tende a seguir as lógicas predominantes de sua época, por isso nos vemos diante de um processo de consolidação de um cenário em que os principais meios de consumo de notícias deixarão de ser os meios tradicionais massivos e estáticos que costumeiramente foram explorados através dos anos pelas grandes organizações midiáticas, seguindo a tendência de crescimento das mídias pós-massivas (LEMOS, 2014b), sobretudo através de dispositivos móveis. Lemos distingue:

> As mídias de função massiva são, em sua maioria, concessão do Estado, controlam o fluxo da informação que deve passar pelos mediadores profissionais, instituem e alimentam um público (audiência, consumidores, massa) e são mantidas por verbas publicitárias, grandes empresas e grupos políticos. Estas mídias criaram a esfera e a opinião públicas modernas. São mídias de informação. As mídias de função pós-massiva surgem com as possibilidades ampliadas de circulação da informação com a globalização das redes telemáticas. O fluxo é descentralizado, típico de uma rede heterogênea, sem centro. A emissão é aberta, sem controle, mais conversacional. (LEMOS, 2014b, p. 28-29).

[3]Disponível em: <http://g1.globo.com/economia/noticia/cai-pela-1-vez-no-brasil-o-acesso-a-internet-por-meio-de-computador-diz-ibge.ghtml>. Acesso em: 23 jan. 2017.
[4]Disponível em: <http://www.journalism.org/2015/06/01/millennials-political-news/>. Acesso em: 06 out. 2015.

Como atores sociais, instituições e práticas profissionais caminham conectados a um cenário macrossocial, não apenas o consumo de jornalismo se tornou móvel, mas também sua produção. Organizações passaram a produzir e propagar conteúdo em uma ubiquidade proporcional à das coberturas das redes telemáticas e transformaram o fazer jornalístico em uma prática desprendida da redação e, ainda mais, dos padrões de *estabilishment* no tocante a linguagem, estética, técnica, gramática etc.

Para entender um pouco do declínio do impacto das mídias de massa, outros dados devem ser observados. Becker e Alves (2015) mostram que o Jornal Nacional da TV Globo perdeu ⅓ de sua audiência (em proporção aos outros canais) entre 2000 e 2013, e que houve queda também quando analisados os números absolutos. Esse fenômeno incide sobre quase a totalidade dos canais brasileiros, tendo apenas a Record registrado leve aumento (0,3%) no mesmo período. O percentual de TVs ligadas (em qualquer canal) no horário do jornal também caiu 13% (BECKER; ALVES, 2015, p. 90). Esses números relativos à televisão demonstram como a sociedade tende a abraçar as mídias pós-massivas, e, como falamos anteriormente, mais especificamente a prática relacionada às tecnologias móveis. Há, além do declínio da TV aberta em relação à TV fechada, igualmente uma migração da televisão como um todo para a internet (BECKER; GAMBARO; SOUZA FILHO, 2015). Ao percebermos perda de força das mídias de massa, enquanto crescem as mídias pós-massivas, e o enraizamento das tecnologias móveis na sociedade, fica clara a relevância social da observância dos fenômenos relacionados ao jornalismo móvel enquanto prática de características majoritariamente pós-massivas e nicho emergente de grande importância no atual cenário jornalístico brasileiro e mundial.

Encontramos-nos imersos em uma realidade na qual o modelo de jornalismo tradicional passou a ser contestado, o que está sendo refletido na tendência de consumo de novas mídias pelas novas gerações e no iminente domínio das tecnologias móveis. A reconfiguração do jornalismo gera incertezas e consequências nos modelos de negócios e nas organizações midiáticas. Apenas em 2015, 1400 jornalistas perderam seus empregos no Brasil[5], sendo boa parte de funcionários de jornais impressos. Não podemos atribuir essa onda de demissões a um suposto declínio do jornalismo em si enquanto instância mediadora entre a sociedade e o real, mas devemos entendê-la como reflexo de uma bolha de mercado que explodiu por não suportar mais a forma como vinha sendo praticado o jornalismo pela

[5]Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/1-400-jornalistas-demitidos-em-2015/>. Acesso em 23 fev. 2016.

maioria das organizações e os caminhos apontam para a necessidade de uma reconfiguração no fazer jornalístico.

É em meio a essa reconfiguração que se encontram as ferramentas de transmissão de vídeos ao vivo através de dispositivos móveis, como recursos que transformam e potencializam o trabalho do jornalista e cuja exploração ainda é incipiente. Neste estudo, inicialmente rastreamos o uso do Periscope, *aplicativo* para *smartphones* e *tablets* lançado em abril de 2015, adquirido posteriormente pelo Twitter e que em seis meses já tinha 10 milhões de usuários[6], e o Facebook Live, recurso vinculado ao Facebook lançado no mesmo ano (83% dos brasileiros que usam mídias sociais - que são 92% dos que usam a internet - usam o Facebook[7]). Tal aceitação e crescimento desse tipo de recurso, além do enorme número de usuários automaticamente adquiridos pelos seus vínculos com duas redes sociais de sucesso fizeram surgir o interesse igualmente rápido de organizações jornalísticas na exploração dessas ferramentas em suas rotinas de trabalho. O uso jornalístico de um um novo canal baseado na ideia de mobilidade, através da instantaneidade e que muitas vezes é utilizado em caráter de experimentação, duas características do jornalismo móvel (SILVA, 2008; WESTLUND, 2015), torna relevante para a academia que sejam realizadas pesquisas acerca desse tema para que possamos entender parte da reconfiguração pela qual passa o jornalismo.

Nas coberturas em tempo real por *streaming*, os aplicativos ainda são recentes e, por isso, não há uma grande gama de pesquisas científicas que abordem esse tipo de transmissão por dispositivos móveis digitais e seus impactos nos diversos campos sociais e, principalmente, no jornalismo. Silva (2008), antes mesmo do advento dos aplicativos que estão em voga na atualidade, discutiu as apropriações dos serviços de *streaming* da época (como Qik, Justin.tv, Kyte.tv, Cover it live, entre outros) por parte do jornalismo e previa a consolidação desse tipo de recurso nas práticas jornalísticas com o desenvolvimento das redes de dados, dos dispositivos móveis e das aplicações.

Stewart e Littau (2016) trazem um debate sobre privacidade e os tensionamentos que surgem nesse âmbito com a proliferação das tecnologias móveis de transmissão de vídeo (*Mobile streaming video technologies [MSVTs])*, usando como exemplos os aplicativos Periscope e Meerkat e sua utilização analisada à luz da constituição americana. Já Rugg e Burroughs (2016) problematizam sobre como aplicativos de transmissão ao vivo (no caso, o Periscope) podem tanto ser utilizados na pirataria, ao transmitir eventos que são protegidos

---

[6]Disponível em: <https://medium.com/@periscope/periscope-by-the-numbers-6b23dc6a1704#.k04ou2elu>. Acesso em: 15 out. 2015.

[7]Pesquisa Brasileira de Mídia, Federação do Comércio do Rio de Janeiro, State of the News Media 2015, Projeto Inter-Meios.

por direitos de transmissão, como podem servir como ferramenta de fortalecimento da democracia e da liberdade de expressão ao oferecer condições de burlar a censura ou sanções em países com governos ditatoriais. Ainda no mesmo diapasão, Faklaris et al, (2016) revisam políticas públicas e literatura da informática e analisam dados a fim de perceber implicações e apontamentos dos aplicativos Facebook Live, Periscope e Meerkat no debate sobre ética e legalidade.

Fichet et al, (2016), através de uma análise empírica de base quantitativa e qualitativa, demonstram e discutem a utilização por parte de cidadãos e jornalistas dos aplicativos de *streaming* usados diretamente de locais em que estão ocorrendo momentos de crise. Os autores relatam que pelas características de imediatez e acessibilidade inerentes a esse tipo de recurso, somadas ao *chat* que acompanha a transmissão, ampliam-se as possibilidades de interação entre pessoas que estão no exato local do acontecimento e outras espalhadas pelo mundo.

García (2016) apresenta em seu estudo a utilização do Facebook Live e do Periscope como ferramentas de inovação no jornalismo. A autora mostra como o usuário ganha novas atribuições nesse tipo de transmissão, podendo participar e interagir com o jornalista, e também demonstra a tendência de que os vídeos dominem majoritariamente o fluxo de dados da internet. O artigo ainda aponta para uma incorporação de diferentes formatos de vídeos pelo *live streaming*, novas narrativas que surgem na rede, a exigência de um jornalista com habilidades mais voltadas para o audiovisual e uma verticalidade se apresentando como tendência.

A respeito da evolução da cobertura midiática dos jogos olímpicos através das décadas, Alzamora e Tarcia (2015) falam da evolução da tecnologia e como esta foi incorporada às práticas midiáticas das organizações que transmitiram olimpíadas até a cobertura multitelas em Londres 2012. Na atualização desse contexto, em estudo sobre jornalismo móvel, Silva, Guimarães e Sobrinho Neto (2016) exploram a experiência do canal esportivo ESPN Brasil com aplicativo de live streaming (Periscope) via dispositivo móvel ao longo de sua programação e infere como o canal utilizou desse recurso nos intervalos comerciais da TV como estratégia para prender a atenção do espectador durante a pausa, e também como meio de promover uma aproximação entre o canal e sua audiência, em um processo de “amigabilidade” através de autorreferencialidade, participação do público, exploração do fator ao vivo e exploração de novos formatos. Foi possível perceber uma grande aproximação dos campos do jornalismo e do entretenimento nas práticas observadas.

Oliveira (2014) traz uma análise sobre o uso de vídeos feitos por *smartphone* por parte de grandes veículos de comunicação nacionais e internacionais na qual ela observa que na maioria dos casos (6 de 9 casos) não era realizada transmissão *streaming* e sim era feita a edição do conteúdo captado para posterior envio do vídeo. A pesquisa também não enfoca em quais as plataformas utilizadas à época nos casos das transmissões ao vivo via *streaming* (que datam de antes do lançamento e popularização do Live e do Periscope).

O fenômeno do *live streaming* se expande para além do jornalismo. Outras áreas também pesquisam os impactos desse tipo de estratégia e de ferramenta em suas práticas. Fuller e Mukhopadhyay e Gardner (2016) discutem o uso do Periscope no ensino de medicina, mais precisamente na área de patologia, apontando prós e contras e debatendo questões éticas e legais que estão associadas à nova prática, enquanto Dowell e Duncan (2016) discute a utilização do aplicativo nos estudos da economia.

Para esta pesquisa, delimitamos o objeto de pesquisa em torno do jornalismo para compreender a utilização da plataforma Facebook Live pelo canal esportivo de TV por assinatura SporTV na cobertura das olimpíadas Rio 2016. A decisão de focar apenas na utilização da plataforma Live se deu após a pouca utilização do aplicativo Periscope pelo canal ao longo dos jogos. O jornalismo esportivo foi escolhido por ser considerado uma modalidade jornalística que explora a descontração e a informalidade, em detrimento de posturas sisudas (OSELAME; FINGER, 2013), e que tem maior independência da produção jornalística (AMARAL, 1969), permitindo-lhe, portanto, maior liberdade para buscar práticas inovadoras através da exploração de novas tecnologias e novos formatos e linguagens. Assim, o jornalismo esportivo se adequa ao caráter informal da maioria das redes sociais. No Brasil, essa é uma categoria do jornalismo especializado mais explorado pela tradição do futebol e dos jogos olímpicos no país.

A delimitação dos jogos olímpicos se justifica por sua magnitude e pelo fato de grande parte da população e da mídia mundiais estar com a atenção voltada para o evento e pelo seu caráter fundamentalmente de mobilidade no que diz respeito a integração de nações, culturas e fluxos informacionais diferentes e oriundos de todos os pontos do mapa *mundi*, em um intenso e imensurável intercâmbio de valores, costumes e práticas.

Já o SporTV é um dos maiores canais dedicados à cobertura esportiva no Brasil e, além disso, lançou, pouco tempo antes das olimpíadas, um programa de recrutamento de profissionais de mídia para trabalharem em diversas áreas na cobertura dos jogos[8], incluindo a

[8]Disponível em: <http://sportv.globo.com/site/programas/rio-2016/noticia/2016/02/globosat-realiza-processo-seletivo-para-os-jogos-olimpicos-do-rio.html>. Acesso em: 07 mar. 2016.

área “Novas mídias”, que seria “responsável pela produção e entrega de conteúdos de vídeos nas diversas plataformas do canal SporTV” (SPORTV.COM) incluindo aplicativos mobile.

Ao observarmos o crescimento da utilização desse tipo de recurso por organizações jornalísticas, **questões de pesquisa** ajudam na problematização sobre as estratégias de uso desses recursos do jornalismo. Como o uso de aplicativos que possibilitem transmissão de vídeo ao vivo via *mobile* impacta sobre a prática jornalística? Em que aspectos os critérios de noticiabilidade são redefinidos?

Para a investigação em torno dessa problematização, a pesquisa tem como **objetivo geral** "Investigar a cobertura e as narrativas das Olimpíadas de 2016 efetuadas por meio da utilização de ferramentas de *live streaming* para dispositivos móveis na produção jornalística do SporTV". Como norteamento para os **objetivos específicos,** pretende-se: 1. Investigar transformações nas narrativas jornalísticas em produções feitas em *live streaming* por dispositivos móveis; 2. Investigar como o caráter da instantaneidade das ferramentas de transmissão ao vivo impacta nas rotinas produtivas do jornalismo; 3. Descrever a atuação dos atores humanos e não-humanos nas estratégias de transmissão.

Para compreensão do fenômeno, abordaremos o aspecto teórico-conceitual a partir de uma perspectiva interdisciplinar, perpassando a comunicação, a geografia, a sociologia, a computação, entre outros campos e subcampos do conhecimento, considerando a abrangência. Logo, trataremos de conceitos como mobilidade (URRY, 2007; LEMOS, 2007; SANTAELLA, 2007), jornalismo móvel (SILVA, 2013; QUINN, 2008), nomadismo (MAFFESOLI, 2001; URRY, 2007; BAUMAN, 2003), jornalismo pós-industrial (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013), convergência jornalística (SALAVERRÍA; 2003), entre outros conceitos-chaves.

Para embasar nossa pesquisa, fundamentamos conceitos teóricos que guiam a composição desta dissertação. Objetivando compreender conceitos inerentes ao jornalismo móvel, partimos, no **capítulo dois**, das ideias de nomadismo e mobilidade, a fim de entendermos como o homem e as sociedades estão, desde sempre, vinculados à ideia de movimento e como as evoluções tecnológicas otimizaram a mobilidade em suas conotações plurais ao longo dos anos.

Em seguida dialogamos com o conceito de supermodernidade para melhor compreensão dos tempos atuais em que a mobilidade em sua instância informacional se apresenta como circunstância e consequência determinantes no cotidiano social e comunicacional. Versamos, ainda nesse capítulo, sobre os impactos das tecnologias móveis na sociedade, desde o celular, passando pelos *smartphones* e *tablets* e chegando aos dispositivos vestíveis inteligentes e

como esses impactos devem ser entendidos como resultados não apenas das evoluções tecnológicas, tampouco unicamente pela evolução do homem, mas pelas ações dos híbridos sujeito-objeto, que, como partes integrantes e indissolúveis de uma rede de atores, afetam a construção do real social. Adiante, discutimos como o jornalismo sempre esteve ligado à ideia de mobilidade, muito embora em condições técnicas históricas que não permitiam que essa potencialidade fosse plenamente explorada, e chegamos à ideia de jornalismo móvel propriamente dito, com o surgimento e apropriação dos dispositivos móveis pelas práticas diárias que constroem a existência do jornalismo.

O **capítulo três** explora o que aqui chamamos de jornalismo pós-industrial, perpassando pela ideia de pós-modernidade e de período pós-industrial e pela importância da inovação para atividades capitalistas nessa época. Dentro do jornalismo que aqui chamamos de pós-industrial, situam-se as novas experimentações de transmissões através de ferramentas de *live stream*. Neste capítulo discutimos seus impactos sobre a prática jornalística e os critérios e recursos utilizados por organizações midiáticas na produção desses conteúdos.

No capítulo seguinte, tratamos das questões que concernem à metodologia de pesquisa e procedimentos que norteiam o trabalho a fim de alcançar respostas para os questionamentos e objetivos propostos. A pesquisa se deu através de investigação exploratória de rastreamento, a partir da perspectiva da Teoria Ator-Rede (LATOUR, 2005), dos conteúdos jornalísticos produzidos em dispositivos móveis via Facebook Live pelo canal SporTV durante as Olimpíadas Rio 2016, não apenas por se tratar de um evento que atrai a atenção de grande parte da população e, consequentemente, da mídia mundial, mas também pelas características mais brandas das coberturas jornalísticas esportivas, que as tornam mais propensas à experimentação de novos formatos e narrativas. Ao analisarmos as transmissões do canal via Live, a partir da Teoria Ator-Rede e de sua metodologia (Cartografia de Controvérsias), buscamos compreender a reconfiguração das associações sociotécnicas que possibilitaram as transmissões jornalísticas estudadas, sendo, assim, possível perceber actantes e intermediários nas relações e averiguar a participação de atores humanos e não-humanos na prática jornalística em mobilidade.

No capítulo de resultados, desenvolvemos um complexo rastreamento das transmissões do SporTV via Facebook Live, no qual fazemos uso de dados quantitativos e esquemas gráficos para auxiliar a percepção qualitativa da atuação dos actantes e intermediários presentes nas associações sociotécnicas que originaram os produtos em questão neste trabalho, pelo prisma dos conceitos e técnicas da Teoria Ator-Rede discutidos no capítulo anterior. No fim desse capítulo, fazemos uma discussão em que analisamos os

resultados encontrados em perspectiva com a fundamentação teórica desenvolvida anteriormente.

# CAPÍTULO 1
# MOBILIDADES NO CONTEXTO DO JORNALISMO

Diante de uma sociedade em que a internet se tornou realidade consolidada e cotidiana para uma grande parcela da população, podemos compreender como uma revolução dessa realidade o advento das tecnologias móveis, que fizeram surgir a possibilidade de uma internet ubíqua (PAVLIK, 2014) e, portanto, uma série de desdobramentos. *Smartphones, tablets* e dispositivos vestíveis, além de conexões *wi-fi*, 3G e 4G, fizeram com que a fronteira entre mundo físico e mundo virtual (LEVY, 2001) fosse diluída. Lemos afirma que "As cibercidades da cibercultura estão se constituindo hoje como 'ambientes generalizados de acesso pessoal e móvel à informação', constituindo um 'território informacional'" (LEMOS, 2007, p. 128).

Não mais é necessário o desprendimento da realidade física para se ter acesso ao ciberespaço. Ambos se fundem no que Lemos (2007) chama de espaços híbridos. A mobilidade dos dispositivos deu ao usuário a possibilidade de não apenas ter a mobilidade física - de se mover de um lugar para outro -, mas a mobilidade informacional, que permite o deslocamento social a qualquer momento e a partir de qualquer local (URRY, 2000). É o que Santaella (2007) chama de cultura da mobilidade, uma "variação avançada da cibercultura" (SANTAELLA, 2007).

Maffesoli (2001) entende que o ser humano tem pulsão por mobilidade. Somos nômades desde sempre. Mesmo após assumir práticas sedentárias, os povos continuaram buscando viajar, manter contato com outras culturas, expandir o conhecimento, seja através da mobilidade física ou informacional. "A atual configuração comunicacional nos coloca em meio a novos processos «pós-massivos» que vão permitir emitir, circular e se mover ao mesmo tempo. A mobilidade informacional é o diferencial atual" (LEMOS, 2007, p. 127). No tocante ao jornalismo, é preciso que percebamos sua natureza essencialmente móvel no que diz respeito a transportar informação de um ponto para outro(s). Lemos afirma:

> As cidades e os processos midiáticos que lhes são correlatos e estruturantes, como o jornalismo e depois as mídias audiovisuais, são desde sempre fluxo, troca, deslocamento, desenraizamento e desterritorializações (das relações sociais, das informações e dos territórios). (LEMOS, 2007, p. 122).

Silva (2014) entende que os novos laços estabelecidos entre dispositivos móveis e espaços urbanos originam “impactos sobre as práticas jornalísticas na combinação híbrida entre convergência e mobilidade de modo a estabelecer uma nova dinâmica nas quatro etapas do jornalismo” (SILVA, 2014, p. 24). O autor defende a divisão de etapas da produção jornalística em consonância com Machado (2007), quais sejam, apuração, produção, circulação e consumo de informações. Para Silva, ainda, essas etapas influenciam de certo modo nos critérios de noticiabilidade (SHOEMAKER, 2014) - que aqui entendemos como os critérios adotados na decisão de quais acontecimentos têm relevância suficiente e valem a pena de serem transformados em notícias - em seu percurso contextual. Por outro lado, esses impactos sobre as práticas jornalísticas findam por também gerar impactos sobre os espaços urbanos, gerando novas territorialidades, por estarem constantemente criando ou adicionando novos sentidos aos espaços urbanos graças às conexões com a internet e às ferramentas de geolocalização, através da “superposição de camadas informacionais aos lugares do espaço público” (LEMOS, 2007, p. 134), fortalecendo a ideia de lugares, no sentido de espaços pelos quais nutrimos relações de pertencimento.

A inserção de tecnologias móveis na prática jornalística fez surgir o conceito de jornalismo móvel, para o qual defendemos a definição de:

> O uso de tecnologias móveis digitais e tecnologias sem fio para a produção jornalística diretamente dos locais de apuração abrangendo, igualmente, o consumo de informações em condições de mobilidade física ou virtual. As duas perspectivas - produção e consumo - estão diretamente vinculadas aos pressupostos dessa relação entre jornalismo e mobilidade. (SILVA, 2014, p. 25).

Portanto, é preciso compreender o mundo atual como um lugar cada vez mais permeado pela mobilidade no cotidiano, em seus costumes, práticas e profissões. Desse modo, etapas do jornalismo de que dependem seja do jornalista ou do público passam a ficar ainda mais relacionadas a esse conceito.

## 1.1 Mobilidades: Definindo o Conceito

O conceito de mobilidade nos direciona a uma interpretação denotativa que a relaciona a movimento. Essa noção termina nos levando ao equívoco de relacioná-lo apenas ao ato de se mover ou mover um objeto entre dois pontos no espaço físico. Mobilidade é um conceito multifacetado e, na concepção de Maffesoli (2001), emerge na figura do que ele chama de

nomadismo, que vem do desejo instintivo do homem de se mover. “É uma espécie de ‘pulsão migratória’ incitando a mudar de lugar, de hábito, de parceiros, e isso para realizar a diversidade de facetas de sua personalidade” (MAFFESOLI, 2001, p. 51). Por isso, o autor entende que apesar de termos, por muitos anos, vivido sob influência do mundo industrial moderno, que impunha costumes sedentários e valores sólidos, somos todos nômades, e esse nomadismo ganha mais vazão com os avanços tecnológicos e impactos sociais do mundo pós-moderno. O teórico francês vincula a própria ideia de existir ao movimento: “... a própria palavra existência (ek-sistência) evoca o movimento, o corte, a partida, o longínquo. Existir é sair de si, é se abrir a um outro, ainda que através de transgressão” (MAFFESOLI, 2001, p. 31).

O fluxo informacional que surge a partir do contato entre culturas (com o outro) implica em conhecer melhor e moldar sua própria cultura a partir das diferenças. O intercâmbio de informações e costumes está diretamente ligado à construção das identidades culturais das sociedades. A natureza da evolução humana está no devir (MAFFESOLI, 2001), em sempre se adaptar e não pensar qualquer coisa como acabada e padronizada, sejam técnicas, costumes, padrões ou tecnologias.

No contexto da discussão de Augé (1994) e Maffesoli (2001), estabelece-se uma interface entre a modernidade e a mobilidade. Por muitas eras, a mobilidade era impregnada na cultura da época. Na idade média era-se muito móvel, apesar de ser uma mobilidade limitada por precárias condições de deslocamento, o que reduzia as relações quase sempre a contatos com culturas mais próximas. Entretanto, os contatos entre os povos e as relações eram mais fluidas. A modernidade impregnou na sociedade a necessidade de se fazer tudo funcionar aos moldes da indústria. Essa visão de modernidade fez surgir a ideia de sociedade de massa, na qual as grandes indústrias tinham uma relação vertical com seus consumidores, que eram vistos efetivamente como uma massa homogênea. A produção se dava para uma espécie de homem médio, padrão, a fim de atingir o maior número possível de consumidores. Isso, somado às poucas possibilidades de mobilidade física da época, fez com que as relações ficassem cada vez mais fixas e sólidas (HARVEY, 2008).

Com a maior fluidez peculiar aos tempos pós-modernos, volta mais forte a pulsão migratória e com isso o enfraquecimento dos laços nas relações sociais. O homem passa a ter mais experiências individualizadas (AUGÉ, 1994), e com a caminhada da internet rumo à ubiquidade e o crescente número de possibilidades que isso proporciona, cada dia mais o indivíduo tem autonomia para traçar seu próprio caminho.

A ideia de nomadismo de Maffesoli engloba também a noção do nômade não apenas como aquele que se move fisicamente, mas aquele que está em constante movimento nas diversas formas, sobretudo da inquietação, de não estar de acordo com a padronização e normatização imposta, de querer sempre conhecer o diferente. Constantemente em sua obra, o autor francês emprega o termo "vagabundo"[9] para descrever o errante. Apesar da conotação pejorativa que esse termo tem na língua portuguesa, a concepção de vagabundo como aquele que vaga por aí, que está sempre errante, é uma pertinente metáfora para descrever o nômade do século XXI, que está sempre mudando.

Essa ideia do nômade contestador, relacionado à não-continuidade do estabelecido, é comungada por autores como Bauman (2003), Levinson (2004), Santaella (2007), Urry (2000) e Deleuze e Guattari (1995). Trazendo para a realidade atual, Urry entende que a noção de nômade é mais complexa e envolve uma série de aspectos na relação com a sociedade: "Nômades caracterizam sociedades de desterritorialização, constituídas mais por linhas de fuga do que por pontos ou nós" (URRY, 2001, p. 27)[10]. A vida social e suas relações na idade pós-moderna não se caracterizam, para Urry, como nós fixos, mas como constantes fluxos. Esses fluxos se dão no que Santaella define como rede nômade:

> Na rede nômade [...], sem desconhecer os pontos de ancoragem, o nômade prefere o movimento dos caminhos entre pontos. São os caminhos que importam, pois a vida nômade pressupõe estar sempre no meio do caminho. Os espaços nômades são lisos, pois os caminhos também são móveis, apagam-se e deslocam-se na trajetória sem pouso. São também caminhos construídos à medida que se caminha ("não há caminhos, há que caminhar"). (SANTAELLA, 2007, p. 236).

A percepção da ideia de nômade remete a uma ideia de desterritorialização. O Nômade pertence mais aos caminhos que aos pontos. Entretanto, Lemos (2007) defende que a desterritorialização também representa novas territorialidades ou reterritorialização numa relação entre mobilidade e lugar ou território. Essa identidade é cada vez menos pertencente a certo lugar e sua cultura e mais ligado ao fluxo. É o movimento que constrói sua identidade.

---

[9]No início das sociedades burguesas, aqueles que fugiam dos padrões normativos consolidados e se deixavam levar por uma vida às margens desses costumes eram donos de bares, artistas viajantes, bêbados, dançarinas, cantores, donos de boates, donos de bordéis, que na França eram chamados *La Boheme*, de onde surgiu o que chamamos de boemia, justamente aqueles que até hoje, não raramente, são rotulados como vagabundos. Um exemplo mais simbólico é o *Rock'n'roll*, ritmo conhecido por fazer parte de uma contracultura de contestação e inquietude, que tem desde sua nomenclatura a noção de movimento. E em conotações mais mundanas, o termo era constantemente empregado para remeter a festas mais pesadas. "*Let's rock'n'roll tonight!*" muitas vezes eram palavras de ordem para uma noitada. (MAFFESOLI, 2001).

[10]"Nomads characterise societies of de-territorialisation, constituted by lines of flight rather than by points or nodes". (URRY, 2001, p. 27, tradução nossa).

Para Urry, “a desterritorialização nômade tem sido articulada como forma de desafiar limites disciplinares e práticas culturais hegemônicas para ‘marginalizar o centro’” (URRY, 2001, p. 28)[11]. Ele ainda evoca Braidotti (1994) quando diz que o nômade é visto como uma metáfora que “proporciona uma consciência crítica que resiste a códigos culturais dominantes” (URRY, 2001, p. 28)[12].

A propósito, não só o indivíduo pós-moderno aumenta suas práticas ligadas ao fluxo e ao movimento, mas toda a sociedade, e boa parte do crescimento da mobilidade e do nomadismo através dos séculos se deu com o advento de novas técnicas e tecnologias. A locomotiva a vapor, a expansão da malha ferroviária, os automóveis, a expansão da malha rodoviária, o avião, o crescimento do número de aeroportos ao redor do mundo, tudo isso fez com que povos de diferentes culturas se aproximassem. Era a possibilidade de percorrer distâncias que antes eram intransponíveis em apenas algumas horas e a chance de maior intercâmbio cultural, de conhecer o outro para conhecer a si mesmo. Como se busca o diferente quando não se conhece sua existência? O choque cultural e o olhar externo, as conversas em feiras, praças e bares, os congressos, tudo isso faz com que grandes cargas de cultura estejam em constante fluxo entre os mais diversos pontos do planeta.

Entretanto, não podemos reduzir a mobilidade ao mero deslocamento espacial de um corpo. Como vimos anteriormente, o indivíduo nômade carrega também uma carga interior de movimento. Paradoxalmente, é possível mover-se sem se mover. Qualquer impulso simbólico que nos faça viajar em pensamento até outro local que não o local em que seu corpo está naquele momento gera também um tipo específico de mobilidade. Para Urry, “são os fluxos informacionais e comunicacionais que comprimem dramaticamente distâncias de tempo e espaço entre pessoas, corporações e estados” (URRY, 2000, p. 14)[13]. Trata-se da chamada mobilidade informacional. De modo geral, a mobilidade para este estudo é compreendida a partir de Lemos (2009), Deleuze e Guattari (1995) e Urry (2000) como uma instância dividida em três dimensões fundamentais: o pensamento - que é essencialmente desterritorialização; a mobilidade física - o movimento espacial de pessoas e objetos; e a mobilidade informacional-virtual (LEMOS, 2009).

Apesar de a mobilidade informacional fazer parte da comunicação de massa desde o telégrafo sem fio, da escrita e da oralidade, é com o surgimento da internet que ela passa a ser

---

[11]“Nomadic deterritorialisation has been articulated as a way of challenging disciplinary limits and hegemonic cultural practices to ‘marginalize the centre” (URRY, 2001, p. 28, tradução nossa).

[12]“Provides a critical consciousness that resists dominant cultural codes”. (URRY, 2001, p. 28, tradução nossa).

[13]“Informational and communicational flows which dramatically compress distances of time and space between people, corporations and states”. (URRY, 2000, p. 14, tradução nossa).

potencializada. O fluxo informacional entre culturas se fortalece como nunca a partir dessa possibilidade de contato com oferta e consumo de conteúdo entre pontos fisicamente distantes mas que se tornam acessíveis sem a necessidade de deslocamento espacial.

Augé (1994), ao defender o conceito de supermodernidade, entende que vivemos uma época que apresenta como principais características os excessos, representados pelo autor pela superabundância espacial gerada pelo "encurtamento" de distâncias, que é potencializado através do crescimento justamente da mobilidade informacional. O excesso da supermodernidade também é caracterizado pela ideia de superabundância factual - aceleração do tempo não apenas no sentido de que os fatos acontecem mais rapidamente, mas também são conhecidos pela população quase que instantaneamente - e a experiência cada vez mais individualizada do cidadão na vida das cidades (AUGÉ, 1994). As características da supermodernidade apontam para uma realidade de padrões mais fugidios dada a fluidez advinda dos excessos implicados na aceleração do tempo e no encurtamento espacial. O isolamento do indivíduo causado por essas características da sociedade causa impactos diretos na construção e no fortalecimento de relações entre sujeitos, que dão, por sua vez, existência à ideia de cidade.

Inseridas no contexto da supermodernidade, as cidades da contemporaneidade são configuradas, de fato, através de uma constante tensão entre a fixação e a efemeridade (LEMOS, 2009), e isso demonstra a constante alternância (ou concomitância) entre a preferência pelo estabelecido e o diferente, o consolidado e o ousado, a garantia da produção padronizada e a audácia da inovação, o endógeno e o exógeno. Essa dualidade em alternância exprime, necessariamente, movimento. "É nesse movimento que se produz a política, a cultura, a sociabilidade, a subjetividade" (LEMOS, 2009, p. 28). A condição que proporciona "a mobilidade de pessoas, objetos, tecnologias e informação sem precedente" (LEMOS, 2009, p. 28) é o conceito-chave da cidade informacional.

A ideia de constante fluxo, de relações, práticas e costumes pervasivos, que não são facilmente "represados", que estão sempre desafiando aqueles que tentam imobilizá-los, é percebida através da metáfora da liquidez presente no conceito de modernidade líquida defendido por Bauman (2001). Em tempos de fervorosa mobilidade e, com isso, intenso fluxo informacional e intercâmbio entre povos, principalmente desde o advento das redes telemáticas, é difícil pensar a sociedade como uma estrutura concreta, rígida e engessada, que seja possível domar. O líquido é fluxo constante, que, quando se pensa estar a dominá-lo, escorre pelos dedos.

Desde o surgimento dos dispositivos de tecnologia móvel digitais, a mobilidade ocorre tanto na possibilidade de receber mas como também de consumir em movimento. Santaella diz que "Cada vez menos a comunicação está confinada a lugares fixos, e os novos modos de telecomunicação têm produzido transmutações na estrutura da nossa concepção cotidiana de tempo, do espaço, dos modos de viver, aprender, agir, engajar-se, sentir [...]" (SANTAELLA, 2007, p. 25). A concepção de uma sociedade permeada por constante movimento e por processos comunicacionais de fluxo entre diversos pontos também em movimento cria a ideia de rede em movimento, ou rede nômade (SANTAELLA, 2007).

É importante observar que não podemos separar os tipos de mobilidade (LEMOS, 2009). Computadores *desktop* conectados à internet e telefones fixos, embora sejam aparelhos imóveis, têm a capacidade de oferecer mobilidade informacional-virtual e, por isso, já causaram impacto nas demais mobilidades e nas práticas sociais em seus anos de domínio na comunicação. Entretanto eles insistiam que os usuários tinham que estar imóveis (LEVINSON, 2004). O surgimento de dispositivos que não só oferecessem mobilidade informacional mas também mobilidade física (principalmente quando computador e telefone se tornaram um só - o *smartphone*) veio a gerar impactos ainda maiores na construção das práticas sociais, conforme explora Lemos (2009):

> Com as novas mídias móveis digitais, ampliam-se as possibilidades de consumir, produzir e distribuir informação, fazendo com que esta se exerça e ganhe força a partir da mobilidade física. Por exemplo, o simples ato banal de enviar um SMS, uma foto, postar no blog ou alimentar redes sociais com um telefone celular, revela essa nova relação sinérgica entre as mobilidades, impossível com os mass media. Com estes era possível apenas o consumo em mobilidade (ouvir rádio no carro, ler um livro no avião ou revista e jornal no ônibus...), sendo a capacidade produtiva rara e a de distribuição imediata impossível. (LEMOS, 2009, p. 30).

Os telefones inteligentes atuais não só permitem a mobilidade física e informacional do usuário e a possibilidade de consumo e produção de informação em movimento, mas também são móveis em sua essência. Diferentemente dos primeiros celulares, que vinham de fábrica com sua configuração fechada permitindo ao usuário apenas algumas personalizações superficiais e da televisão, por exemplo, que não permitia praticamente nenhuma personalização, o *smartphone* é errante, é inacabado, está sempre se redefinindo, de acordo com as experiências vividas pelo seu proprietário (URRY, 2000). Ele é mais fluxo do que nó. Ele já nasceu como elemento de confrontamento e inquietação em uma sociedade até tão

pouco tempo dominada pelos meios de massa. O *smartphone* é o símbolo maior da vagabundagem contemporânea, no sentido pregado por Maffesoli (2001).

É bem verdade que a ideia de mídia de função pós-massiva (LEMOS, 2014b) já era real desde a difusão da internet, todavia, é com os dispositivos móveis que ela ganha esse caráter de dupla mobilidade e realmente se vê atingindo um número cada vez mais próximo da totalidade da população nos centros urbanos. E não se trata apenas de um impacto quantitativo. Levinson diz que: "A mobilidade física-mais-conectividade pelo mundo - que o celular nos oferece - pode ser mais revolucionária do que toda a informação que a internet trouxe pra dentro de nossos quartos" (LEVINSON, 2004, p. 8)[14].

Toda a vasta gama de informações que a internet nos fornecia a partir de pontos fixos agora são experienciadas em conexão com uma gama ainda mais complexa de informações que o mundo real nos oferece, possibilitando uma independência geográfica pelo fato de que casa e trabalho podem ser carregados com você através de um dispositivo acoplado em seu corpo ou em sua bolsa (MAKIMOTO; MANNERS, 1997). Essa conexão em movimento é que cria a possibilidade de sermos sujeitos *always on,* sempre conectados, e relativiza ideias como a de *entrar na internet* (SANTAELLA, 2007). Para estar na internet não é mais necessário que nos desprendamos do mundo real. Levinson (2004) entende que o mundo está se tornando um ambiente mais responsivo (e de disponibilidades) e que no mundo menos responsivo que estamos deixando para trás, nós não só tínhamos menos acesso a informações quando estávamos *outside* (no mundo externo, fora de nosso isolamento do lar ou do trabalho), como não tínhamos acesso algum ao mundo externo quando estávamos *inside*, conectados à rede à procura de informações. O autor afirma que "A nova capacidade de acessar a rede com o sol em nossos rostos finalmente coloca a informação em seu local apropriado: como parte da vida, parte do mundo, para ser obtida enquanto estamos no mundo real, não isolados dele, a menos que prefiramos dessa forma" (LEVINSON, 2004, p. 119)[15]. Ciberespaço e mundo físico se tornam um mundo híbrido de conexões e fluxos constantes.

A própria ideia de ciberespaço enquanto espaço virtual de comunicação mediada por máquinas (LEVY, 1999) já evoca a mobilidade, porque não há outra forma de habitá-lo senão pelo movimento, volúvel e incansável, característico de um visitante, através de suas arquiteturas líquidas (SANTAELLA, 2007). A partir da hibridização entre ciberespaço e

---

[14]"Physical mobility-plus-conectivity through the world - what cellphone brings us - may be more revolutionary then all the information the Internet brings to us in rooms". (LEVINSON, 2004, p. 8, tradução nossa).

[15]"The new capacity to access the web with the sun on our face finally puts information in its proper place: part of life, part of the world, to be obtained while we're are in the real world, not removed from it, unless we prefer this way". (LEVINSON, 2004, p. 119, tradução nossa).

mundo físico esse movimento se torna ainda mais intenso, visto que nesse tipo de ambiente, "Presença e ausência intercambiam-se, sobrepõem-se em um mesmo espaço, gerando a vivência da ubiquidade: estar lá, de onde me chamam, e estar aqui, onde sou chamado, ao mesmo tempo" (SANTAELLA, 2007, p. 236).

A mobilidade, através dos anos e em todos os seus aspectos, tem estabelecido estreita relação entre sujeito-objeto, numa compreensão híbrida em uma relação de afetação e alternância de posições, na qual cada componente - chamado por Latour (2005) de actante (humano ou não-humano) - do híbrido ora está em posição de protagonismo, ora atua como coadjuvante, mas nunca separados, em uma constante relação ator-rede (URRY, 2000; LATOUR, 2005[16]; LEMOS, 2014a). Urry (2001) ilustra essa relação híbrida com o exemplo do *citizen-gun* trabalhado por Michael (1997), no qual ele entende que, quando estão juntos, tanto a arma quanto o homem são transformados. Não se deve pensar que quando o homem entra em um recinto e dispara contra outrem o responsável pela ação foi o homem, tampouco que foi a arma. "O que age ao atirar é o arma-cidadão. Trata-se de uma ação efetuada por e através da rede ou relação entre a arma e a pessoa" (URRY, 2000, p. 78)[17]. Os atores conectados em rede são os responsáveis conjuntamente pela ação realizada pelo híbrido que formam. Essa perspectiva é pertinente para que a sociologia se volte mais à participação dos objetos no desenvolvimento das ações na sociedade.

Lemos (2014a) corrobora com a Teoria Ator-Rede de Bruno Latour (2005) e critica esse tipo de pensamento essencialista que tende a separar o homem da técnica: "A 'técnica' deve ser vista menos como substantivo e mais como movimento de composição de humanos e não humanos, onde sujeito e objeto se constroem mutuamente" (LEMOS, 2014a, p. 2). O autor continua: "o ator-rede se define pelas associações às quais ele se vincula a cada momento, e não por uma substância ou uma essência. Ele é mais subsistência do que substância" (LEMOS, 2014a, p. 3). O entendimento das ações como resultados de relações entre actantes, que passam a *ser* mais no outro do que em si remete todas as relações e ações sociais à ideia de mobilidade, pois nem a posição do sujeito em relação ao objeto é fixa, mas sim permanecem em incessante negociação e alternância e cada momento que se desenrola transforma todos os atores e também toda a rede, que jamais será a mesma. Esse complexo jogo de negociações entre atores nos mostra o caráter móvel da sociedade e como esse movimento está completamente ligado também aos actantes não-humanos (LEMOS, 2014a).

---

[16]Apesar de a obra aqui citada ser do ano de 2005, os estudos de Bruno Latour sobre as relações entre actantes humanos e não-humanos vêm desde a década de 1980.

[17]"What acts in the firing is the gun-citizen. It is an agency effected by and through the network or relationship between the gun and the person". (URRY, 2000, p. 78, tradução nossa).

À medida que as tecnologias avançam, o papel do objeto no híbrido sujeito-objeto ganha mais relevância e impacto nas diversas práticas sociais[18]. Antes de nos atermos às modificações que isso vem possibilitando efetivamente ao jornalismo, na próxima seção tentaremos compreender como o objeto que é símbolo do nomadismo e da mobilidade, o celular/*smartphone*, em relação de hibridismo com o homem, vem sendo importante nas mudanças ocorridas na sociedade do mundo pós-moderno.

### 1.1.1 A Tecnologia Móvel e seus Impactos na Sociedade

Barcos, carros, trens, aviões, a escrita, as telecomunicações, entre outros, foram meios criados pelo homem que serviram como formas de tirá-lo do seu lugar de acomodação em busca de desbravar o desconhecido ou conhecer melhor o pouco conhecido. A partir desses movimentos, construíram-se diversas mudanças da sociedade através do tempo. O fluxo de informações e culturas molda os envolvidos nessa relação de afetações (Quadro 1).

Quadro 1 - Características da comunicação em diversos suportes[19]

| Recepção/Utilização/Consumo em movimento | | Produção e emissão em movimentos | Transmissão/Comunicação em tempo real | Feedback instantâneo |
|---|---|---|---|---|
| Tábua, Papiro, Pergaminho e cartas | SIM | NÃO | NÃO | NÃO |
| Livros e jornais impressos | SIM | NÃO | NÃO | NÃO |
| Telégrafo | NÃO | NÃO | SIM | NÃO |
| Telefone fixo | NÃO | NÃO | SIM | SIM |
| Rádio | SIM | NÃO | SIM | NÃO |
| TV | NÃO | NÃO | SIM | NÃO |
| Internet em desktop | NÃO | NÃO | SIM | SIM |

Fonte: Elaboração própria

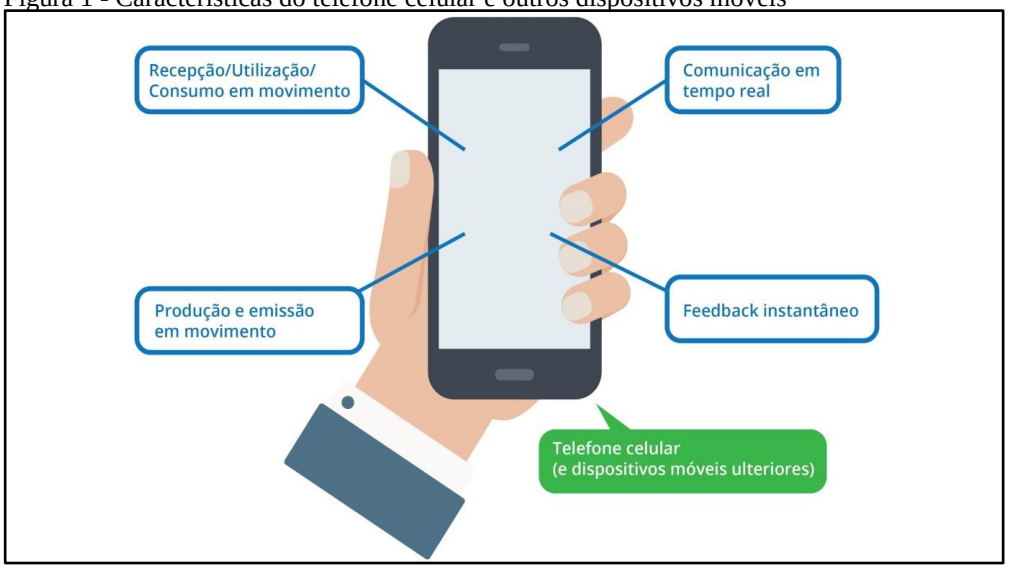
[18]No contexto do jornalismo, os actantes não-humanos ganham cada vez mais espaço e são colocados em condições de protagonismo na construção de produtos jornalísticos. O jornal americano The Washington Post gerou notícias totalmente produzidas e publicadas *online* por robôs durante as Olimpíadas do Rio de Janeiro, através de *software* que permite coberturas mais objetivas sem a participação direta de mão-de-obra humana. Disponível em: <http://www.recode.net/2016/8/5/12383340/washington-post-olympics-software>. Acesso em: 10 ago. 2016.

[19] A leitura em movimento, apesar de incômoda e inapropriada, é possível, por isso estão assinalados com SIM os quadros "Livros e Jornais impressos" e "Tábua, Papiro, Pergaminho e Cartas". O telefone sem fio, apesar da liberdade de movimento, está preso ao radio de captação da antena de sua base, que está fixada na parede do ímóvel; Houve experiências com telefones em carros, mas sem muita relevância, por isso, não estão relatadas no quadro. Enquanto a AT&T desenvolvia tecnologia de telefones para automóveis, a Motorolla decidiu focar seus esforços no que vinha a se tornar o telefone celular (LEVINSON, 2004). As transmissões em movimento da TV sempre encontraram diversos obstáculos físicos e tecnológicos que as tornavam rarefeitas ou bem limitadas. Já a recepção em movimento aconteceu em modelos portáteis e em automóveis, mas nunca conseguiram ganhar espaço e relevância na sociedade (não antes dos *smartphones*).

Levinson (2004) defende em três estágios[20] (A, B e C) para a evolução do processo da mobilidade. As tábuas dos dez mandamentos, papiros, pergaminhos, livros e jornais impressos, transmissões radiofônicas, telégrafo, telefone, transmissões televisivas, internet via computadores desktop… todas essas tecnologias fizeram as mensagens do processo comunicativo possíveis de serem visualizadas em quaisquer pontos do planeta.

Nota-se que, no que diz respeito à Recepção/Utilização/Consumo em movimento, Produção e emissão em movimento, Transmissão/Comunicação em tempo real, *Feedback* instantâneo, em séculos de evolução, nenhum aparelho conseguiu atingir um nível de complexidade que o permitisse conter todas as características. Não havia conseguido, até o surgimento do telefone celular (Figura 1), aparelho que passou a reunir as características necessárias para dar vazão aos anseios de uma sociedade que almeja a mobilidade e foi visto por Levinson como "o epítome da mobilidade na mídia por permitir tanto recepção e produção, permite imediatamente e a longas distâncias, e permite de forma interativa" (LEVINSON, 2004, p. 52)[21].

Figura 1 - Características do telefone celular e outros dispositivos móveis[22]




Fonte: Elaboração própria

[20]A mobilidade da comunicação dependia de que o emissor de alguma mensagem oral ou gestual se locomovesse até onde se encontrava o pretenso receptor. Esse é o Estágio A, na divisão entre estágios A, B e C da história da tecnologia entendida por Levinson (2004). Artes rupestres nas paredes das cavernas fizeram com que a mensagem fosse entregue ao receptor sem a necessidade da presença corpórea concomitante do emissor: Estágio B. Percebeu-se que interessante era a comunicação sem necessidade de coexistência espacial entre os envolvidos no processo. Logo tratou-se de gravar os conteúdos em suportes portáteis, que facilitaria sua mobilidade até o destinatário. A partir daí inúmeras evoluções foram perseguidas visando a facilitar a mobilidade da comunicação no sentido do consumo em movimento (Estágio C).

[21]"...the epitome of mobility in media because it allows both reception and production, allows this immeditatly and long distance, and allows this interactivetly."

[22]Os *tablets* e *wearables* também agregam todas as características. O notebook, no entanto, não se enquadra juntamente com os dispostivos móveis, pois, apesar de ser portátil, é utilizado estático (LEVINSON, 2004).

A invenção do celular se desenhou através do tempo, reflexo do impulso por movimento da humanidade. Sempre houve a tendência de miniaturizar os equipamentos para permitir ou melhorar sua mobilidade física. As câmeras fotográficas portáteis vieram para resolver o problema das primeiras câmeras, que pesavam 12kg; os primeiros discos e fonógrafos eram muito pesados, até que na década de 1950 vieram os LPs; a caneta esferográfica no lugar do tinteiro etc. (LEVINSON, 2004). O celular esteve no imaginário social e na ficção há muito tempo, inspirando inclusive as pesquisas. Na série televisiva *Star Trek* (1966) existia um aparelho chamado "comunicador" que seria um protótipo fictício rudimentar do aparelho de telefone móvel.

Se a internet permitiu a concretização da ideia de aldeia global interativa de McLuhan (1964), o celular tirou os moradores da aldeia de seus assentos e os permitiu andar pelo mundo (LEVINSON, 2004). Além disso, proporcionou ao homem sair de vez de sua casa e o colocou de volta ao grande mundo real. Outrossim, "Se a internet é o meio da mídia, o celular fez melhor que a internet e se tornou o meio da mídia em movimento" (LEVINSON, 2004, p. 106)[23]. A internet foi uma grande revolução para o mundo, mas a ela faltava uma potencialidade essencial que foi implantada pelo celular: o movimento. A junção de computador e celular em um só dispositivo e o avanço das redes de dados móveis 3G elevaram o nível de mobilidade experienciado pela sociedade. Por seu caráter completamente móvel, o *smartphone* pode ser visto como a maior expressão material do nômade do século XXI.

Ao passo que a convergência tecnológica (JENKINS, 2006), característica dos novos telefones inteligentes, ganha novos atributos e funcionalidades, o *smartphone* vai se impregnando cada vez mais na existência do indivíduo como híbrido homem-*smartphone*, com caráter *always on*, e na sociedade como um todo enquanto peça importante na sua construção. A convergência tecnológica tem como seu expoente maior o *smartphone* (LEMOS, 2007). Se os dispositivos móveis impactam de forma relevante na sociedade, em práticas que têm a mobilidade como característica basilar, como o jornalismo, esse impacto se dá de forma mais sensível.

### 1.1.2 Cultura da Mobilidade e as Transições no Jornalismo

[23]"If the internet is the medium of media, the cellphone has done one better than the internet and is becoming the medium of media on the move". (LEVINSON, 2004, p. 106, tradução nossa).

Na seção anterior observamos que mobilidade se trata não apenas de movimento físico, mas também do movimento de informações, do fluxo de culturas e do contato com o outro, com o diferente do habitual. Destarte, entendemos que o jornalismo sempre esteve diretamente ligado à mobilidade.

Desde as primeiras práticas relacionadas a levar notícias aos cidadãos através de placas afixadas com informações do império romano, a intenção era, apesar da imobilidade do suporte, permitir a comunicação sem a necessidade de emissor e receptor estarem juntos fisicamente e, assim, gerar mobilidade pela desterritorialização alcançada através do pensamento (DELEUZE; GUATTARI, 1995).

O movimento do jornalismo está diretamente relacionado à mescla de culturas de diferentes sociedades, que, como prega o conceito de nomadismo, redescobrem-se no contato com o diferente. A mobilidade de notícias, por aproximar culturas, pode ser considerada um impulso externo para tirar povos da inércia causada pelo isolamento. Um corpo em repouso tende a permanecer em repouso… uma sociedade inerte tende a permanecer assim até que uma força externa a tire dessa condição. O aumento de fluxo informacional causado pela propagação do jornalismo foi uma das forças que deram movimento a sociedades menos fluidas por causa de seu isolamento[24]. Se hoje vivemos em fluidez líquida por causa do fluxo de informações e conteúdos (BAUMAN, 2001), o instinto de desenvolvimento do jornalismo através do movimento foi parte irrefutável para fluidificar sociedades através dos séculos.

Portanto, a evolução de técnicas e tecnologias de profusão de informação foi primordial para a caminhada do homem rumo a ser o nômade do século XXI (MAFFESOLI, 2001; URRY, 2000). Na década de 20 do século XX o rádio surge permitindo não só a disseminação de informação em tempo real, mas também o consumo. O telégrafo transmitia informação em tempo real, mas para uma redação; o público só teria acesso à informação após a publicação do jornal. Agora o público também poderia se informar em tempo real. Mais adiante surge a TV também oferecendo conteúdo em tempo real com o adicional de imagens em movimento. Nesse ínterim o telégrafo foi substituído pelo telefone, que atuou por muito tempo como apoio para outras mídias em transmissões, em tempo real ou não.

Como o fez diante dos grandes impactos gerados na sociedade pelo surgimento de novas tecnologias, o jornalismo se moldou aos novos paradigmas da comunicação surgidos

[24]Até o século XIX a divulgação de notícias era feita com inevitável *delay*, visto que era necessário esperar que os relatos chegassem de uma viagem feita a cavalo ou navio. Esperava-se dias, semanas ou até meses para receber algumas notícias. Em 1844, o telégrafo surgiu para revolucionar o mundo. A invenção de Morse tornou possível comunicar-se de forma instantânea através de grandes distâncias. A partir de então o mundo passou a ter um fluxo informacional como jamais fora visto. A rede de conexões entre povos aumentou de forma considerável e a velocidade com que as informações trafegavam passou a ter o ritmo da vida cotidiana.

com as redes telemáticas e logo se fez presente na internet, surgindo o que aqui chamamos de jornalismo digital. Esse jornalismo, também chamado de webjornalismo, ciberjornalismo jornalismo eletrônico e jornalismo online (entre outras nomenclaturas), é, segundo Canavilhas (2014), composto por sete características, a saber: instantaneidade [publicar, consumir e distribuir conteúdo em tempo real (BRADSHAW, 2014)]; interatividade [contato, participação e produção de conteúdo por parte de usuários (ROST, 2014)]; memória [resgate de conteúdos através de acessos assíncronos a bases de dados (PALÁCIOS, 2014)]; hipertextualidade [possibilidade de conectar diversas camadas de conteúdos entre si através de *hiperlinks* (CANAVILHAS, 2014)]; multimidialidade [multiplataforma, polivalente e que congrega várias linguagens (SALAVERRIA, 2014a)]; personalização [oferecer conteúdos de acordo com preferências e necessidades do usuário (LORENZ, 2014)]; e ubiquidade [condição de acesso aos conteúdos a qualquer momento, de qualquer lugar (PAVLIK, 2014)]. Essa categoria de jornalismo, por seu caráter de convergência tecnológica, passa a ofertar um conteúdo mais rico e complexo, fazendo com que as experiências de mobilidade informacional fiquem cada vez mais intensas e completas, intensificando mais uma vez o fluxo entre povos e culturas.

Não obstante a experiência de mobilidade informacional proporcionada pela internet, este continuava sendo um meio de acesso imóvel, que exigia a permanência em um local específico para vivenciá-lo. Somente com a chegada dos dispositivos móveis e em rede (*smartphones*, *tablets* e dispositivos vestíveis) foi possível atingir o que Lemos (2009) chama de mobilidade ampliada. O autor nos fala:

> Já com as mídias de função pós-massiva, móveis e em rede, há possibilidades de consumo, mas também de produção e distribuição de informação. Aqui a mobilidade física não é um empecilho para a mobilidade informacional, muito pelo contrário. A segunda se alimenta da primeira. Com a atual fase dos computadores ubíquos, portáteis e móveis, estamos em meio a uma “mobilidade ampliada” que potencializa as dimensões física e informacional. (LEMOS, 2009, p. 35).

Na mobilidade ampliada tem-se total liberdade de movimentos físico e uma liberdade informacional elevada ao infinito uma vez que a principal característica desses dispositivos é serem conectados à internet. O *smartphone* e outros dispositivos móveis como *tablets* vieram a suprir a limitada mobilidade informacional dos primeiros modelos de celular e a falta de mobilidade física da tradicional internet utilizada através de computadores domésticos e *laptops*. A mobilidade ampliada passou a fazer parte da vida cotidiana e as práticas sociais

passaram a também assimilá-la. Com o jornalismo não foi diferente. Surgia, então, o jornalismo móvel.

# CAPÍTULO 2

# JORNALISMO MÓVEL

Refletir sobre o jornalismo contemporâneo requer, em alguns momentos, voltar as atenções aos estudos do jornalismo móvel e da mobilidade como paradigma vigente da sociedade atual. É preciso entender como a prática jornalística vem se desenvolvendo em tempos de dispositivos digitais móveis ubíquos e miniaturizados, amplamente acessíveis aos *media* e ao público. A forma de se fazer e de se consumir conteúdos jornalísticos mudou. Todavia, o grande desafio das empresas de mídia não é compreender que houve mudança, mas sim de que continuam ocorrendo mudanças a todo instante e de que as transformações são estruturais.

O jornalismo, em sua condição móvel, reflete a mobilidade conectada ao conceito de nomadismo defendido por Maffesoli (2001), no tocante a uma constante e incessante busca por movimento, característica basilar do homem ainda mais aflorada na pós-modernidade, que veio a relativizar os pensamentos e costumes da sociedade industrial moderna de padrões sociais consolidados. Tal relativização culmina em mudanças em diversos segmentos da sociedade, incluindo a comunicação e o jornalismo, que nos dizem respeito nesta dissertação.

Buscaremos compreender como essa mobilidade chegou ao seu auge na prática jornalística, que passou a poder ser realizada em todas suas etapas e consumida em condições de movimento a partir da grande expansão dos dispositivos móveis, principalmente o telefone *smartphone*, grande pivô dessa era, propiciando o surgimento da ideia de jornalismo móvel[25].

O entendimento de Silva (2014) sobre jornalismo móvel como a prática jornalística em condições de mobilidade através das tecnologias móveis digitais e conexões sem fio tanto na instância de produção como na de consumo complementa entendimentos iniciais de alguns autores sobre o conceito, como Quinn (2014), que entendem o jornalismo móvel como a utilização de tecnologias móveis para o processo de produção jornalística e para transmissão em tempo real, não considerando o consumo de conteúdo jornalístico em mobilidade. Desse modo, refletir e discutir sobre o jornalismo praticado em tempos de cultura da mobilidade (LEMOS, 2009), que passa a permear o cotidiano e se impor como verdadeiro paradigma nos centros urbanos, exige buscar entender a participação dos dispositivos móveis digitais na rotina produtiva dos jornalísticas e das organizações midiáticas.

---

[25]Também chamado pelo acrônimo MoJo (Mobile Journalism).

## 2.1 Jornalismo e Dispositivos Móveis Digitais

Desde seu início, o jornalismo esteve conectado à ideia de mobilidade, como explanado no tópico anterior, mas apenas com o surgimento dos dispositivos móveis digitais ele pôde ser chamado propriamente de jornalismo móvel. Antes, o celular - um aparelho que elevou a ideia de mobilidade a outro nível - já permeava a prática do jornalismo, entretanto, como um suporte para transmissões em outras mídias. Para Satuf:

> A adoção massiva de telefones celulares teve impacto imediato no jornalismo. Num mundo em que quase todos carregam um aparelho pessoal de comunicação, as fontes de informação estão, obviamente, cada vez mais acessíveis. Igualmente aparelhados, os repórteres que cobriam os acontecimentos conseguiam se comunicar com mais facilidade com os colegas que também estavam nas ruas e com a redação (SATUF, 2015, p. 447).

Com o advento dos dispositivos móveis em rede, o jornalismo conseguiu atingir a mobilidade em todos as suas etapas. Westlund (2013) afirma que "A conectividade e a funcionalidade avançada de pesquisa da internet, juntamente com uma miríade de aplicativos inteligentes e facilmente acessíveis, obviamente deram aos jornalistas novas e poderosas ferramentas para reportar notícias" (WESTLUND, 2013, p. 16)[26]. Em adição ao pensamento de Westlund, retomamos o pensamento de Silva (2014), que afirma ter o jornalismo passado a contar com a mobilidade como realidade tanto na etapa de investigação, como na produção, edição, publicação, circulação e também no consumo.

O celular (principalmente o *smartphone*), como diz Levinson (2014), embaçou distinções. Não há mais diferenciação de lugares específicos onde pode ser exercido o trabalho do jornalista. O autor entende que o celular nos ofereceu uma casa *on the go*, ou seja, mesmo em movimento é possível estar em contato e se sentir em casa. Podemos entender que, com a crescente pluralidade de funcionalidades dos dispositivos móveis, todas as etapas do jornalismo também se tornaram *on the go.* Redação, ilha de edição e até o estúdio se movem no fluxo do corpo do jornalista[27] que está portando algum aparelho móvel e alguns acessórios complementares (Figura 2). Se antes o celular possibilitava uma condição de se sentir em casa

---

[26]"Internet connectivity and advanced search functionality, along with a myriad of intelligent and easily accessible apps, have obviously provided journalists with new and powerful tools for reporting news" (Tradução nossa).

[27]Algumas experiências anteriores permitiram a repórteres coberturas similares, como com os Kits de Guerra utilizados pela Globo, porém com os dispositivos móveis essa prática se difundiu passou a fazer parte do dia a dia das organizações.

mesmo estando longe de casa, agora o jornalista tem, através do *smartphone*, uma redação longe da redação (LEVINSON, 2004)[28].

Figura 2 - *Smartphones* e *tablets* conectados à internet, com o complemento de alguns acessórios, são suficientes para produzir e publicar conteúdos jornalísticos

Fonte: Captura de tela[29]

A possibilidade da construção da notícia em movimento, sem a necessidade de estar fisicamente presente em uma redação causa impactos estruturais relevantes na produção jornalística apoiados no surgimento das tecnologias móveis digitais e no paradigma da mobilidade. O "novo jornalismo" baseado em *smartphones* e *tablets*[30] é caracterizado pela construção de narrativas e conteúdos a partir dos locais em que se apura os acontecimentos e em condições de mobilidade (SILVA, 2013).

As possibilidades geradas pelos dispositivos móveis em rede através de conexões 3G, 4G e *wi-fi* permitem ao jornalista um trabalho autônomo (muitas vezes sem equipe), que engloba uma gama de funções, as quais se desenvolvem ao passo que aumenta a oferta de aplicativos para os sistemas operacionais utilizados. O profissional pode escrever, filmar, fotografar, criar gráficos, gravar áudios, fazer transmissões ao vivo etc. e em instantes (ou ao vivo, no caso das transmissões) enviá-los à redação ou diretamente para espaços *online* como

[28]Tradução livre dos autores para "*a home away from home*" e *"a newsroom away from newsroom"*.
[29]Disponível em: <https://alemdapiramide.files.wordpress.com/2016/01/mojo.jpg?w=840>. Acesso em: 12 set. 2016.
[30]Aos quais podemos adicionar os dispositivos *wearables* como *smartwatch*.

sites, blogs e redes sociais. É comum vermos grandes empresas de mídia, jornalistas de grande relevância, pequenos jornais e jornalistas menos conhecidos vinculando suas marcas e nomes a determinadas plataformas virtuais e disponibilizando conteúdo a fim de ampliar seu alcance de impacto.

Outra característica do MoJo (*mobile journalism*) é que a difusão da notícia se dá com auxílio dos usuários através de compartilhamentos em redes sociais. Fidalgo afirma que "Nossa primeira reação a uma notícia que consideramos relevante será passá-la adiante para os celulares de colegas e amigos. É assim que uma sociedade de comunicação móvel estará coletivamente informada de material digno de publicação" (FIDALGO, 2009, p. 123)[31]. Ademais, o jornalismo tradicional sofreu por muito tempo um (entre tantos) tipo de constrangimento (TRAQUINA, 2004): para dar um furo de reportagem ao vivo em vídeo era preciso que o fato estivesse acontecendo no exato momento e exato local onde se encontrava não apenas um jornalista, mas uma equipe munida de equipamentos necessários para uma transmissão instantânea. As condições técnicas impunham muitas limitações para transmissões espontâneas em tempo real. Sabidamente, a prática do ao vivo há muito é amplamente difundida, porém existia, necessariamente, uma pré-produção na maioria dos casos, sempre com a presença da equipe como condição *sine qua non* para a transmissão. Com os dispositivos móveis em rede surgiu a possibilidade de que transmissões sejam feitas a quase qualquer momento, em quase qualquer lugar.

A exigência técnica é de apenas uma pessoa com um aparelho inteligente em uma área com cobertura de internet - que nos centros urbanos hoje em dia é quase ubíqua - e, com alguns poucos toques na tela já estará transmitindo o fato ao vivo para o mundo, em uma transmissão mais ágil e de maior alcance do que a da televisão. Levinson diz que "Se nós tivéssemos que dividir todos os jornalistas - do impresso, fotográficos, do rádio, da TV, via celular - em dois grupos, baseados na imediaticidade de cobertura, os que atuam via celular ficariam em um grupo, e todos os outros jornalistas no outro" (LEVINSON, 2004, p. 142)[32]. As condições de tecnologia atuais convidam o jornalismo para o imediatismo, com transmissões ao vivo por aparelhos móveis. Para Silva (2014) a instantaneidade é uma das principais características do jornalismo móvel. Essa instantaneidade foi levada ao nível

---

[31]"Our first reaction to a news report we consider relevant will be to forward it to the cellphones of colleagues and friends. This is how a mobile communication society will be collectively aware of newsworthy material" (Tradução nossa).

[32]"If we were to place all journalists - print, photographic, radio, TV, Cellphonic - into one of two groups, based on immediacy of coverage, then the cellphonic would be in one group, and all of the other journalists in the other". (LEVINSON, 2004, p. 142, tradução nossa).

máximo com o surgimento de aplicativos de *live stream* para dispositivos móveis digitais que permitem a transmissão ao vivo de vídeos, como Periscope, Live (recurso do *app* do Facebook) e Meerkat, que geram experiências jornalísticas instantâneas mas que diferem das transmissões ao vivo da televisão. As características dessas transmissões serão destrinchadas mais à frente.

Não existem ainda formatos consolidados no jornalismo móvel no que diz respeito a estética, linguagem e narrativas. Fidalgo (2009) diz que é preciso perceber o celular (o que podemos estender aos demais dispositivos digitais móveis) menos como um meio de comunicação de massa e mais como um meio de comunicação pessoal (FIDALGO, 2009), portanto, seus padrões também não devem seguir a lógica massiva.

Pela dinâmica da rede na qual estão inseridos os dispositivos digitais móveis e por suas características pós-massivas, talvez os padrões nunca se estabeleçam por muito tempo. O cenário de turbulência que se apresenta em uma crise requer modificações não apenas no sentido de luta pela sobrevivência diante de ameaças, mas como um cenário de oportunidades para se encontrar novas fórmulas de sucesso. Podemos ver claros exemplos disso em redes sociais e grandes portais, que estão constantemente mudando seus recursos, formas de apresentação e engenharia, buscando agregar inovações ao tipo de conteúdo anteriormente oferecido. Facebook, Twitter, Youtube, Instagram e outras mantêm grupos de profissionais criativos e engenheiros da informação sempre em contínua pesquisa para se adaptar a novos cenários e oferecer produtos que estejam de acordo com aquele momento, com a consciência da fugacidade das tendências em tempos de sociedade líquida. Por terem se tornado o principal norteador para a definição do tipo de notícias a ser consumido em *smartphones* (WEISS, 2013), as redes sociais devem ser igualmente norteadoras para organizações midiáticas que trabalham com jornalismo móvel, que precisam entender seu público, seguir o ritmo do fluxo de adaptações das redes e buscar exemplos bem sucedidos desses ambientes sociais digitais.

É válido pensar que o jornalismo passou a ser móvel não apenas por sua produção e consumo em movimento, mas, pela velocidade das transmutações que o afetam advindas do próprio ambiente tecnológico no qual o jornalismo está inserido e também das constantes mudanças dessas tecnologias, que, a cada instante se modificam e geram um cenário totalmente diferente ao quais as organizações jornalísticas rapidamente precisam se adaptar. Anteriormente falamos do caráter essencialmente móvel do *smartphone* de estar sempre se modificando e não ser um dispositivo finalizado. É sempre mais fluxo do que repouso. O caráter fluido que permeia também os usuários e a experiência cada vez mais individualizada

vivenciada através dos telefones inteligentes dá um caráter ainda mais complexificado para a relação entre os media e os usuários no tocante a compreender as práticas e valores do público que se quer cativar. Portanto, as adaptações do jornalismo precisam se dar ao ritmo das mudanças do mundo eletrônico e dos costumes sociais que lhe estão intrinsecamente relacionados. O jornalismo, prática humana, findou por ser tomado pela necessidade de também viver o nomadismo, que precisa estar em constante contato com o diferente para se adaptar a uma época de fluxos e não de solidificação. Como dito anteriormente, o celular é o símbolo da vagabundagem pós-moderna. Ele está em constante movimento, tanto físico como no sentido de estar sempre se transformando, de não se conformar com ser estático em suas características, e isso reflete nas práticas sociais intimamente ligadas a sua utilização, que, nos tempos de hoje, são praticamente todas, quando somado aos demais dispositivos móveis conectados em rede.

A liquidez é desafiante no sentido de que aquele que conseguir seguir a sua pervasividade e capacidade de se moldar a aos espaços terá mais probabilidade de conseguir sucesso profissional. Por isso outra característica importante não só do jornalismo móvel mas de jornalismo pós-industrial como cenário macro é a experimentação (WESTLUND, 2015). O conceito de jornalismo pós-industrial e os desafios e caminhos a serem seguidos nessa nova era serão tratados no próximo capítulo.

Dentro do jornalismo móvel, temos a modalidade de jornalismo por *streaming* através de aplicativos móveis. Esses *apps* proporcionam aos profissionais e organizações midiáticas novos caminhos e recursos a serem explorados de forma inovadora na prática jornalística, em mobilidade e em caráter instantâneo. No próximo capítulo traremos um aporte teórico sobre esse ainda novo cenário midiático da pós-modernidade, que auxiliará nas análises sobre a utilização desses aplicativos em transmissões jornalísticas dos jogos olímpicos Rio 2016, apresentadas mais adiante.

# CAPÍTULO 3

# JORNALISMO PÓS-INDUSTRIAL E INOVAÇÃO

As transmutações pelas quais o jornalismo passa na atualidade fazem parte de um cenário mais amplo de mudanças no panorama social, que afetam as práticas, costumes, relações e profissões inseridos nessas sociedades em reconfiguração. Neste capítulo discutiremos a mudança de paradigma com o surgimento do jornalismo pós-industrial que faz emergirem novos produtos, rotinas e práticas jornalísticas que vão contra a padronização característica da era industrial e que simbolizam uma época de muitas oportunidades e incertezas para o campo jornalístico. Dentro do contexto, a inovação é um conceito relevante para se pensar o novo jornalismo que vivencia uma crise dos antigos modelos de negócios.

O jornalismo pós-industrial altera a configuração do processo jornalístico por meio de uma ambiência digital líquida e com novos valores. O jornalismo passa por transmutações contínuas por estar obviamente ligado ao avanço das tecnologias com que se relaciona diretamente. Essas mudanças trazem consigo uma enorme gama de possibilidades e recursos que acabam levando a uma reconfiguração das práticas tradicionais à medida que tecnologias da informação e da comunicação se desenvolvem e são utilizadas (WESTLUND, 2013).

## 3.1 O Jornalismo Pós-Industrial

O jornalismo reflete as tendências da época na qual está inserido, o que implica em constantes modificações nas rotinas produtivas, critérios de noticiabilidade, gramática, tecnologias, estética, linguagens, enfim, no fazer jornalístico de modo geral. O período que aqui chamamos pós-industrial está relacionado à diminuição da predominância do modelo de produção industrial que dominou as sociedades ocidentais por décadas e a passagem da modernidade para a ideia de pós-modernidade[33]. A transição de períodos implicou e implica no presente em uma série de mudanças estruturais na área do jornalismo, que fizeram surgir o conceito de jornalismo pós-industrial. Reconfigurações dos produtos jornalísticos, reflexão acerca dos posicionamentos que devem tomar jornalistas e organizações jornalísticas diante de momentos de incertezas no panorama midiático, o constante advento de novas tecnologias

[33]A ideia de pós-modernidade não é unanimidade. Alguns autores defendem que não saímos da idade moderna e há ainda autores, como Bruno Latour (1994a), que afirmam que jamais fomos modernos.

e suas apropriações no jornalismo são problemáticas relevantes nesse ainda novo e turbulento contexto. Como é comum acontecer ao se observar um fenômeno recente ou ainda em andamento, as definições conceituais divergem e muitas vezes são abordadas por autores focando alguns aspectos e deixando outros de fora.

Anderson, Bell e Shirky (2013) entendem que o jornalismo pós-industrial é aquele que não se atém mais à necessidade de proximidade do maquinário de produção. Um jornalismo desprendido fisicamente de uma base organizacional remete à prática jornalística em mobilidade através de dispositivos digitais móveis. Por sua vez, Salaverría (2014b) relaciona o conceito a mudanças na sociedade contemporânea no que diz respeito ao processo de apropriação da informação graças às novas formas de produção e difusão de conteúdo. São diversos recursos midiáticos que emergem em um ritmo acelerado e que, com a fluidez característica dos tempos atuais, reconfiguram o cenário jornalístico a todo instante e fazem surgir tanto padrões de produção como formas de monetização da prática jornalística heterogêneos e difusos. Costa diz que "Não é possível, afinal, olhar para mídias tão diferentes e ver algum tipo de unidade; seja no conteúdo, na linguagem, no modelo de negócios – ou mesmo na ausência dele" (COSTA, 2014, p. 07).

Henn (2014) afirma que, diante do panorama de mudanças do mundo pós-industrial, "O jornalismo vai ter que incorporar nas suas dinâmicas essas transformações, não apenas como estratégia para dialogar com seus públicos ou fidelizá-los, mas de forma mais radical, assumindo suas precariedades e vulnerabilidades" (HENN, 2014, p. 17). É preciso, pois, que o jornalismo busque compreender em que pontos suas práticas antigas precisam ser adaptadas a uma nova realidade. Há uma quebra da lógica fordista de funcionamento de uma redação jornalística, de serviços mecanicistas em uma produção segmentada, serial e de tarefas fortemente demarcadas, caracterizada por uma busca idealista pela objetividade, a qual desconsiderava o subjetivismo do "operário" (CAPPARELLI, 2007; BENTES, 2014). Essa realidade refletia o pensamento moderno, segundo o qual o mundo ocidental vivia valores positivistas de objetividade e verdades absolutas, valores universais totalizantes, heranças do iluminismo, que se somaram à industrialização. A máquina, a indústria e a produção fordista eram símbolos e inspiração para a sociedade. Todavia, Harvey considera que o fordismo, forma de produção industrial, dominou boa parte da modernidade, "...também se apoiou na, e contribuiu para a, estética do modernismo - particularmente na inclinação desta última para a funcionalidade e a eficiência" (HARVEY, 2008, p. 131). O mundo ocidental se baseava na lógica industrial.

Assim como o jornalismo industrial fora totalmente relacionado aos desenvolvimentos tecnológicos das máquinas industriais, o jornalismo pós-industrial está conectado às novas possibilidades profissionais proporcionadas pelos avanços dos maquinários que o acompanhavam no cotidiano bem como o surgimento de novas tecnologias. Cappareli (2007) relaciona a transição de períodos ao início da convergência profissional, possível graças ao desenvolvimento tecnológico:

> A primeira grande mudança foi o fim do copidesque nos anos 70, pois o jornal começou a contratar repórteres com texto final, submetidos a uma contagem periódica do número de laudas produzidas num determinado período de tempo. A informatização do jornal em 1988 reforçou essa tendência, com a utilização do texto já digitado pelo próprio repórter levando à despedida em massa de revisores, cargos privativos de jornalistas. (CAPPARELLI, 1997, p. 119).

Era possível observar o surgimento de características pós-industriais no jornalismo da década de 70, mas, para Grisci e Rodrigues (2007), o surgimento da internet foi o protagonista para a consolidação do modelo pós-industrial (pós-fordista, em suas palavras) propriamente dito de desenvolvimento no jornalismo. Essas evoluções tecnológicas propiciaram o avanço no processo de convergência jornalística, que, segundo Salaverría (2003), é sintetizada em quatro dimensões: tecnológica, empresarial, comunicativa e profissional.

Diante das características do jornalismo pós-industrial discutidas acima, podemos perceber o jornalismo móvel como um importante expoente desse período da prática jornalística, por se tratar, como visto anteriormente, de um jornalismo que congrega características (além de, obviamente, a mobilidade) de convergência profissional e tecnológica, instantaneidade, possibilidade de produção distante do maquinário da organização e características de comunicação pós-massiva.

A efemeridade e a ausência de padrões fixos fazem necessária uma constante prática de experimentação e adaptação (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013). Essas duas características podem ser entendidas como ferramentas na busca de inovação em um cenário de modelos de negócios industriais defasados e padrões estéticos, gramáticas e produtos heterogêneos, que fortalecem a ideia de quebra da lógica de produção em massa e implica na busca por mudanças em ritmos cada vez mais acelerados pela velocidade de fluxo das redes telemáticas onde boa parte do jornalismo pós-industrial está inserida. Ao mesmo tempo que o jornalismo pós-industrial proporciona aos jornalistas e às organizações midiáticas um universo bem mais amplo de possibilidades técnicas, também embaralha a lógica

mercadológica do mundo jornalístico industrial, que tinha suas fórmulas de monetização bem consolidadas através de modelos de negócios fordistas baseados em produção de massa.

Um aparente caminho para conseguir mercado na realidade pós-industrial é justamente fazer uso do universo digital. Anderson, Bell e Shirky (2013) entendem que "se quiserem manter ou mesmo aumentar sua relevância, terão de explorar novos métodos de trabalho e processos viabilizados pelas mídias digitais" (ANDERSON; BELL; SHIRKY, p. 38, 2013). A exploração de novos métodos nos remete à inovação como característica fundamental para produtos jornalísticos em um cenário pós-industrial.

## 3.2 A Nova Audiência e os Desafios das Organizações Jornalísticas

As modificações provenientes da dinâmica pós-industrial geram também desafios para as organizações jornalísticas tradicionais. Destacamos dois pontos de tensão: a dispersão da atenção e do consumo do público devido à possibilidade de acesso a uma pluralidade enorme de fontes de notícias a qualquer momento e em qualquer lugar não mais distante do que o alcance do braço do usuário (WESTLUND, 2013); e a falta de modelos produção de sucesso que garantam retenção de audiência em um universo de conteúdo e público heterogêneos (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013).

Entendemos que a nova audiência é justamente o público que não é mais mera audiência no sentido de receber informação fornecendo nenhum ou quase nenhum *feedback*, mas sim tem a possibilidade de retroalimentar o jornalista instantaneamente e é um público que tem costumes mais fugazes, além de ser mais difícil ser englobado em uma percepção generalista de massa, mas usuários de perfis variados.

Westlund (2013) afirma que organizações tradicionais (do impresso ou de outros suportes), por entenderem as mudanças em como o público acessa informações, passaram a adotar estratégias de onipresença através de coberturas transmidiáticas, a fim de estarem sempre acompanhando o usuário, através de plataformas que não faziam originalmente parte de sua proposta de trabalho. Anderson, Bell e Shirky (2013) afirmam que "Estamos em meio a uma revolução, e a adaptação às novas fronteiras da profissão é a condição de sobrevivência nesse cenário" (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013, p. 30). Visto que não há modelos consolidados de sucesso em um jornalismo em constante mudança e inserido em um universo midiático de fontes e práticas heterogêneas, essa adaptação deve ser buscada através da experimentação.

Além da condição já abordada da produção jornalística em movimento e a distância de uma redação fixa, os dispositivos móveis, aliados às conexões *wi-fi*, 3G e 4G, passaram a oferecer condições para a exploração de um recurso que passa a ter sua relevância aumentada: a instantaneidade. A atual condição de indivíduos *always on* (PELLANDA, 2005; FIDALGO, 2009) e portadores de sua própria redação e estação de edição em dispositivos híbridos (GOGGIN, 2006) tanto ofereceu saída para a problemática do espaço para publicação de conteúdo em uma grade de programação na TV ou no Rádio, ou em uma diagramação no impresso, como também acabou com o fato de que grande parte das notícias só podiam ser dadas um considerável tempo depois do ocorrido. Uma das formas de explorar a instantaneidade é através do recurso da transmissão audiovisual ao vivo, a qual entendemos como "uma operação que permite a produção, a transmissão e a recepção de um programa de modo simultâneo" (FECHINE, 2008, p. 26). Aplicativos desenvolvidos para dispositivos móveis tornam possível, não só noticiar um fato logo após seu acontecimento, mas a transmissão de conteúdo audiovisual em tempo real, ou *live stream*, inclusive durante o próprio acontecimento.

## 3.3 A Inovação no Jornalismo Pós-Industrial

As relações de produção e consumo capitalistas sempre tiveram sua existência baseada na busca pelo lucro, e essa busca, que depende de fomentar modas e o consumismo em geral e de gerar desejos na população, se dá através de inovação e destruição criativa (MARX, 1988; HARVEY, 2008). A inovação é uma característica na produção capitalista desde a modernidade e é elevada a níveis mais altos diante da maior efemeridade, fragmentação, liquidez e fluidez das relações na pós-modernidade. Segundo o Manual de Oslo, redigido pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico:

> Uma inovação é a implementação de um produto (bem ou serviço) novo ou significativamente melhorado, ou um processo, ou um novo método de marketing, ou um novo método organizacional nas práticas de negócios, na organização do local de trabalho ou nas relações externas. (OCDE, 2005, p. 55).

Harvey analisa que "O efeito da inovação contínua é, no entanto, desvalorizar, senão destruir, investimentos e habilidades de trabalho passados. A destruição criativa está embutida na própria circulação do capital." (HARVEY, 2008, p. 102). Há, dessa forma, no capitalismo, a constante busca pela destruição do passado através da contínua oferta de novos produtos.

No âmbito do jornalismo, a inovação faz parte dos planos estratégicos das organizações midiáticas desde a década de 1970, vindo a se tornar indispensável a partir da década de 1990 (MACHADO, 2010). Não por acaso, foi na década de 70 que teve início a era pós-industrial (HARVEY, 2008) e na década de 90 que se popularizaram os computadores e a internet, o que demonstra mais claramente a conexão entre a inovação e o jornalismo pós-industrial a partir do declínio dos modelos de negócios consolidados da época fordista do jornalismo e da maior fluidez da pós-modernidade. Para Machado (2010), a inovação no jornalismo consiste em:

> Toda mudança nas técnicas, tecnologias, processos, linguagens, formatos, equipes, dispositivos e aplicações, valores ou modelos de negócios destinados a dinamizar e potencializar a produção e o consumo das informações jornalísticas. A inovação no jornalismo é um fenômeno que se volta para o jornalismo como uma indústria e que se centra na busca de soluções conceituais ou tecnológicas capazes de, ao mesmo tempo, maximizar a produção e atende às demandas sociais por informação de qualidade e instantânea, ao menor custo possível, em consonância com o rigor das melhores condutas profissionais e acessíveis por todos os meios possíveis. (MACHADO, 2010, p. 67)[34].

Machado busca compreender a inovação pelo viés de produtos jornalísticos de caráter instantâneo aplicados na inovação jornalística. Grisci e Rodrigues (2007), por sua vez, colocam a inovação ao lado da convergência midiática como características do jornalismo pós-industrial. Para tanto, os autores se apoiam no pensamento de Harvey (2008)[35] para falar da compressão espaço-tempo como uma das circunstâncias/consequências da pós-modernidade - efetivamente a sensação de encurtamento das distâncias e aceleração do tempo graças à maior mobilidade (em suas várias acepções debatidas anteriormente) e à velocidade na comunicação, presentes nos tempos pós-modernos, sobretudo com o advento de tecnologias móveis. A ideia de Harvey é consonante aos conceitos de superabundância factual e superabundância espacial de Augé (1994), discutidos no primeiro capítulo e que formam a ideia de supermodernidade. Grisci e Rodrigues entendem que: "Além da sobreposição/supressão de funções, o apego à instantaneidade e a convergência de mídias são

[34]"Todo cambio en las técnicas, tecnologías, procesos, lenguajes, formatos, equipos, dispositivos y aplicaciones, valores o modelos de negocios destinados a dinamizar y potenciar la producción y consumo de las informaciones periodísticas. La innovación en el periodismo es un fenómeno que se vuelve para el periodismo como una industria y que se centra en la búsqueda de soluciones conceptuales o tecnológicas capaces de, al mismo tiempo, maximizar la producción y atender a las demandas sociales por información de calidad y instantánea, al menor costo posible, en consonancia con el rigor de las mejores conductas profesionales y accesible por todos los medios disponibles". (MACHADO, 2010, p. 67, tradução nossa).

[35]A obra foi utilizada por nós em sua edição de 2008, enquanto os autores Grisci e Rodrigues fizeram uso da edição de 2004.

consequências da ação da compressão do tempo nas rotinas de produção do jornalismo industrial[36]" (GRISCI; RODRIGUES, 2013, p. 50).

Ao relacionarmos o período pós-industrial às ideias de pós-modernidade, supermodernidade e compressão espaço-tempo podemos observar a conexão desses conceitos com a ideia do paradigma da mobilidade que predomina na contemporaneidade.

Para Brasil (2014), diante de um cenário turbulento de modificações e inserções constantes de novas tecnologias na rotina do jornalismo, deve-se pensar de forma menos apocalíptica e os jornalistas devem "...oferecer alternativas, ou seja, [...] investir e prestigiar as 'inovações' no jornalismo" (BRASIL, 2014, p. 20). Nesse contexto, uma lógica que se apresenta como caminho para o jornalismo é: experimentar (inovar) para se adaptar. Nesse cenário de experimentação e adaptação é que diversas empresas de mídia passam a produzir produtos jornalísticos através de transmissões *live stream* através de redes sociais via *mobile*, como Periscope e Live. Essas ferramentas permitem às organizações jornalísticas explorar efetivamente as quatro vertentes principais do jornalismo pós-industrial aqui tratadas: possibilidade de produção em mobilidade, convergência, instantaneidade e experimentação em busca da inovação. Entretanto, é mister perceber que muitas vezes a tecnologia não basta por si só para a efetivação de um processo inovador no jornalismo. É fundamental que se articule a utilização desses novos recursos através de novas narrativas e novas ideias (BRASIL, 2014). Portanto, pensar inovação no jornalismo não se trata apenas de adicionar novas tecnologias, mas sim de utilizá-las como suporte para a implementação de novas formas de pensar as rotinas de trabalho na profissão e novos produtos finais.

[36]Os autores se referem ao jornalismo industrial pós-fordista, ao qual chamamos jornalismo pós-industrial.

# CAPÍTULO 4

# DESENHO DA PESQUISA E ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

A pesquisa sobre a cobertura das Olimpíadas do Rio através de aplicativos de *streaming* se constitui em uma abordagem exploratória sobre o fenômeno em condições de mobilidade. Trata-se de um enfoque sobre o jornalismo e suas condições de produção e circulação de conteúdos atravessando redes sociais móveis. Nesse sentido, a perspectiva enquadra-se dentro dos conceitos de mobilidade (URRY, 2000, 2007) e jornalismo móvel (SILVA, 2013; PAVLIK, 2008), entre outros, na busca da compreensão de como o jornalismo em mobilidade impacta as coberturas jornalísticas e traz desdobramentos.

A pesquisa se utilizou da abordagem da Teoria Ator-Rede (LATOUR, 2005) a partir do rastreamento das ações dos actantes (atores humanos e não-humanos) durante a cobertura. O desenvolvimento não partiu de categorias a priori, mas sim de observação e rastreamento de interações para a construção de uma aprofundada descrição do fenômeno. Ao mesmo tempo, procurou compreender o papel dos objetos (*smartphones*, aplicativos, acessórios) e da complexa rede de actantes em movimento para visualizar a cartografia da cobertura dos jogos Olímpicos e suas controvérsias para o jornalismo e sua deontologia a partir das associações das mobilidades.

Latour (2005) define a Teoria Ator-Rede como uma teoria baseada na sociologia das associações em vez de sociologia do social, tendo em vista que há uma equiparação entre atores (que ele denomina de actantes), sejam humanos ou não-humanos, numa relação híbrida e de ontologia plana. Portanto, o que são observadas são as associações entre os actantes e as ações construídas ou as controvérsias a partir da mediação técnica ou do agenciamento sociotécnico (SANTAELLA; CARDOSO, 2015). Nesse sentido, há a necessidade de se fazer uma Cartografia de Controvérsias visando abrir a "caixa-preta"[37] e descrever os processos por meio do rastreamento das associações (LATOUR, 2005). Esse contexto indica caráter exploratório e característica etnográfica - ou netnográfica, como chama Segata (2014) a etnografia especificamente aplicada em estudos sobre a internet -, tendo em vista o grau de

[37]Na Teoria Ator-Rede, Caixa-Preta significa algo que funciona em harmonia e cujas partes que o compõem não se fazem perceptíveis justamente por não chamarem atenção pois cada parte trabalha fazendo sua função sem gerar problemas. Enquanto há harmonia em uma associação sociotécnica, há uma Caixa-Preta.

observação e reagregamento dos dados dos rastros deixados em razão das ações. Busca-se, assim, os quadros de referência instáveis e mutáveis que possam demonstrar o movimento, a mobilidade das associações resultantes da atuação dos mediadores e intermediários na construção no mesmo nível sujeito-objeto na associação da mobilidade. “A mobilidade a que faço referência aqui é a de formação das associações, dos movimentos de conexão e desconexão, da comunicação e da não-comunicação das coisas que se estabelecem [...]" (LEMOS, 2013, p.32). Dessa forma, estudar o jornalismo móvel vai além de perceber o desenvolvimento de tecnologias na área, mas, sim, deve objetivar observar a mobilidade no sentido da permanente mutação que o jornalismo e as demais relações sociotécnicas vivem através de constantes agregações e associações e também do fim delas para o surgimento de novas agregações e associações.

## 4.1 Teoria Ator-Rede

A Teoria Ator-Rede (TAR) foi desenvolvida na década de 1980 por Bruno Latour, Michel Callon, Madeleine Akrich, John Law e Wieber Bijker para estudar a interface entre ciência e tecnologia. Posteriormente, Bruno Latour aperfeiçoou os conceitos e a base teórico-metodológica avançando para novos aspectos, de modo a constituir numa ferramenta metodológica para pesquisas em diversas áreas do conhecimento. Para o desenvolvimento da teoria, os autores entendiam não ser suficiente compreender o mundo de acordo com visões teóricas essencialistas, que separam os humanos dos objetos, olvidando estes enquanto atribuem àqueles o centro das ações e entendendo que tanto uns como outros teriam essências que moldariam sua participação diante do social. Também foram contra a visão estruturalista, que entende que o social se constrói a partir das relações humanas com estruturas ou sistemas maiores.

Latour (2005) entende que não há explicações sociais para acontecimentos e sim que esses acontecimentos constroem o social através de associações formadas por humanos e não-humanos (objetos, leis, normas, lugares etc.). Para Lemos (2013), ciências e técnicas não nascem tendo o social como base, mas que o social é construído (também) com o desenvolvimento delas. O social não tem substância, é subsistência. Se constrói e se modifica a cada nova associação que é estabelecida entre atores e, por isso, está em constante movimento. O social “não é um lugar especial, um território específico ou um tipo de coisa em particular, mas um movimento peculiar de reassociação e reagregamento” (LATOUR,

2005, p. 238[38]). Por isso, a TAR é vista como "Sociologia da mobilidade", "Sociologia das associações" ou "Associologia", sendo aqui a mobilidade entendida como "a mobilidade das associações que compõem os seres, as coisas, os humanos, os não-humanos, o social" (LEMOS, 2013, p. 61).

Como veremos mais adiante, ator remete não apenas a humanos. Nesse contexto, os objetos passam a ser tratados com isonomia na TAR, não pressupondo agência humana nas associações. Massimo Di Felice (2016) procura dissolver também essa ideia dicotômica entre sujeito-objeto a partir da compreensão da biosfera em que os objetos não podem ser vistos como algo exterior ao sujeito, ou vice e versa, porque são intrínsecos, habitam a mesma biosfera.

Para percepção de fenômenos sociais, busca-se rastrear as associações em vez de realizar análises com definições categóricas apriorísticas. A fim de possibilitar esse rastreamento, Latour (2005) propõe a Cartografia de Controvérsias como metodologia da Teoria Ator-Rede. Para que possamos entender o funcionamento dessa metodologia, é preciso definir alguns conceitos utilizados pelo autor que embasam o desenvolvimento dessa percepção. São eles: **actante/mediador**, **rede**, **intermediário**, **tradução/mediação, inscrição, delegação**, **controvérsia, pontualização, caixa-preta** e **caixa-cinza**. Para a compreensão destes conceitos funcionando na Teoria Ator-Rede e na pesquisa proposta, problematizamos a noção de Controvérsia e de caixa-preta e caixa-cinza e depois como os outros conceitos são dimensionados enquanto ações no interior dessas controvérsias com seus rastros e problemáticas.

### 4.1.1 Controvérsia

Na Teoria Ator-Rede, as Controvérsias são tensionamentos que surgem nas redes sociotécnicas. É na controvérsia que se observa o social sendo formado. Quando tudo está harmonioso, só existem intermediários e existe uma estabilização satisfatória, até que surgem questionamentos, novas práticas ou inovações tecnológicas que desestabilizam a rede e fazem actantes iniciarem ações visando a conseguirem estabelecer um novo estado de ordem em que as redes tensionadas não sejam percebidas. Venturini (2009) define:

[38] "not as a special domain, a specific realm, or a particular sort of thing, but only as a very peculiar movement of re-association and reassembling" (Tradução nossa)

> Controvérsias são situações em que atores discordam (ou melhor, concordam sobre sua discordância). A noção de discordância deve ser tomada no sentido mais amplo: controvérsias se iniciam quando atores descobrem que eles não podem se ignorar entre si e controvérsias terminam quando atores conseguem trabalhar um sólido compromisso de viverem juntos. Qualquer coisa entre esses dois extremos pode ser chamada de controvérsia. (VENTURINI, 2009, p. 261)[39].

As controvérsias surgem quando "O que parecia estabilizado e era 'tido como dado', como 'dado de fato', torna-se problemático" (HOLANDA, 2014, p. 70), ou quando há conflitos identificados que geram debates sobre certos temas, ali encontramos controvérsias (SILVA, 2016).

Lemos (2013) se apropria dos entendimentos de Callon e expõe quatro características que julga aplicáveis a tensionamentos no campo da comunicação e da cibercultura:

> 1) A controvérsia é sobre um objeto técnico, mas não se reduz ao objeto pura e simplesmente técnico, já que esse não existe. Todo objeto é social e deve ser visto pelas suas relações. 2) As soluções são sempre múltiplas e sem direção dada de antemão, já que envolvem a negociação entre diversos actantes que são eles mesmos redes, eventos híbridos. 3) os grupos implicados têm interesses variados, cosmovisões que entram em conflito e que revelam força e hierarquias diferenciadas. 4. As forças tendem a se equilibrar nas negociações ao longo da controvérsia, esfriando-a, criando pontualizações ou caixas-pretas. (LEMOS, 2013, p. 108-109).

Portanto, por ser "o momento ideal para revelar a circulação da agência, a mediação, as traduções entre actantes, a constituição de intermediários, as relações de força, os embates antes de suas estabilizações como caixas-pretas" (LEMOS, 2013, p.106), a controvérsia ocupa um papel central em estudos que pretendem compreender um fenômeno social (inclusive da comunicação) a partir do momento em que os tensionamentos estão ocorrendo.

Para a compreensão da controvérsia, a **Caixa-preta/Pontualização** é um conceito crucial. A pontualização (LAW, 1992), ou a caixa-preta (CALLON; LATOUR, 1981) surge quando uma controvérsia se estabiliza e passa dos holofotes da atenção para ser mais um detalhe em nossa vivência que não notamos. Uma rua que está diuturnamente engarrafada por causa de uma desregulagem nos semáforos é uma controvérsia que coloca em questão a organização do trânsito da cidade, o descaso do órgão de trânsito competente, a qualidade dos dispositivos semafóricos, entre outras questões, e que clama por ações de diversos actantes

[39]"Controversies are situations where actors disagree (or better, agree on their disagreement). The notion of disagreement is to be taken in the widest sense: controversies begin when actors discover that they cannot ignore each other and controversies end when actors manage to work out a solid compromise to live together. Anything between these two extremes can be called a controversy" (Tradução nossa).

que solucionem esse problema ou coloque em evidência a controvérsia por meio dos rastros. Uma rede que vinha funcionando bem e passando despercebida pelos dias como um harmonioso sistema de intermediários passa a ter tensionamentos e actantes ficam em destaque pelos problemas. Um actante não-humano (semáforo) que passa a não cumprir a função que lhe foi delegada desestabiliza o funcionamento e abre a caixa-preta dessas associações. Se a empresa responsável reparar os problemas nos aparelhos e o trânsito voltar a fluir normalmente, a rede volta a ser uma caixa-preta, pontualizada (estabilizada), e logo voltará a passar despercebida. "Uma caixa-preta contém o que não precisa mais ser reconsiderado, aquelas coisas cujos conteúdos se tornaram questão de indiferença" (CALLON e LATOUR, 1981, p. 285)[40].

Quando tratamos de dispositivos, percebemos o conceito de caixa-preta como algo que na verdade é a junção de diversos objetos, mas que funcionam como um só, sem nos fazer lembrar da existência de uma complexa rede conectada por trás desse funcionamento. Holanda entende que:

> É aquela rede de actantes que passamos a ver como uma "coisa" que faz algo. Na verdade, coleções de actantes que podemos tomar como operadores únicos e simples de mediação. Desta forma, seu funcionamento interno é irrelevante e os tomamos como unidades que recebem entradas e produzem saídas, única coisa que interessa a quem os mobiliza. (HOLANDA, 2014, p. 57).

Para Lemos (2011), "O objetivo da teoria ator-rede é abrir as caixas-pretas do social por meio de controvérsias. O social emerge enquanto rastro das diversas associações entre humanos e não-humanos. Ao cientista social cabe fomentar controvérsias e abrir caixas-pretas. Um conceito estabilizado, por exemplo, é uma caixa-preta. Um estereótipo é uma caixa-preta (LEMOS, 2011).

No que diz respeito a práticas e padrões, aqueles que são largamente empregados são os que mais frequentemente podem ser pontualizados (LAW, 1992). Portanto, buscar investigar possíveis pontualizações nas novas práticas jornalísticas perpassa por diagnosticar padrões que se repetem e que podem apontar para um caminho para a estabilização de um produto jornalístico. Outro aspecto em diálogo entre Caixa-preta e Controvérsias é a noção de **Caixa-cinza.** Quando algo ainda não conseguiu se estabilizar ou é desestabilizado depois de ter sido pontualizado em caixa-preta, surge a ideia de caixa-cinza ou caixa translúcida

[40]"A black box contains that which no longer needs to be reconsidered, those things whose contents have become matter of indifference" (Tradução nossa).

(VINCK, 1995; SILVA, 2016). “É uma metáfora usada para representar os fatos ou artefatos que estão abertos, em disputa, em busca pela solução do problema, mesmo que temporariamente” (SILVA, 2016, p. 179). Por isso a teoria ator-rede é um aporte relevante para um estudo que se propõe a analisar um fenômeno recente, que ainda não adquiriu estabilidade, ou seja, que está no estágio de caixa-cinza.

Quando uma nova função é adicionada em um novo modelo de *smartphone*, por exemplo, o tempo que se leva até que se chegue a uma concordância de como utilizar os recursos oferecidos por essa nova função é o tempo em que ainda não ocorre a pontualização, ou seja, tem-se uma caixa-cinza até que aquela nova ferramenta passe a fazer parte de uma rede - o aparelho *smartphone* - sem ser notado, tornando-se apenas um componente de uma caixa-preta com suas funções definidas e atuações que passam despercebidas. A imagem que surge à mente quando pensamos em *smartphone* em 2017 não é mais a mesma imagem que se pensaria em 2014, nem a de 2014 era igual à de 2012, e ainda assim existia uma ideia superficial padrão de o que era um *smartphone* e quais suas funções regulares em cada uma dessas épocas. Isso se dá graças à constante mobilidade, inerente a esse tipo de dispositivo, no sentido de que a associação de elementos que compõem a rede que se pontualiza em caixa-preta está constantemente sendo aberta, se tornando caixa-cinza e se reconfigurando, adicionando e excluindo atores e se pontualizando novamente. Por isso, o telefone inteligente é ator, é rede, é caixa-preta, é caixa-cinza, é móvel e é nômade, a todo tempo.

No cenário do jornalismo, podemos entender que novos padrões que emergem através de redes sociotécnicas híbridas colocam as transmissões padronizadas do jornalismo industrial de massa em xeque, sendo essa controvérsia entre antigos padrões e novos modelos de transmissões - do ponto de vista estrutural e de como se desenvolvem e circulam as coberturas jornalísticas - a caixa-cinza a ser analisada neste trabalho.

Para o funcionamento das Controvérsias e das Caixas-Preta e Caixa-Cinza, temos os elementos conceituais da Teoria Ator-Rede que mobilizam toda a rede de associações. O principal é o conceito de **Actante (mediador).** Como busca dar igual atenção a humanos e não humanos, a TAR entende que o termo “ator” puramente remete ao humano, por isso, toma de empréstimo da semiótica gremasiana o termo “actante”, que seria todo aquele humano ou não-humano que promove e sofre ação (LATOUR, 1999). Alex Primo (2007) chama de “interagente” o que chamamos aqui de actante, por se tratar de participantes de uma interação. Para ser actante, é preciso operar modificações (SANTAELLA; CARDOSO, 2015). André Lemos (2013) classifica como possíveis actantes em uma associação: Dispositivos tecnológicos - Artefatos, redes e sensores; aplicativos; servidores e bases de dados; Serviços

baseados em localização - mapas, anotação, informação, localização, navegação, pontos de interesse, redes sociais, jogos, acesso; Sujeitos/usuários - humanos; Lugar/Espaço/Objeto - O contexto (local, geográfico); Leis, regulações, normas.

Portanto, tudo que nos rodeia, de forma concreta ou abstrata, pode ser actante em determinadas associações. É importante lembrar que pela perspectiva da Teoria Ator-Rede não há essências, portanto, nada "é" sempre actante e nem nada "não é" sempre actante. Em uma relação, o actante é chamado de mediador.

> o articulador que fará a conexão e montará a rede nele mesmo e fora dele em associação com outros. Ele é que 'faz fazer'. E actante é tanto o governante, o cientista, o laboratório, a substância química, os gráficos e tabelas… ou seja, humanos e não-humanos em um mesmo terreno sem hierarquias definidas *a priori*. (LEMOS, 2013, p. 42).

Entender o social depende de compreender as relações que se desenhem através de constantes negociações entre actantes nas redes que se formam a partir dessas associações. Sobre o conceito de rede, versaremos a seguir.

A compreensão de conceito de mediador, vem acompanhada da ideia de **Intermediário.** O intermediário tem como definição inicial algo ou alguém que participa da associação sem produzir diferença, apenas transporta sem mediar. Lemos entende que "tudo que está no fundo, transportando sem modificar, é um intermediário" (LEMOS, 2013, p. 47). É um quase actante (SILVA, 2016, p. 179). Para Santaella (2015), o intermediário é considerado um actante, mas um actante que complementa o papel do mediador e que atua simplesmente no "transporte cego e imparcial de uma informação" (SANTAELLA, 2015, p. 174).

Lemos diz ainda que:

> Intermediário é a quem foi delegada determinada tarefa e que a realiza em perfeita obediência ao programa, ao script. Ele transporta, mas não muda nada. Por exemplo, transmitir informação sem alterar seu conteúdo, portanto, sem contribuir ou enriquecer a comunicação, sem produzir diferença. (LEMOS, 2013, p. 79).

O pensamento de Lemos se vale da concepção inicial de Latour, que define: "Um intermediário, em meu léxico, é aquilo que transporta significado ou força sem transformá-los: definir o que entra já define o que sai" (LATOUR, 2012, p. 65). Entretanto, o próprio André Lemos, na mesma obra, traz uma entrevista com Bruno Latour em que o autor francês desconstrói a própria ideia inicial de que o intermediário poderia fazer seu papel na

associação sem causar transformação. Como este trabalho não visa a redefinir ou desconstruir conceitos da Teoria Ator-Rede, mas ao mesmo tempo precisa tê-los delimitados, entenderemos aqui intermediários como participantes com menor poder de influência em uma associação. Seriam espécies de actantes coadjuvantes, ou mesmo quase actantes.

É mister saber que, pelo caráter móvel das associações que constroem o social, a posição de intermediário não é uma essência, mas uma condição temporária e em relação com determinada rede. Por isso, rastrear o posicionamento de mediadores e intermediários nas relações é um caminho interessante para compreender a construção de fenômenos sociais quando do seu acontecimento. A proposta da TAR de não hierarquizar componentes das associações nem categorizar as práticas de forma antecipada é justamente o que a faz ser uma teoria de observação do social no momento de sua construção. Mais uma vez, uma sociologia da mobilidade.

A mediação entre actantes e objetos humanos e não-humanos, ocorre na **Rede.** A ideia de rede aqui trabalhada não remete à sociabilidade (em que os humanos estão inseridos) e nem a uma estrutura técnica que permite a realização de certas atividades. “Rede não é por onde as coisas passam, mas aquilo que se forma na relação (mediação, tradução) das coisas” (LEMOS, 2013, p. 54). Percebam que, para a TAR, rede não é o social, mas justamente o faz com que ele surja. Para Lemos, “Rede é o movimento da associação, do social em formação” (LEMOS, 2013, p. 35). A rede é a junção entre diversos “nós” (SILVA, 2016, p. 68) e cada nó é um actante. Nesse contexto, tudo é rede, pois tudo é resultado de associações. Um aparelho celular, por exemplo, é resultado do trabalho de diversos pesquisadores (que utilizaram toda uma estrutura física e conhecimentos adquiridos em outras associações) e é a junção harmoniosa (caixa-preta, como veremos mais à frente) de diversos outros objetos (microfone, câmera, chips, tela, bateria etc.), que, por sua vez, também são redes.

Holanda (2014) atenta para a distinção entre o conceito rede e a rede técnica concreta, diferenciando o processo de composição (associação) e a junção de elementos de fato que surge como composto enquanto resultado justamente da associação. A rede é, desse modo, a construção, o processo de relação e fluxo entre atores humanos e não-humanos, enquanto a rede técnica é a consequência concreta dessa construção. Ou ainda, “A rede no sentido usual de rede técnica é, então, o resultado tardio da ‘rede’ no sentido que interessa à pesquisadora” (LATOUR, 2012, p. 43).

Lemos (2013) atenta para a simbologia do hífen na expressão *ator-rede* (ator hífen rede), pois ele aponta para a circulação da agência, uma vez que em uma associação não há papel determinado para seus participantes como atores ou supostos recebedores da ação, mas

sim uma noção de movimento, de constante mobilidade. Portanto o actante age sobre a rede e é agido por ela. Ator e rede são indissociáveis. Na verdade, o ator é também rede. Ator-rede. Não implica que ele é parte de uma rede enquanto estrutura *a priori* que define suas ações, mas sim que ele constrói a rede a partir de suas associações.

As redes remetem também a ideia de **Tradução/mediação,** que por sua vez se vincula à comunicação e à transformação de actantes e também se endereça à constituição das redes (LEMOS, 2013). Trata-se da ação que um actante impõe a outro, "implicando aí estratégias e interesses próprios na busca da estabilização futura da rede ou da resolução da estratégia ou do objetivo" (LEMOS, 2013, p. 48). Callon e Latour definem tradução como "todas as negociações, intrigas, cálculos, atos de persuasão e violência, graças aos quais um ator ou força toma, ou faz com que seja conferida ele mesmo, autoridade para falar ou agir em nome de outro ator ou força" (CALLON e LATOUR, 1981, p. 279)[41]. Ainda, a tradução se constitui em "deslocamento, deslize, invenção, mediação, a criação de uma conexão que não existia antes e que, em algum grau, modifica os dois elementos ou agentes" (LATOUR, 1994b, p. 32)

No jornalismo podemos visualizar diversos casos em que ações estratégicas envolvendo associações de actantes são praticadas buscando-se encontrar a estabilização de padrões em modalidades que passam por momentos de reconfiguração ou naquelas que ainda não têm lógicas nem modelos de negócio de sucesso bem definidos, como é o caso do objeto investigado neste trabalho. Existe um confrontamento de poderes em busca de impor seus valores e de tentar fazer com que suas práticas ganhem espaço em um cenário midiático em constante construção. Holanda diz que "Um agente não pode realizar por seus próprios meios um dado objetivo e, para superar esta dificuldade, 'alista' outros agentes (humanos ou não) que possam contribuir para a realização da tarefa visada" (HOLANDA, 2014, p. 55).

É perceptível a mútua influência entre humanos e não-humanos quando observamos que o homem faz uso da técnica para atingir objetivos que não seriam possíveis por si só e ao mesmo tempo a técnica (não-humanos) impõe ao humano adaptações, aprendizados e posteriores transformações no hábito da sociedade para fazer uso das potencialidades oferecidas pelo objeto. Para modificar (e melhorar) sua prática profissional através da utilização de um *smartphone*, por exemplo, um jornalista precisa antes modificar a si mesmo e aprender a operar o dispositivo móvel.

---

[41]"By translation we understand all the negotiations, intrigues, calculations. acts of persuasion and violence, thanks to which an actor or force takes, or causes to be conferred on itself, authority to speak or act on behalf of another actor or force" (Tradução nossa).

O conceito de tradução remonta ao exemplo dado anteriormente do híbrido homem-arma, em que, ao empunhar uma arma, nem o homem é mais o mesmo nem a arma é mais a mesma. Trata-se do homem-arma, que tem potencialidades e características diferentes do que quando separados. Em toda relação em que ocorre transformação (de ambos), há mediação. Nesse caso a mediação deve ser entendida como o que resulta de uma associação, da troca de influência entre humano e não-humano (artefato) (SANTAELLA, 2015).

A mediação seria justamente a conexão (ou a aresta) entre os nós da rede, que está ligada à ideia de circulação (COLLON *apud* LEMOS, 2013. p. 49). A mediação, o fluxo, o contato transformador entre nós é o que dá o caráter de mobilidade a uma rede, e é na observação desse fluxo entre actantes que é possível enxergar o movimento da rede e, consequentemente, a mobilidade do social.

A TAR entende que não só humanos influenciam os demais componentes do mundo, mas discursos, leis, textos, conhecimentos abstratos, redes sociais, algoritmos, códigos de ética etc. também participam dessa relação modificadora das redes que compõem a realidade sociotécnica. Neste contexto, reinvindica-se também o conceito de **Delegação.** Dentro do conceito de mediação surge a ideia de delegação como a "passagem de responsabilidades de um actante a outro" (LEMOS, 2013, p. 49) ou "Autonomia de um, dada por procuração a outro" (LEMOS, 2013, p. 241). Trata-se de situações em que humanos delegam atividades a não-humanos ou humanos fazendo ações para não-humanos. O semáforo que substitui o guarda de trânsito, câmeras e sensores que fazem a vigilância de um prédio, o alarme que desperta alguém, são exemplos de atividades delegadas de humanos para não-humanos. Lemos (2013) ilustra a delegação de não-humanos para humanos citando o exemplo do *captcha*, mecanismo informatizado que solicita que o usuário observe um código e digite-o para garantir acesso a um site. Podemos adicionar os exemplos do caixa eletrônico, que dá instruções e ordens ao usuário e de uma máquina de refrigerantes, que em determinado momento ordena: "Insira a moeda". Portanto, a delegação é, em uma relação sociotécnica, uma distribuição de competências (LATOUR, 1992; HOLANDA, 2014)

Do mesmo modo, o elemento **Inscrição** é uma categoria que responde como um tipo de mediação a partir de *scripts* de dispositivos, que gera ficção, que por sua vez atua como fator importante para nosso entendimento de representação do real enquanto enunciado estabilizado (LEMOS, 2013). Podemos compreender que essa modalidade de mediação remete à participação de não-humanos na construção da ficção que se apresenta a nós e a partir da qual definimos o que entendemos como realidade. Latour (2005) se opõe ao construtivismo - mais uma vez por ser uma corrente que desconsidera a participação dos

objetos na construção do social - e defende o uso do termo “instauração” e Lemos (2013) entende que a instauração da realidade se dá a partir de inscrições. O conceito de inscrição é importante, pois está diretamente ligado à prática jornalística, que é uma das formas mais atuantes na organização de significados na sociedade e que tem seu cotidiano completamente permeado por actantes não-humanos, incluindo o *smartphone*.

No que diz respeito aos estudos do jornalismo, Lemos (2013, p. 67) sugere que a TAR fornece aporte teórico e metodológico para lidar com questões centrais. Para ele, a teoria oferece sete contribuições para esse campo de conhecimento, que desdobramos abaixo a compreensão de cada um e seu funcionamento:

a) *Evitar a purificação dos fatos* - Não buscar explicações de visões essencialistas que atribuem a agência puramente ao homem ou à técnica e suprimem o debate sobre a complexidade das redes que compõem o social. Os híbridos é que desenham o social;
b) *Oferecer um método capaz de ultrapassar delimitações entre natureza, sociedade e discurso* - Distanciar-se do pensamento moderno positivista que delimita claras fronteiras entre campos sociais em detrimento de uma visão de imbricamento, fluxo e engendramento em uma constante e complexa construção do social através da correlação entre as mais variadas instâncias sociais*;*
c) *Reposicionar o entendimento sobre a mediação* - Entender a mediação como um processo em que actantes trocam influência e geram ações, transformações e significações;
d) *Apresentar o discurso midiático como rede de proposições*; O discurso midiático não é determinado por um contexto maior, mas pela rede que o forma. Um discurso só pode resistir às críticas se tiver uma credibilidade instaurada a partir do uso de diversas fontes e vozes que confirmam, endossam e avalizam a mensagem veiculada.
e) *Destacar a necessidade de não se abandonar o empírico em favor das estruturas* - Não observar fenômenos esperando explicações estruturais prévias, *a priori*, mas sim perceber sua construção a partir do empírico, no momento das associações;
f) *Mostrar que o papel do analista é mapear redes de actantes mobilizados em determinada ação* - De acordo com a TAR, entender a construção do social passa por identificar todos os elementos humanos e não-humanos envolvidos nas relações e distinguir actantes e intermediários, destrinchando a composição da associação através do rastreamento das ações*;*

g) *Flagrar a constituição interna das caixas pretas* - Ao analisar uma rede sociotécnica, o analista busca perceber quais os actantes envolvidos naquela associação, ou seja, os elementos que ao se harmonizarem, funcionam como uma caixa-preta.[42].

A ideia é, portanto, compreender a construção de um produto jornalístico não como algo explicável por categorias definidas aprioristicamente, que seriam causas, mas como resultado de um arranjo temporário das redes associativas que constantemente se estabilizam e desestabilizam. A intenção desta pesquisa não é buscar causas em prol de encontrar um "porquê" que explique a constituição de determinada prática jornalística, mas sim de perceber "como" essa prática ainda não estabilizada está se construindo. A partir daí chegar a padrões que possam estar surgindo em determinados aspectos bem como a pontos que ainda não mostram nenhum tipo de perspectiva de se tornar caixas-pretas. Para tanto,

> A melhor forma de descrever objetos é aceitar seu caráter híbrido e heterogêneo. A partir do princípio da simetria generalizada [...], todos os elementos (naturais, técnicos, políticos) precisam ser descritos e analisados em um único nível, sem que a realidade de um domínio, ou nível, seja subsumida em níveis superiores ou precedente que a determinaram. "Assim, a partir dessa abordagem teórica, a ação é provocada não por atores unívocos, mas por composições heterogêneas mobilizadas para um determinado programa de ação". (LEMOS, 2013, p. 69).

Portanto, para compreender um fenômeno é preciso que se dê igual atenção a todos os elementos que o compõem, sejam eles humanos ou não-humanos. A análise deve ser feita através dos rastros das ações. As conexões entre nós de uma rede deixam rastros (LATOUR, 2005), e é a partir deles que, através de um trabalho que podemos chamar de investigativo, serão reconstituídas essas ações para que, assim, possa ser compreendida a construção do social.

Essas noções da Teoria Ator-Rede serão exploradas na perspectiva teórica e metodológica da pesquisa, de modo a constituir um arcabouço para a descrição e problematização dos dados e dos rastros que compõem a Controvérsia da cobertura das Olimpíadas e sua rede de actantes e tendo como pano de fundo alterações nas práticas jornalísticas e mudanças em princípios consagrados da Teoria do Jornalismo e sua deontologia.

---

[42]Tópicos de Lemos (2013). Comentários nossos.

## 4.2 Procedimentos Metodológicos

A presente pesquisa se utilizou da abordagem da Teoria Ator-Rede para explicar a controvérsia da cobertura das olimpíadas de 2016 através da transmissão ao vivo através de *live stream* via dispositivos digitais móveis pelo canal SportTV e a repercussão sobre o jornalismo e suas práticas e preceitos. A primeira etapa se constituiu de observação a fim de perceber quais tecnologias de *streaming* seriam utilizadas pelo canal durante os jogos e se essa utilização geraria material jornalístico suficiente para darmos prosseguimento ao objeto de estudo proposto, além de coleta de dados a partir do acompanhamento sistemático da cobertura (transmissões via Live e Periscope, os comentários e o salvamento de telas e de *links* para vídeos).

O período da coleta de dados compreendeu do dia 05 ao dia 21 de agosto de 2016. Como ao término dos jogos o canal havia realizado 129 transmissões via Live e apenas 9 via Periscope, decidimos fechar o escopo para a análise dos vídeos gerados apenas através da ferramenta Live. Como o Facebook permite que o conteúdo transmitido via Live seja reacessado posteriormente, não houve necessidade de captura de vídeos. Por isso, a coleta do material se deu a partir do salvamento dos *links* para todas as transmissões do canal SporTV no período delimitado, separando-os por data.

A segunda etapa da pesquisa ocorreu a partir da organização e análise do material, constituído dos rastros da cobertura (o material coletado) a partir da Cartografia das Controvérsias. Sendo assim, foram identificadas os actantes (atores humanos e não-humanos) envolvidos nas ações como repórteres, apresentadores, o cameraman público no estádio, audiência acompanhando através da TV e das redes sociais, como não-humanos a infraestrutura da cobertura, o microfone, a rede social Facebook, as câmeras e as interações resultantes.

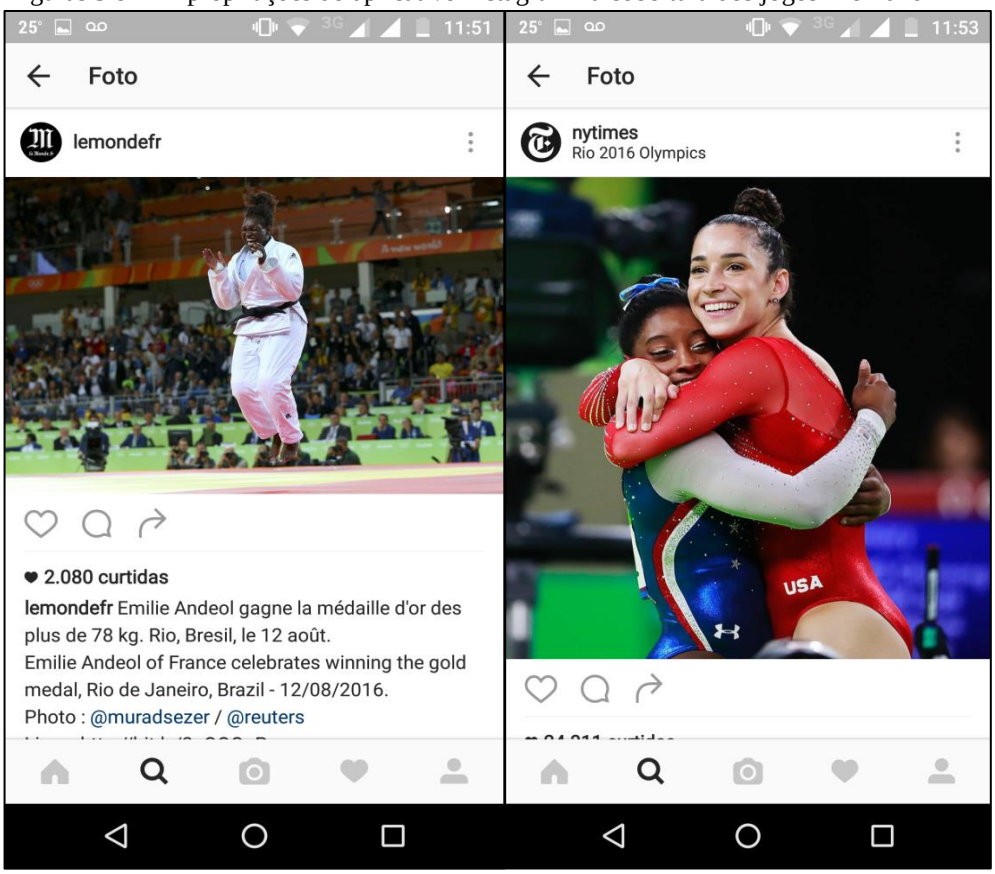
Portanto, neste trabalho aplicamos a Cartografia de Controvérsias como metodologia a fim de compreender como se deram as transmissões via Live do canal SporTV durante o período dos jogos olímpicos Rio 2016. A controvérsia definida para análise é justamente o nascimento de um novo produto jornalístico, em uma plataforma nova, sem padrões definidos a serem seguidos, um tipo de transmissão que se encaixa como produto pós-industrial, por estar livre do engessamento muitas vezes imposto pela mídia de massa de matriz industrial. Ao analisarmos as 129 transmissões via Live do canal, rastros das associações de todos os atores envolvidos, podemos perceber padrões que surgem, problemáticas e observar as ações

de humanos e não-humanos, constatando, assim, o redesenho de algumas características de uma transmissão jornalística ao vivo. Inicialmente, apresentamos alguns dados quantitativos a fim de contextualizar o universo da cobertura através da plataforma Live ao longo das olimpíadas. Então fazemos a análise descritiva de alguns momentos nos quais podemos observar uma nova prática jornalística se construindo e, portanto, a construção do social a partir da abertura da caixa-preta. Apropriando-se de uma metáfora utilizada por Santaella e Cardoso (2015), investigamos esse produto jornalístico a fim de observar o fenótipo (em genética, a adaptação diante de um novo ambiente, a novas organizações) em contraponto às características genotípicas (as que são herdadas de práticas antigas e consolidadas).

Entendemos a cobertura jornalística via Live como uma caixa-cinza, não por ser algo que chegou a ser uma caixa-preta e, pelo surgimento de uma controvérsia, se desestabilizou e foi posto em debate, mas por ser uma prática recente que nem sequer chegou a se pontualizar. Desse modo, as novas transmissões são a controvérsia, quando postas em perspectiva (como uma transmissão com função pós-massiva) com os padrões do jornalismo massivos, e também a caixa-cinza, por serem práticas de uma rede sociotécnica que estão em processo de disputa rumo a uma possível pontualização. Logo, nossa pesquisa trata de, ao observar o fenômeno em construção, identificar os actantes e intermediários e como se dá essa relação entre eles para daí perceber quais pontos continuam em tensão e quais apresentam estabilização e quais os papéis que homem e atores não-humanos assumem nesse novo produto midiático de transmissão jornalística ao vivo.

Observou-se durante a realização dos jogos a utilização de dispositivos móveis, sobretudo *smartphones*, na transmissão de conteúdo jornalístico, através de aplicativos de redes sociais como Twitter, Periscope, Facebook (incluindo o recurso Live), Snapchat, Instagram (Figuras 3, 4, 5 e 6).

Figuras 3 e 4 - Apropriações do aplicativo Instagram na cobertura dos jogos Rio 2016




Fonte: Captura de telas do aplicativo Instagram

Figuras 5 e 6 - Snapchat também foi utilizado no jornalismo na cobertura das olimpíadas

Fonte: Captura de telas do aplicativo Snapchat

Dentro dos aplicativos para dispositivos digitais móveis utilizados na cobertura jornalística das Olimpíadas se encontra o objetos de análise desta dissertação, qual seja o Facebook (através do Live). Durante a realização dos jogos, algumas organizações se apropriaram das potencialidades de ferramentas que possibilitam transmissões ao vivo via *stream* em suas rotinas produtivas. Dos canais dedicados a esportes, a FOX Sports realizou algumas transmissões via Periscope, a ESPN Brasil utilizou tanto Live quanto Periscope também de modo esporádico. O SporTV, canal aqui investigado, realizou uma cobertura com uso mais frequente dos aplicativos que oferecem recurso de *live stream.*

Como dito anteriormente, pela maior representatividade quantitativa em relação às transmissões feitas via Periscope, esta pesquisa se apoiou em análises das transmissões via Live do Facebook a fim de, à luz da Teoria Ator-Rede, rastrear as associações sociotécnicas e encontrar actantes e intermediários entre os atores humanos e não-humanos para perceber como vem se desenhando essa modalidade do jornalismo.

## 4.3 Aplicação da TAR na pesquisa

Antes de adentrarmos na seção de análise do objeto de pesquisa, uma breve recapitulação do que foi discutido até aqui sobre os pensamentos que guiam a TAR e pelos quais estudos de comunicação devem se orientar, na visão de Lemos (2013): Segundo a ontologia plana (LATOUR, 2005), humanos e não-humanos estão em mesma posição; não é possível se definir nada a partir de uma essência apriorística, mas através das associações; não existe transcendência, mas subsistência; tudo se dá a partir de ações advindas de associações através de mediação, tradução ou delegação; as controvérsias tendem a caminhar para a pontualização, a transformação em caixas-pretas, até que novas controvérsias as abram novamente (transforme-as em caixas translúcidas ou cinzas); a nossa percepção de mundo se dá por inscrições híbridas através das quais se constrói a realidade; a sociedade e fluxo e movimento constante, sempre se remodelando como um magma (VENTURINI, 2009), que se solidifica por um tempo para depois retornar ao estado líquido e adquirir novas formas; o social não é uma estrutura externa que dá existência às controvérsias, mas sim é remodelado ao passo que as controvérsias acontecem. O social não é causa, mas consequência da constante reconfiguração das associações; e as escalas são construções humanas, não há hierarquias nas redes e sim aninhamentos de redes umas dentro das outras (DI FELICE; TORRES; YANAZE, 2012).

Isso posto, discutiremos como a Teoria Ator-Rede se aplica enquanto metodologia a esta pesquisa. A TAR tem como metodologia proposta para a compreensão da construção do social a Cartografia de Controvérsias (CC) (VENTURINI, 2009). Lemos diz que essas cartografias

> nada mais são do que formas de "desenhar" a distribuição das ações, de seguir os actantes, de visualizar os diagramas da mediação, agenciamentos e de revelar cosmogramas. São os mapas gerados pela sociologia da mobilidade. Podemos dizer que a CC é um conjunto de técnicas para explorar e visualizar polêmicas, questões emergentes em determinados agrupamentos, o movimento, a circulação da ação e a fluidez das mediações, revelando as diversas dimensões que compõem uma rede sociotécnica. (LEMOS, 2013, p; 110).

Trata-se de entender e representar o fluxo da sociedade no momento de suas controvérsias, ou seja, antes de as redes se tornarem caixas-pretas. Nesse tipo de observação é possível compreender como se dá a formatação de uma rede sociotécnica (composta de humanos e não-humanos), percebendo suas posições como actantes ou intermediários e a constante dinâmica disputa de força presente na relação.

> As ações que merecem ser escolhidas para serem estudadas são aquelas em que os actantes ainda não estão harmonizados. São aquelas em que as traduções estão vivas, quentes, em andamento, onde a circulação é mais intensa e inacabada. É aqui que podemos ver o social se formando, revelando questões de diversas ordens [...]. Por isso, o trabalho da TAR é descrever as controvérsias a partir do mapeamento dos seus rastros. (LEMOS, 2013, p. 111).

Como vimos anteriormente, uma das principais preocupações da Teoria Ator-Rede é a de que não existem essências, nem transcendência, nem estruturas que baseiam o social e definem as relações, o que faz com que ela seja efetivamente uma teoria de percepções *a posteriori*, evitando categorias prévias. Trata-se mais de exploração do desconhecido do que de caçada a características e categorias já dominadas. Para Venturini: "Não há definições para aprender; premissas para honrar; hipóteses para demonstrar; procedimento para seguir; correlações para estabelecer…" (VENTURINI, 2009, p. 259). Portanto, a Cartografia de Controvérsias não requer um método específico a ser seguido (VENTURINI, 2009; LEMOS, 2013; SILVA, 2016).

É importante perceber que a TAR não requer um método específico, mas ao mesmo tempo não exclui qualquer método. É uma teoria que, para Latour requer apenas que se observe e descreva a controvérsia.

Encontramos diversos estudos em que a Cartografia de Controvérsias é aplicada para rastrear debates acerca de assuntos polêmicos. Em Lemos (2016), vários casos desse tipo são tratados por autores diversos, como a discussão sobre a autoria de um seriado de TV (ARAÚJO, 2016) e a polêmica morte do João Goulart (ALVES JÚNIOR, 2016). Também encontramos abordagem semelhante aplicada em investigação sobre o debate acerca do desenvolvimento sustentável (SILVA, 2016). Mas o presente estudo se aproxima mais de discussões que buscam compreender novas etapas de práticas notadamente sociotécnicas, como o avanço do automatismo na fotografia (LEMOS; PASTOR, 2016) e a importância do não-humano na construção da narrativa cinematográfica (SAMPAIO, 2016). No presente caso, analisamos como se dá a relação entre humanos e não-humanos e quais os resultados práticos provenientes de um novo modelo de transmissões jornalísticas: as transmissões via *live stream*, mais precisamente através da plataforma Live, do Facebook.

Lemos baseia-se em McBride (2000) e Brooks e Atkinson (2004) para sugerir etapas para o estudo de mídias locativas, as quais podemos aproveitar no estudo sobre transmissões stream:

a) Identificar atores (humanos e não-humanos);

b) Investigar os actantes e como age cada um deles;

c) Mapear interações entre esses actantes e intermediários, descrevendo as relações em termos de mediação, delegação e pontualizações;

d) Construir um modelo ou mapa que possibilita entender as relações e as conexões fortes e fracas, bem como avaliar a complexidade dessas relações;

e) Identificar irreversibilidades dos eventos e as hierarquias e diferenças de poder entre os diversos actantes (deve-se mostrar quais as funções, as posições, quem decide, as necessidades instauradas etc.);

f) Identificar inibidores e promotores que podem surgir da tecnologia, dos usuários ou do lugar.

Essas etapas não se apresentam como um esquema completo, visto que outras etapas podem surgir ao longo da observação, nem tampouco são etapas absolutamente indispensáveis, mas se mostram como um interessante caminho a seguir a fim de rastrear controvérsias e compreender a estruturação do social.

# CAPÍTULO 5

# RESULTADOS: LIVE STREAMING E TECNOLOGIA MÓVEL NA COBERTURA JORNALÍSTICA DO SPORTV NAS OLIMPÍADAS 2016

As Olimpíadas Rio 2016 foram a 31ª edição da era moderna dos jogos olímpicos de verão, sendo a primeira realizada no Brasil e na América do Sul. A Rio 2016 aconteceu de 05 a 21 de agosto deste ano e contou com um orçamento de R$ 39 bilhões[43] para a realização do evento. 11558 atletas de mais de 200 países disputaram medalhas em 42 esportes[44], divididos em diversas modalidades. Mais de 140 mil pessoas participaram da organização, entre membros do comitê organizador, profissionais contratados e voluntários[45]. Os jogos ainda atraíram o fluxo de 1,17 milhão de turistas na cidade-sede, sendo 410 mil vindos de outros países.

## 5.1 A Estrutura da Cobertura das Olimpíadas no Rio de Janeiro

Um evento de tamanha magnitude e impacto mundial atrai a atenção da imprensa internacional. Grandes organizações de alcance mundial como CNN, ABC, NBC, BBC, FOX etc. dedicam espaços especiais para os jogos olímpicos em suas coberturas jornalísticas espalhadas por diversas plataformas. O Comitê Olímpico Internacional (COI) contabilizou 350 mil horas de transmissões somando os mais de 500 canais de TV e mais de 250 plataformas digitais em ação durante os jogos, mais do que as menos de 200 mil horas transmitidas nos jogos de Londres 2012. Mais de 90% da audiência brasileira assistiu a pelo menos uma cobertura dos jogos 2016. Também segundo o COI, pela primeira vez, foram oferecidos conteúdos dos jogos em qualidade 8K e em Realidade Virtual[46]. Mais de 1 mil

[43]Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/06/eduardo-paes-detalha-gastos-com-olimpiada-do-rio.html>. Acesso em: 14 ago. 2016.
[44]Disponível em: <www.rio2016.com>. Acesso em: 14 ago. 2016.
[45]Disponível em: <http://www.riodejaneiroaqui.com/olimpiadas2016/olimpiadas2016.html>. Acesso em: 14 ago. 2016.
[46]Disponível em: <ttps://www.olympic.org/news/rio-2016-sets-records-on-the-field-of-play-and-online-1>. Acesso em: 14 ago. 2016.

câmeras (incluindo *cable cams*) foram utilizadas na transmissão depois de 7 anos de planejamento.[47]

A Rede Globo, maior empresa midiática do Brasil, contou com 2.000 profissionais na cobertura dos jogos. Já o SporTV, canal esportivo de TV por assinatura da Rede Globo, mobilizou mais de 1 mil profissionais e construíu 3 novos estúdios para a cobertura da Rio 2016. Normalmente, o grupo conta com 3 canais e durante a realização das olimpíadas disponibilizou 16 canais de sinal fechado em HD e até 56 canais *online* para acesso através de computadores e dispositivos móveis. A ideia era realizar transmissão de 100% das competições[48]. O canal contratou 110 comentaristas e lançou 5 programas novos em sua programação durante o tempo em que as olimpíadas aconteciam[49].

Buscando formar a equipe para uma operação desse porte, a Globosat (empresa da Rede Globo à qual pertence o SporTV) contratou, através de processo seletivo, 200 profissionais temporários para as áreas Marketing SporTV, Operação Produção (Tecnologia), Pesquisa e Decupagem, Gestão de Acervo - Organização de Conteúdo, Programação SporTV e Novas Mídias[50].

Se os jogos de Londres 2012 - pelo fato de que até Pequim 2008 as redes sociais e o *smartphone* se encontravam em estágio incipiente de penetração na sociedade - foram os primeiros com cobertura totalmente digital e com uma grande abrangência midiática em multitelas (ALZAMORA; TARCIA, 2015), as olimpíadas 2016 foram marcadas pelo começo do uso de plataformas de *streaming* via dispositivos móveis digitais na cobertura jornalística do evento.

## 5.2 Transmissão ao vivo do SporTV da Rio 2016 pelo Smartphone

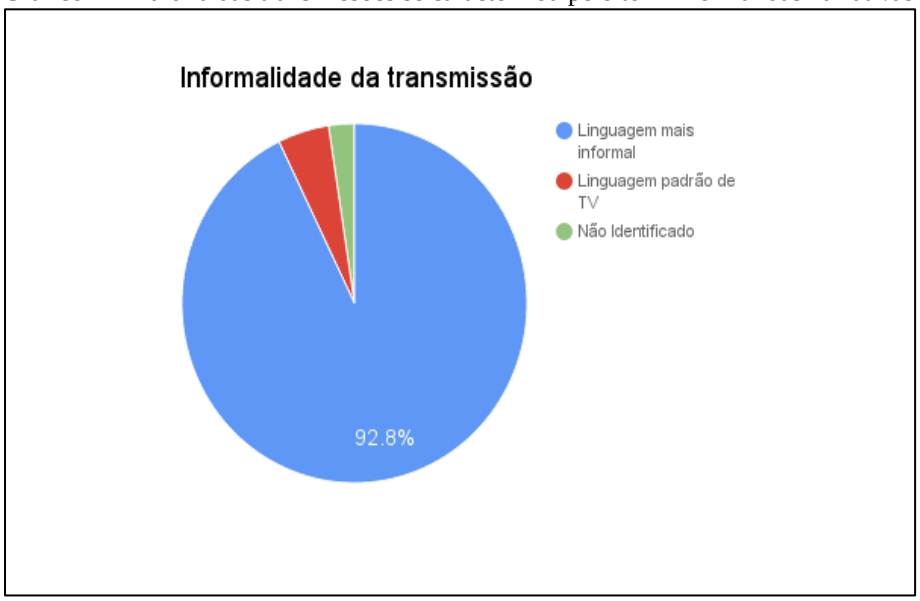
Durante a pesquisa foram coletadas 129 transmissões via Facebook Live: 2 tiveram seus links corrompidos (ficando, portanto, inacessíveis para análise) e outras 2 foram descartadas (uma por ter apenas 3 segundos de duração e a outra por ter 34 segundos mas ser muito confusa). Portanto, o universo explorado se limitou a 125 transmissões.

---

[47]Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5234581/>. Acesso em: 14 ago. 2016.
[48]Disponível em: <http://sportv.globo.com/site/programas/rio-2016/noticia/2015/11/rio-2016-o-sportv-comprou-todos-os-ingressos-e-o-assinante-e-o-convidado.html>. Acesso em: 14 ago. 2016.
[49]Disponível em: <http://sportv.globo.com/site/somostodosrio2016/>. Acesso em: 14 ago. 2016.
[50]Disponível em: <http://sportv.globo.com/site/programas/rio-2016/noticia/2016/02/globosat-realiza-processo-seletivo-para-os-jogos-olimpicos-do-rio.html>. Acesso em: 14 ago. 2016.

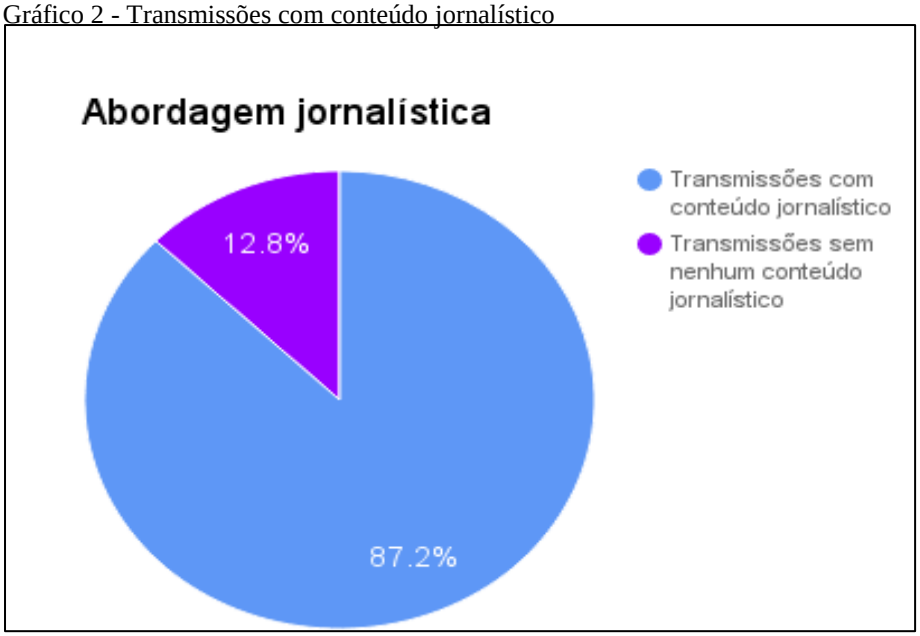
Em estudo anterior (GUIMARÃES; SOBRINHO NETO; SILVA, 2016), observamos que o canal ESPN Brasil teve uma experiência com *app* de live stream (Periscope) na qual a informalidade foi uma das características principais encontradas e por muitas vezes a exploração de bastidores e brincadeiras distanciavam a abordagem do conteúdo jornalístico. Essa foi uma preocupação nossa antes de analisarmos a apropriação do Facebook Live pelo SporTV: se elas teriam realmente teor jornalístico (uma vez que objetivamos compreender o rearranjo do jornalismo e não de toda e qualquer mídia). Entretanto, ao mesmo tempo em que quase a totalidade das transmissões via Live do SporTV apresentaram um tom consideravelmente mais informal que os padrões da TV - 116 vezes (92,8%) contra apenas 6 (4,8%) de padrão formal e 3 (2,4%) sem padrão identificado (Gráfico 1) - 109 transmissões (87,2%) continham de alguma maneira conteúdo jornalístico e apenas 16 (12,8%) trataram apenas de amenidades sem relevância jornalística (Gráfico 2). Embora o jornalismo esportivo tenha uma característica menos formal que o padrão geral do jornalismo da TV - que, por sua vez, por vezes também assume condutas menos formais - nas transmissões, era comum ver repórteres comendo, usando *bobs* no cabelo, contando piadas etc. Por isso fazemos a distinção e classificamos essas transmissões como tendo "linguagem mais informal".

Gráfico 1 - Maioria das transmissões se caracterizou pelo tom informal das narrativas




Fonte: Elaboração própria

Gráfico 2 - Transmissões com conteúdo jornalístico




Fonte: Elaboração própria

Como o SporTV não podia transmitir imagens dos campos de jogo pelo celular durante as partidas, quase todas as transmissões pelo Facebook Live ocorriam nos bastidores. Porém, a grande maioria trazia informações que refletiam um trabalho jornalístico por trás, com etapa de apuração e checagem de dados, enquanto algumas poucas focavam apenas no entretenimento ou nos bastidores técnicos do próprio SporTV, com conversas dispersas sem levar ao usuário conectado notícias ou conteúdos relevantes. Portanto, pela alta porcentagem das transmissões que ofereceram informações relevantes para o contexto dos jogos, não obstante a informalidade latente na forma como foram apresentadas, as transmissões pelo Facebook Live realizadas pelo SporTV durante os jogos Rio Olímpicos Rio 2016 foram encaradas como experiências jornalísticas dentro da estratégia de cobertura para o evento.

### 5.2.1 Identificando atores humanos e não-humanos na cobertura

Por ser um fenômeno novo, a cobertura jornalística através do Live do Facebook não tem um padrão consagrado a ser seguido. Tudo é novo e tudo pode ser explorado. A rigidez estética e técnica da cultura midiática e do jornalismo de massa é abrandada em um ambiente pós-massivo e móvel. Compreender padrões que se formaram durante a cobertura do SporTV nesse ambiente remete a compreender a presença dos actantes e intermediários envolvidos no processo. Além disso, como buscamos compreender o que caracteriza essa nova prática jornalística, é importante não apenas identificar os actantes presentes, mas também os que

agora são ausentes mas já foram actantes nas coberturas jornalísticas ao vivo em vídeo anteriormente. A compreensão de um fenômeno de reconfiguração sociotécnica não passa somente por rastrear o que está ali, palpável, mas também por notar o que não mais está lá, quais actantes deixaram de fazer parte das relações.

Inicialmente, identificamos alguns atores que se mostraram presentes em todas as associações que originaram as 125 transmissões jornalísticas via Live observadas: repórter, *smartphone*, rede de internet, Facebook e usuários. A estrutura básica dessas transmissões *live streaming* era composta por um híbrido *repórter-celular* que envia dados pela *internet* ao *Facebook*, que, por sua vez, difunde-os aos *usuários.* Os usuários, então, reagem à transmissão enviando dados de volta ao Facebook, que faz com que, através do celular conectado à internet, cheguem de volta ao repórter, em um ciclo de retroalimentação constante. A rede sociotécnica era constantemente complexificada pela presença de outros actantes e intermediários como entrevistados, equipamentos (pau-de-selfie, fone de ouvido etc), torcida, carros, ônibus, produtores e cinegrafistas que estavam se preparando para a entrada ao vivo no canal da TV a cabo e participavam da Live em papéis diferentes, estádios, o Comitê Olímpico Internacional que impunha certas limitações ao trabalho dos repórteres através de suas regras, entre outros.

A partir desse primeiro rastreamento, podemos observar o desaparecimento de atores mediadores e intermediários que são comuns em transmissões do jornalismo industrial de massa. Como em 92,8% do conteúdo analisado o próprio repórter filma sua atuação, fica evidenciada a ausência de atores humanos que costumeiramente participam de uma reportagem ao vivo: cinegrafista, motorista/auxiliar e, em alguns casos, produtor/estagiário. Em 62 transmissões foi possível observar se o repórter utilizava algum equipamento de retorno/ponto eletrônico, e em 80,64% delas não há qualquer equipamento desse tipo, o que aponta para a exclusão também da figura do editor, que em uma transmissão de TV conversa com o repórter constantemente, sendo actante na composição do produto jornalístico. Além disso, a transmissão através do celular, por suas características de convergência tecnológica e miniaturização, tira de cena não apenas o ator câmera, mas todo um grande número de equipamentos que compunham o aparato técnico necessário para transmissões ao vivo, como microfone, cabos, link, antenas etc. Também é descartada na Live a estrutura técnica de transmissão (*broadcast*) do canal.

Se a transmissão na TV demanda toda uma infraestrutura dispendiosa (estúdios, maquinário, sinal de satélite, concessão, entre outros), a Live faz com que tudo isso seja

trocado pela estrutura do Facebook[51]. Toda a infraestrutura necessária para uma cobertura via Live é um celular e internet (4G ou Wi-Fi). Se por um lado essa é uma enorme vantagem, por outro, uma empresa de grande porte como o SporTV fica dependendo do funcionamento de estruturas que fogem do seu controle para que a Live tenha total sucesso do ponto de vista técnico. Qualquer problema na internet ou na rede do Facebook pode desestabilizar ou até finalizar a transmissão e nada poderá ser feito pelo SporTV com relação a isso. Trataremos desses problemas mais adiante quando falarmos sobre actantes e intermediários na construção da Live.

Com a substituição da infraestrutura do canal pela infraestrutura do Facebook, também saem de cena na relação os profissionais que compõem o departamento de operações. Entretanto, é salutar que nos referimos ao "desaparecimento" desses atores e do acúmulo de atividades pelo repórter especificamente nos casos de transmissão ao vivo por smartphone e plataforma de *stream*. Logo, em outro contexto, o do "ao vivo" pelo canal SporTV da TV digital esses outros atores/actantes estiveram presentes. Neste sentido, trata-se mais de uma estratégia de inovação e convergência profissional que de diminuição de equipe profissional.

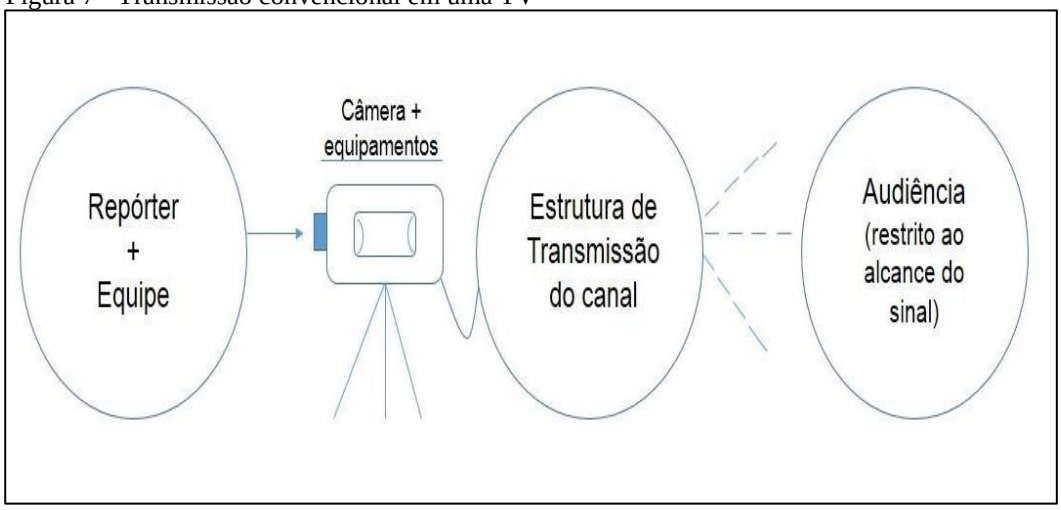
O repórter, que exerce a função compartilhada com equipe como cinegrafista, operador de áudio, iluminador e produtor em transmissão ao vivo no Canal SporTV, é o mesmo que, em outra situação, torna-se polivalente e acúmula todas as funções e agrega esses novos actantes não-humanos (smartphone, aplicativo e algoritmos do Facebook). Logo, estamos diante de uma complexificação da prática jornalística com a caracterização de um novo perfil, que exige cada vez mais domínio de novas tecnologias e de flexibilidade por se tratar de uma mobilidade líquida e multifacetada. As diferenças de composição (Figuras 7 e 8) podem ser observadas entre uma transmissão de TV[52] e a composição de um *Live Stream* por dispositivo móvel.

---

[51]O repórter envia o conteúdo através do celular para o Facebook, que, através dos atores que compõem a rede de sua infraestrutura de transmissão de dados, disponibiliza a Live para usuários, fazendo com que diversos atores da transmissão ao vivo tradicional na televisão sejam suprimidos.

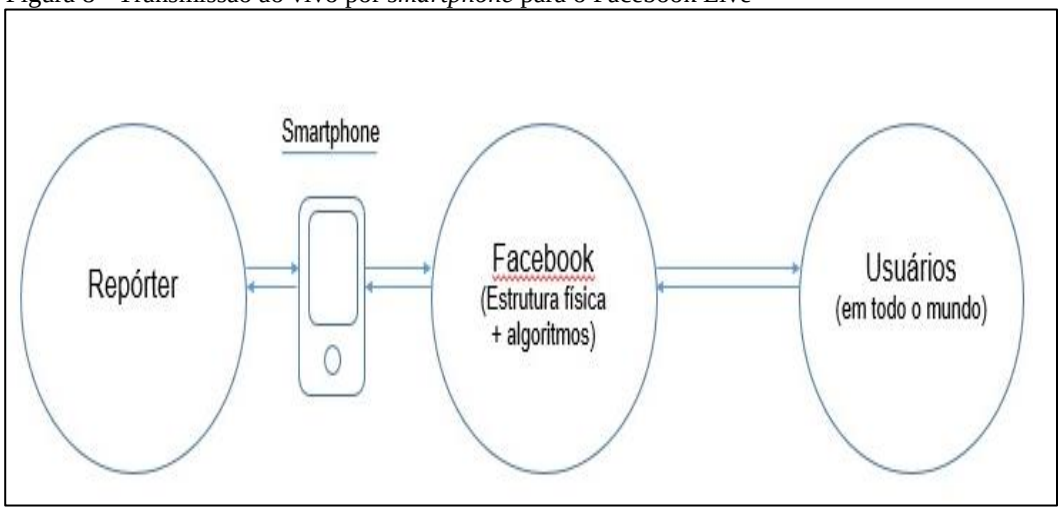
[52]Utilizamos o termo equipe no gráfico para se referir àqueles profissionais que acompanham o repórter *in loco*, como cinegrafista, auxiliar (CRUZ NETO, 2008), podendo ser acompanhados de estagiário ou produtor; e àqueles que participam da transmissão a partir dos estúdios, como editor e pessoal do departamento de operações (CARVALHO et al., 2010).

Figura 7 - Transmissão convencional em uma TV[53]




Fonte: Elaboração própria

Figura 8 - Transmissão ao vivo por *smartphone* para o Facebook Live[54]




Fonte: Elaboração própria

Percebe-se que na transmissão de TV a instância de recepção chama-se "audiência" e na Live, pela possibilidade de retroalimentação imediata, o termo adotado é "usuários", pois não mais se trata de um ator que somente recebe informação, mas que agora participa efetivamente da construção da narrativa jornalística. Ao longo da análise, observaremos essa reconfiguração do posicionamento dos atores, em que intermediários passam a ser mediadores e vice-versa, bem como a aparição de outros atores, que ganham mais ou menos destaque na relação de construção do produto jornalístico de acordo com as associações de momento.

[53]Com a adoção de estratégias multiplataformas, conteúdos transmitidos por canais de TV passam ser disponibilizado também na internet em serviços como "SporTV *Play*", o que relativiza a restrição da audiência ao alcance do sinal de transmissão do canal de TV.

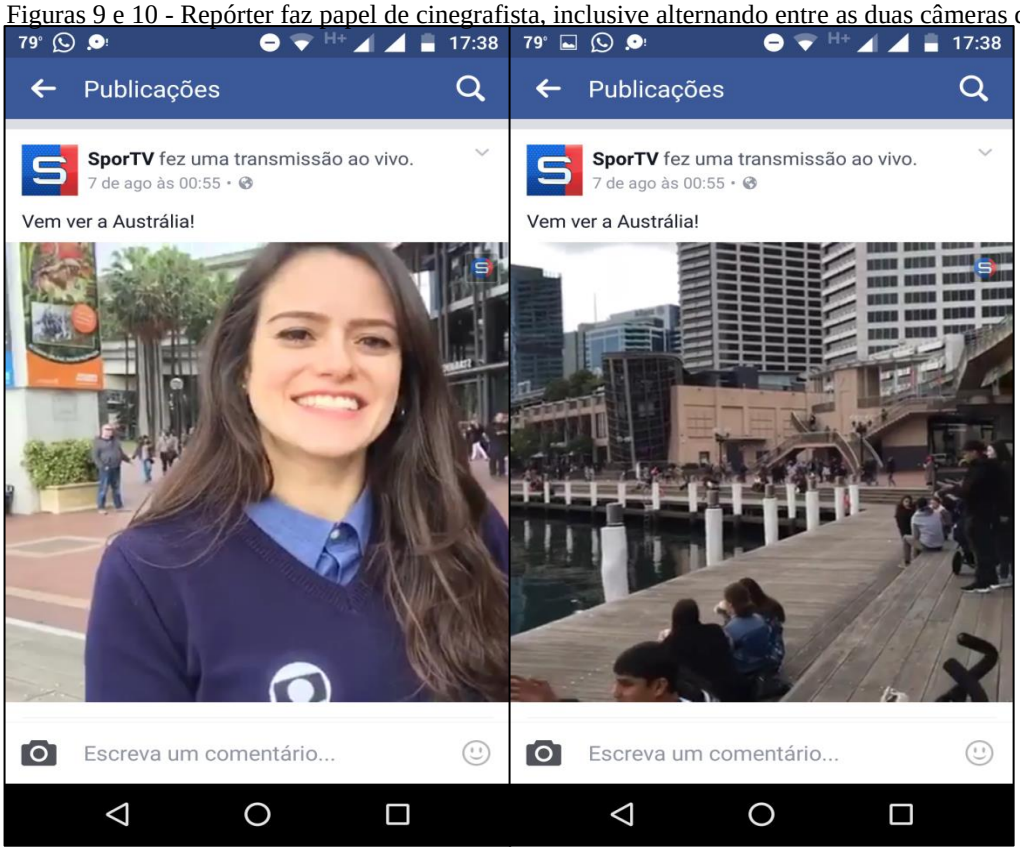
[54]A transmissão é teoricamente feita para todo o mundo através da internet, porém existem conteúdos que são bloqueados para alguns países, seja por questões contratuais ou por exigência de seus governos.

### 5.2.2 Actantes e intermediários nas associações: rastreando os papéis assumidos

Os elementos da estruturação de uma transmissão via Live estão em constante negociação em que disputam o "poder". Cada um tem seu papel específico na construção do produto jornalístico, entretanto, vemos diversos casos em que seus posicionamentos mudam. À primeira vista, tende-se a entender que na relação entre os atores humanos e não-humanos se daria de modo a termos repórter e usuários como actantes e *smartphone*, Facebook e rede de internet como intermediários. Porém, veremos a seguir que temos outros papéis relevantes assumidos por esses atores no desenvolvimento da Live:

a) **Repórter** - É o actante principal da associação. Ele quem guia a narrativa, dá o mote inicial da transmissão, toma decisões, lida com problemas de ordem técnica e filtra o que da participação dos usuários vai ser agregado à sua narrativa. Com a ausência de equipe técnica e editor, o repórter agrega as funções realizadas por esses atores ao seu leque de atribuições, como cinegrafista (Figuras 9 e 10), e passa a ter uma força maior na relação com os demais interagentes.

Figuras 9 e 10 - Repórter faz papel de cinegrafista, inclusive alternando entre as duas câmeras do celular




Fonte: Captura de tela

Por vezes, o repórter delega funções ao público, como quando pede perguntas para um entrevistado ou quando pergunta se o áudio está bom. O próprio repórter passa ao público funções que não são suas em transmissões de TV. Essa é outra característica forte nas cobertura via Live: o público é tirado da posição de intermediário (audiência) para actante na relação.

b) **Usuários**: *Aqueles antes conhecidos como audiência.* É assim que Clay Shirky (2011) chama o público da era pós-internet, ativo e participante dos conteúdos midiáticos. O autor diz que não há ainda um nome para esse novo papel que assume a instância que antes fora simples recebedora de informação. Aqui a chamamos de "usuários". Quando distingue essas duas épocas do público, Shirky está, em outras palavras, mesmo sem fazer qualquer referência à Teoria Ator-Rede, separando as atuações do público como intermediários - na cultura de massa - e actantes - na cultura da participação (pós-massiva). Em um cenário de mídias que oferecem que o "receptor" reaja instantaneamente ao que está assistindo ou lendo, o público ganha força na associação sociotécnica que origina os produtos jornalísticos que surgem via Live. Por isso, entendemos os usuários como actantes fundamentais no desenvolvimento da transmissão jornalística através de *live stream*.

Ao longo das transmissões analisadas, os usuários apresentaram algumas funções principais que os colocam como actantes: comentários (perguntas, informações adicionais, sugestões, ajudas a pedido do repórter, críticas, elogios), reações por emoticons (ou emojis) e recirculação (ZAGO, 2010). Como contraponto, surge a figura do *troll*, que também faz parte da transmissão.

A participação por comentários se torna algo que oferece prós e contras para construção da narrativa. O público constantemente envia mensagens diversas e estas impactam diretamente em duas instâncias: no repórter e nos próprios usuários.

Com relação aos próprios usuários, os comentários podem agir como marginália (PALÁCIOS, 2014), ou seja, anotações com informações extras que ficam adicionadas à narrativa principal mesmo que o repórter nem sequer note que ela foi escrita. O usuário pode compor a notícia mesmo sem anuência do repórter (Figuras 11 e 12).

Figuras 11 e 12 - Na seção de comentários, usuários adicionam informações às que estão sendo veiculadas na Live

Fonte: captura de telas da seção de comentários do Facebook Live

A informação complementar dada por um usuário não tem a mesma credibilidade do que está sendo veiculado oficialmente com a chancela do SporTV, que sugere uma apuração profissional, mas de qualquer maneira são informações que geram significação para aqueles que estão assistindo à transmissão. O que nos importa aqui é perceber o potencial expandido do usuário enquanto actante na associação que gera a Live. O usuário passa a ter impacto direto na composição de um produto (multi)midiático e essa é uma das formas como isso acontece. O recurso de interação entre usuários através de participações em comentários que compõem a tela dividindo espaço com o conteúdo audiovisual exibido é característica da chamada *Social TV* (CESAR; GEERTS, 2011).

No tocante ao repórter, os comentários impactam diretamente na sua atuação. Em 63,11% das transmissões há interação direta do repórter com os usuários. Por diversas vezes, as participações escritas do público guiam uma entrevista, pedem informações e até orientam em que direção deve caminhar o jornalista (Figuras 13 e 14).

Figuras 13 e 14 - Usuários guiam narrativa do repórter também através de perguntas

Fonte: captura de tela

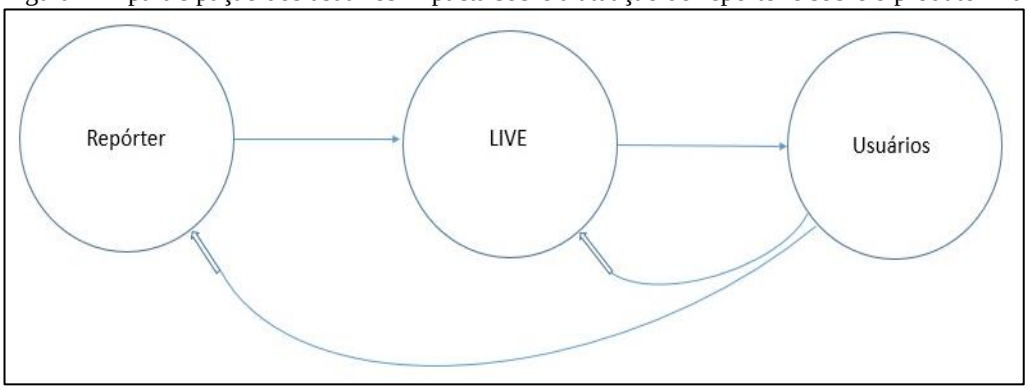
Por se tratarem de um tipo de *feedback* instantâneo, os comentários também podem causar impacto sobre o tipo de abordagem jornalística, de modo ao jornalista perceber em tempo real se determinada atitude ou temática agrada ou desagrada o público, podendo, então, modificar algumas características diante da aceitação dos usuários (Figuras 15 e 16).

Figuras 15 e 16 - comentários também são usados para tecer críticas e elogios à transmissão

Fonte: captura de telas da seção de comentários do Facebook Live

Na Figura 17 abaixo, podemos observar que o usuário pode atuar como mediador e influenciar diretamente o repórter. Basta que este leia os comentários (o repórter pode receber a informação e relevá-la (mediador) ou incorporá-la à sua narrativa, transmitindo-a *ipsi literis* como intermediário ou agindo como mediador ao adaptá-la com suas próprias palavras); ou o usuário pode apenas deixar informações adicionais anexas ao conteúdo de vídeo (que pode ser assistido ao vivo ou depois como conteúdo gravado), que serão consumidas diretamente por outros usuários independentemente da anuência do repórter. Ou seja, é possível que parte da significação gerada a partir da Live seja fruto de uma relação apenas entre usuários mediadores na seção de comentários.

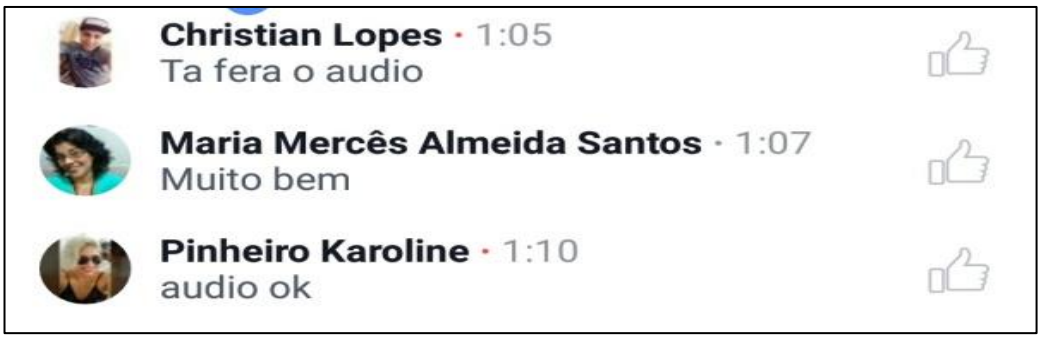
Figura 17 - participação dos usuários impacta sobre a atuação do repórter e sobre o produto final




Fonte: elaboração própria

Outro papel importante na associação que os usuários podem assumir diante do enxugamento do número de atores envolvidos em uma transmissão via Live é a de uma espécie de suporte técnico do repórter. Em tempo, é preciso observar que a diminuição dos atores envolvidos nesse tipo de transmissão, ao passo que oferece uma maior praticidade para transmitir conteúdo ao vivo em vídeo, também proporciona alguns problemas. A falta de equipe técnica deixa, por vezes, o repórter sem percepção de possíveis falhas. Veremos mais adiante alguns problemas técnicos que acompanham com frequência as transmissões através do Live. Por ora, atemo-nos a demonstrar como o usuário tem seu poder de ação aumentado nesse tipo de transmissão. No exemplo (figura 18), os "espectadores", diante da falta de retorno de áudio do repórter, dão a confirmação solicitada por ele de que o áudio está bom, para, assim, iniciar sua abordagem jornalística de fato.

Figura 18 - Após questionamento do repórter, usuários atestam a qualidade da captação de áudio da transmissão




Fonte: captura de tela

Com a ausência de uma equipe técnica e de uma estrutura de transmissão do próprio canal SporTV, o repórter fica à mercê de falhas técnicas que fogem do controle da área de competência dos profissionais (ou único profissional) envolvidos, e tanto o repórter quanto os usuários têm suas funções aumentadas dentro da rede sociotécnica que gera a Live. No caso da Figura 18 acima, a ação do actante usuário se dá por delegação do actante repórter. Há uma ação do repórter que tira o usuário da inércia e o leva a agir. Mas também há casos em que usuários dão o *feedback* técnico por iniciativa própria.

Outra participação do usuário que respeita a mesma lógica de fluxo é a utilização de *emoticons*[55] durante a transmissão. A Live permite que o usuário reaja através de seis signos imagéticos, que representam as sensações de cada pessoa ao assistir à transmissão. A cada vez que um usuário clica em cada ícone, o *emoticon* surge na tela tanto de quem transmite como

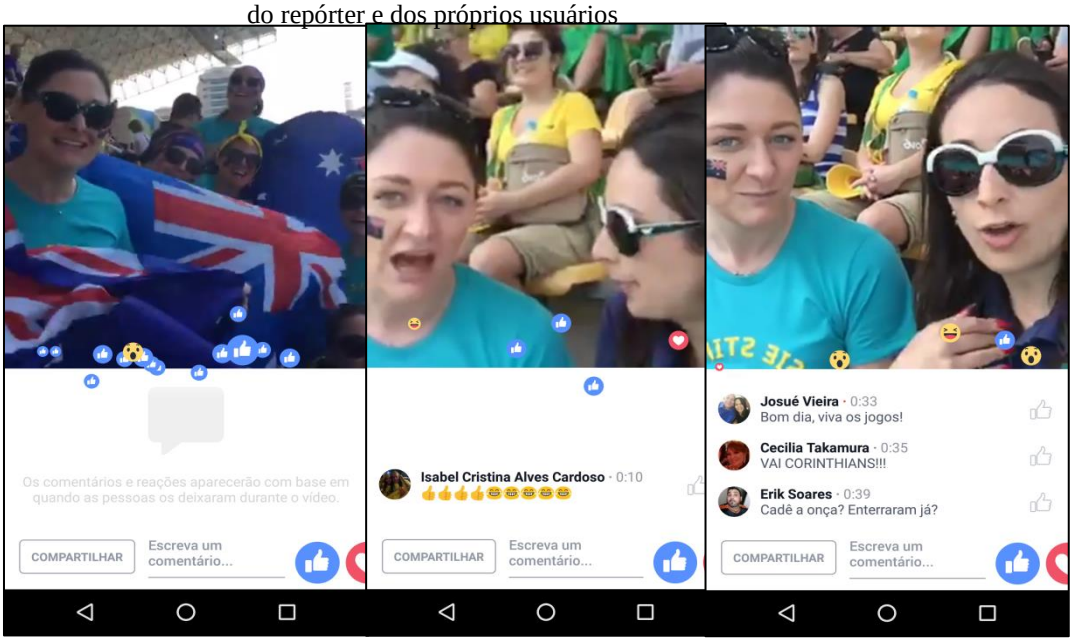
[55] *Emoticons*, ou *emojis* são ícones utilizados em conversas na internet para representar reações emotivas como raiva, surpresa, alegria, paixão etc.

na de quem assiste a Live. O usuário adiciona significação à composição do produto midiático. "Curtir", "Amei", "Haha", "Uau", "Triste" e "Grr" (Figura 19): ao escolher alguma dessas reações, o público está passando mensagem de aprovação, entusiasmo, graça, tristeza ou raiva diante do conteúdo transmitido e essa mensagem será absorvida tanto pelo repórter quanto por outras pessoas que participam da transmissão (Figuras 20, 21 e 22).

Figura 19 - Emoticons são utilizados para exprimir sentimentos diante da transmissão

Fonte: captura de tela do aplicativo Facebook para *smartphone*

Figuras 20, 21 e 22 - Ao longo da transmissão, *emoticons* com reações dos usuários aparecem nas telas do repórter e dos próprios usuários

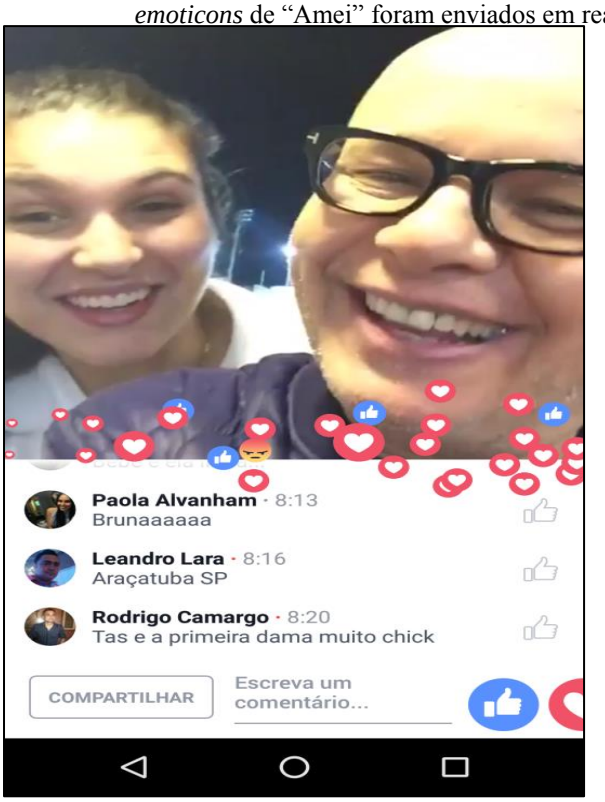



Fonte: captura de tela

Em uma transmissão de 10 de agosto, a repórter, ao ver alguns *emoticons* "Grr" diz: “Por que tem umas carinhas bravas? Eu fico assustada”. Em outra transmissão, no dia 13 de agosto, o repórter inicia a Live dizendo: “Eu quero Likes!”, referindo-se a receber a aprovação do público mediante a apresentação do *emoticon* Curtir. Dia 15 de agosto, o repórter reage: “*Tô* vendo muitos Likes. *Tô* gostando bastante!”. Já em 20 de agosto, a empolgação é perceptível quando o repórter festeja: “Olha o monte de coraçõezinhos!”. No dia 12 de agosto, o repórter diz: “olha quantos coraçõezinhos estão explodindo na tela” e

imediatamente surgem inúmeros corações (Figura 23). Fica claro que a reação instantânea do usuário, mesmo meramente imagética e limitada por seis tipos de *emoticons*, impacta diretamente sobre aquele que conduz a transmissão e, consequentemente, no conteúdo veiculado. Nesse caso, os não-humanos - *emoticons* - atuam como intermediários a partir de uma delegação do actante usuário e transmitem uma mensagem não-verbal que não seria possível de ser passada através de comentários.

Figura 23 - Após repórter comentar sobre corações que os usuários estavam enviando, inúmeros outros *emoticons* de "Amei" foram enviados em reação à interação



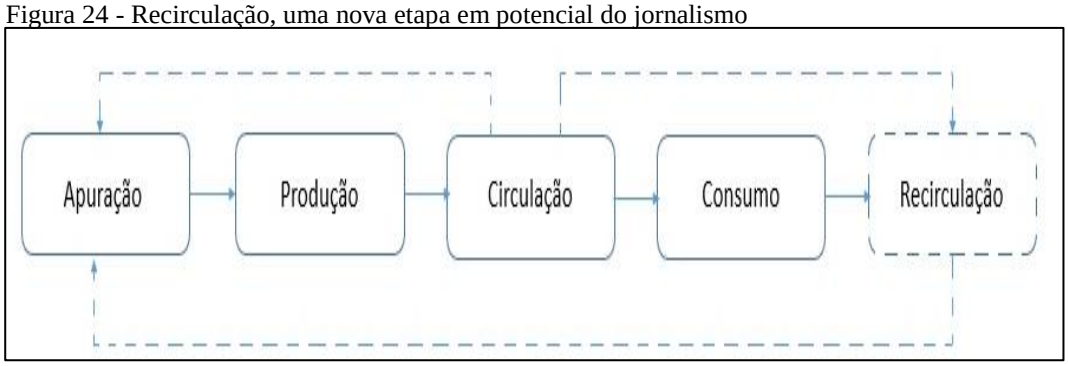

Fonte: captura de tela do aplicativo Facebook para *smartphone*

As reações que aparecem na tela através dos *emoticons*, se causam impacto nos repórteres que fazem as Live, tem potencial de impactar também sobre a recepção do conteúdo por parte do público. Ao acessar uma transmissão e verificar que diversos *emoticons* zangados estão sendo colocados na tela, um usuário pode ter sua visão influenciada diante da reação dos demais e acabar por enviesar sua opinião sobre a Live ou ao menos ligar o alerta de que algo de incomum está acontecendo naquela transmissão, já que a grande maioria das reações utilizadas geralmente são Curtir e Amei.

O público assume também um papel importante para a Live no sentido de participar da recirculação do conteúdo transmitido. Barbosa (2014) entende que dispositivos digitais móveis alteraram as etapas da produção jornalística e Zago (2010) adiciona às fases

Apuração, Produção, Circulação e Consumo uma fase em potencial: a Recirculação, fase posterior ao consumo em que aquele que consome o produto jornalístico passa a ser actante e o faz circular novamente podendo adicionar ou não novas camadas de informações ao conteúdo original (Figura 24).

Figura 24 - Recirculação, uma nova etapa em potencial do jornalismo




Fonte: Zago (2010)

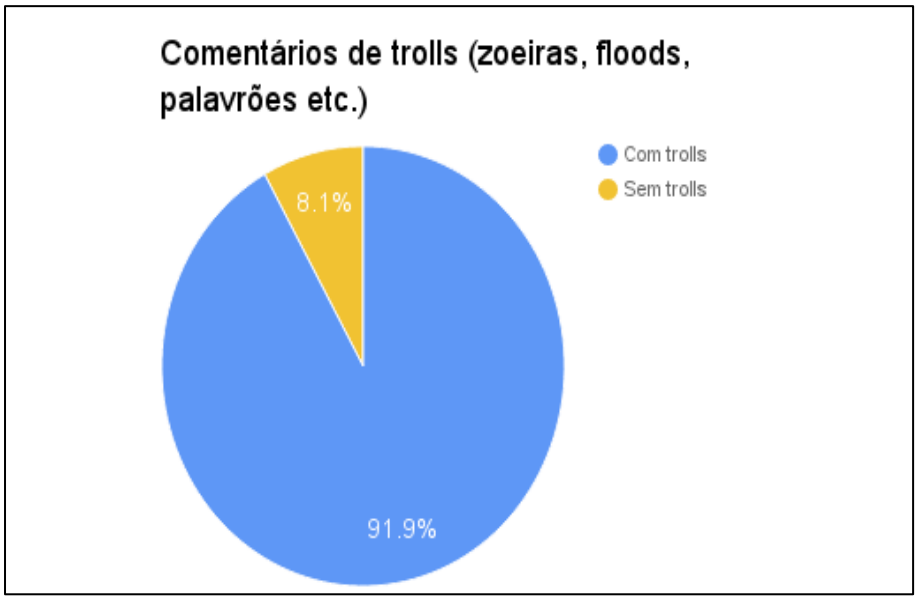
No caso da Live, o usuário tem a opção de compartilhá-la tanto enquanto ela está acontecendo quanto depois de encerrada a transmissão (Figura 25), fazendo o conteúdo recircular para além do espectro atingido pelos mecanismos normais de circulação oferecidos pelo Facebook - atores não-humanos sobres os quais trataremos mais adiante.

Figura 25 - Usuário tem a opção de compartilhar a transmissão Live durante e depois de sua execução, podendo adicionar novas informações no título do compartilhamento

Fonte: captura de tela do Facebook

Algo constante nas transmissões é a presença de *trolls*[56]. Ao mesmo tempo em que a potencialidade que a Live oferece para a participação do público oferece diversas contribuições a serem exploradas para a construção de um novo produto jornalístico, a liberdade de poder escrever o que quiser, sem filtros, faz com que a transmissão esteja vulnerável a comentários maldosos. Palavrões, piadas, cantadas, *floods*[57] e comentários desconexos, além de criarem um clima de desordem na seção de comentários e tirar parte da atenção de participações que buscam somar à narrativa, exigem do repórter maior habilidade e compostura para não perder a linha de raciocínio e o foco durante a transmissão. Neste caso, o usuário age como actante mas que atua de forma deletéria para a Live. Em 113 (91,9%) transmissões foi detectada a presença de *trolls* na seção de comentários, enquanto apenas 10 (8,1%) ficaram livre dos ataques (Gráfico 3).

Gráfico 3 - Foram observados comentários mal-intencionados na grande maioria das transmissões analisadas




Fonte: elaboração dos autores

Transmissões mais curtas e com assuntos que prendiam a atenção do público tiveram menor ou, em poucos casos, nenhuma atuação de *trolls*. Já as transmissões mais longas aparentemente acabavam por, algumas vezes, causar dispersão da atenção do público e isso culminava em maior presença de comentários indesejados.

[56]Na internet, *troll* é o indivíduo que semeia discórdia e atrapalha o bom funcionamento em fóruns, páginas de comentários, *chats*, servidores de jogos etc. Definição mais completa do termo disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/msn-messenger/1730-o-que-e-troll-.htm>. Acesso em: 09 jan. 2017.
[57]Avalanche de comentários seguidos e geralmente repetidos.

Entretanto, como esse tipo de comentário foi praticamente uma constante nos vídeos analisados, o repórter precisa de habilidade para lê-los mentalmente e não deixar que afetem sua atuação diante da câmera do *smartphone*. Além disso, participações maldosas com informações falsas podem confundir outros usuários sobre o que deve ser compreendido como verdadeiro. O repórter age como actante ao filtrar comentários, uma vez que estes passam rapidamente na tela e estão misturados os bem-intencionados e os que participaram como *trolls* (figura 26).

Figura 26 - Comentários de diversos tipos se misturam ao longo da Live e repórter filtrar quais participações são aproveitáveis positivamente para a transmissão

Fonte: Captura de tela

Uma estratégia que pode ajudar a evitar a dispersão dos comentários e diminuir a participação maldosa parece ser a de interagir com o público. Em quase ⅔ dos casos (63,11%) a interação foi explorada. Deixar o público de fora em várias transmissões gerou participações insatisfeitas (Figuras 27 e 28). Pôde-se observar como a atenção e a possibilidade de participação dados pelo repórter impactam diretamente no engajamento e no comportamento dos usuários. Shirky (2011) entende que o público sempre quis participar, só não lhe era dada

a oportunidade. Uma vez que haja viabilidade técnica para isso, privá-lo dessa opção é perder pontos com os usuários. Como essa é uma funcionalidade oferecida pela plataforma, o público quer fazer parte da construção do produto midiático como mediador na associação sociotécnica que se forma, e não como mera audiência, um simples intermediário.

Figuras 27 e 28 - Reclamações de usuários foram comuns em momentos em que o repórter não interagia com o público

Fonte: captura de telas da seção de comentários do Facebook Live

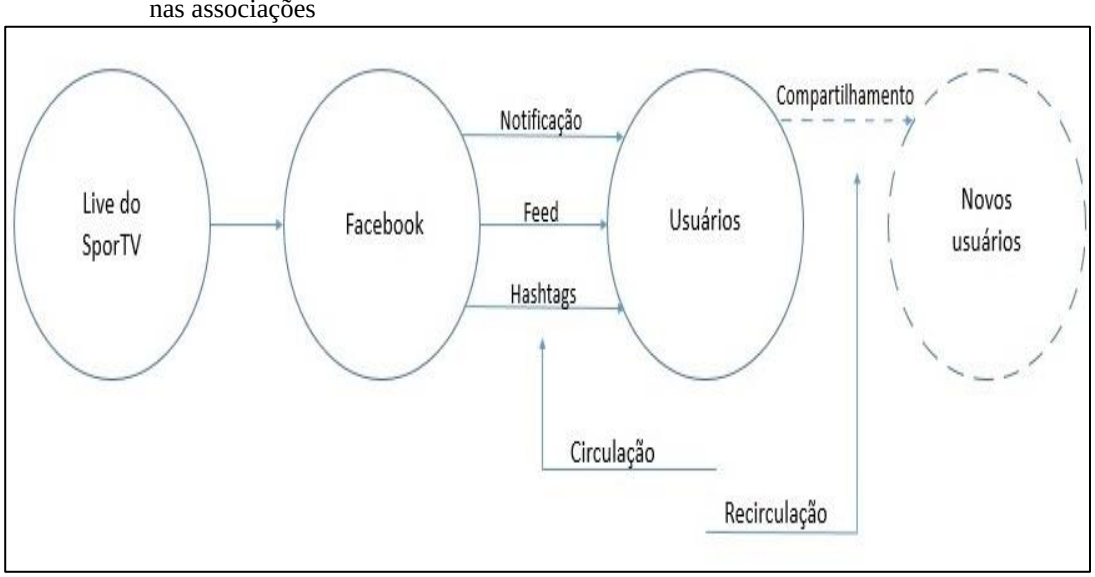
c) **Facebook** - na construção de uma Live, o Facebook tem grande importância, atuando ora como intermediário, ora como mediador. E é ao observarmos seus rastros que podemos perceber as maiores contribuições de atores não-humanos na composição da relação sociotécnica da transmissão;

Primeiramente, o Facebook, enquanto empresa, foi o criador da ferramenta Live, uma plataforma que tem suas características próprias, muitas vezes distantes dos moldes da televisão. Para oferecer cobertura das olimpíadas utilizando esse recurso, o SporTV teve que aceitar uma série de imposições do Facebook. Não existe intervalo comercial e nem a capitalização que o acompanha, a transmissão não tem a qualidade técnica no padrão da Rede Globo (não existe todo o aparato tecnológico dos grandes canais de TV, mas apenas um dispositivo móvel digital e, algumas vezes, equipamentos de auxílio), não é possível restringir o conteúdo para assinantes. Desse modo, a rede social é actante mediador nesse aspecto, uma vez que delimita uma série de condições para o funcionamento de uma transmissão via *live stream* através de sua tecnologia. O SporTV precisa se apropriar de uma estrutura externa ao seu comando e, portanto, obedecer suas imposições, sendo intermediário nesse determinado ponto da negociação.

Embora aja como actante na definição de parâmetros para as transmissões, o Facebook se transforma em intermediário quando faz a transmissão da Live. Sua estrutura de transmissão de dados faz com que (como visto na Figura 7) saiam de cena diversos atores presentes em uma transmissão ao vivo tradicional do SporTV, como satélite, ilha de edição e toda equipe de engenheiros e técnicos que participariam de algum modo. Tudo agora se resume a uma estrutura de transmissão de dados que o Facebook já entrega pronta àquele que desejar realizar uma Live. Entretanto, seu papel, nessa etapa, é de simplesmente transportar a mensagem, sem alterá-la. Por isso, embora assuma uma função importante no desenho da associação, a rede social não é mediadora nesse aspecto, e sim transporta a informação a partir da delegação do actante repórter, sendo, pois, intermediária. Não observamos qualquer falha técnica por parte da estrutura do Facebook que o fizesse assumir o posto de actante em dados momentos da transmissão.

Já na etapa de circulação, o Facebook, passa a agir tanto como mediador como quanto intermediário. A circulação de uma Live se dá basicamente de três formas: notificação, *news feed* e *hashtags.* Já a etapa em potencial de recirculação fica por conta dos compartilhamentos dos usuários (Figura 29).

Figura 29 - Circulação e recirculação da Live e a atuação de actantes (atores humanos e não-humanos) nas associações

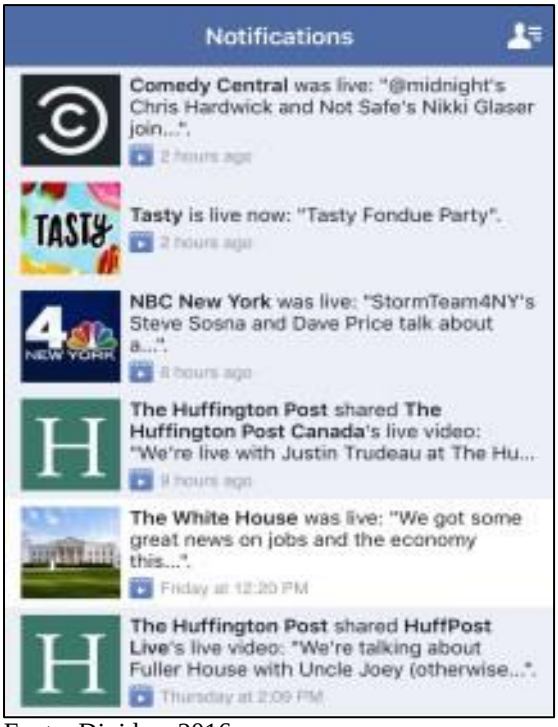



Fonte: Elaboração própria

Na notificação, o usuário que curte determinada página passa a ser avisado quando ela inicia uma transmissão ao vivo (Figura 30). Nesse caso, trata-se de uma relação direta do Facebook com o usuário. O indivíduo deseja ser avisado, age (actante) de modo a curtir a

página de interesse e, assim, delega tal função de alerta a um não-humano: o mecanismo da rede social (Figura 31).

Figura 30 - Os usuários recebem notificações de transmissões ao vivo pelo Facebook




Fonte: Digiday, 2016.

Figura 31 - Por delegação, o usuário incumbe ao Facebook a ação de notificá-lo quando uma nova transmissão se iniciar na página curtida

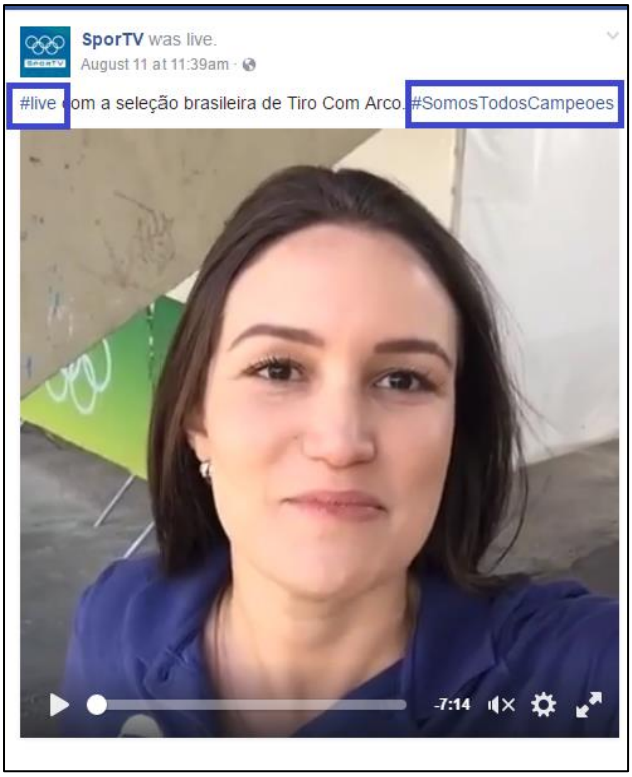
Fonte: elaboração dos autores

No caso das *hashtags*[58], o Facebook oferece o mecanismo de indexação de assuntos. O repórter escolhe palavras ou frases que servirão como palavras-chaves para a localização do

[58]*Hashtag* são palavras-chaves acompanhadas do símbolo # e que servem para indexar conteúdos nas redes sociais. Por exemplo, utilizar a *hashtag* #Rio2016 em uma postagem faz com que seu conteúdo seja localizado junto com outros quando qualquer usuário interessado em atualizações sobre os jogos olímpicos pesquisar pelo

conteúdo pelo usuário através do mecanismo de busca da rede social. Toda hashtag inicia com o símbolo # e deve conter expressões que facilitem a localização do conteúdo (Figura 32).

Figura 32 - O recurso das *hashtags* foi utilizado nas transmissões no Live




Fonte: Captura de tela

Nessa etapa da associação, o repórter atua como mediador ao criar as *hashtags* e entrega ao Facebook, por delegação, a função de indexar os temas para que os usuários possam localizá-los (Figura 33).

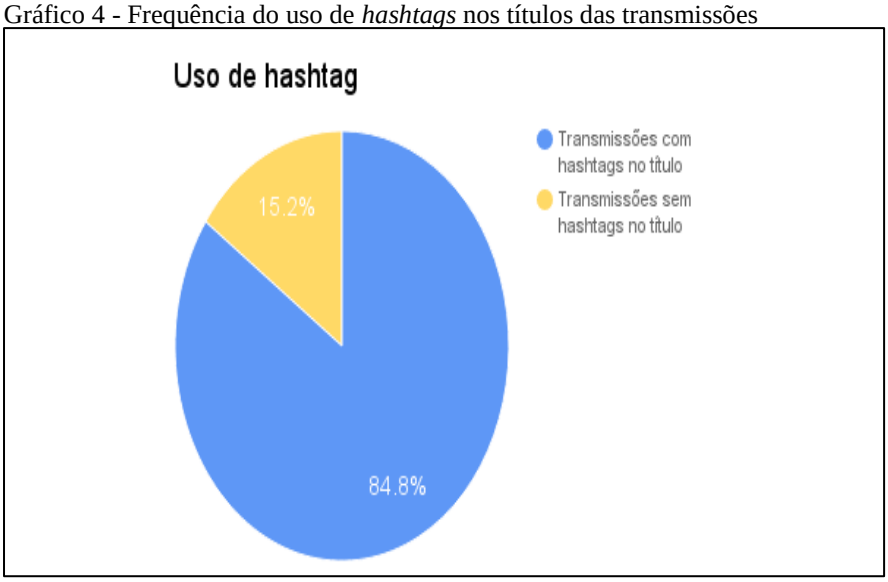
Figura 33 - Repórter delega ao Facebook a ação de indexar e apresentar o conteúdo aos usuários

Fonte: elaboração dos autores

mesmo termo ou apenas clicar no *hiperlink* da própria *hashtag*, que o encaminhará para a listagem das postagens unidas pelo mesmo tema.

Os repórteres do SporTV que comandaram as transmissões utilizaram o recurso no título de 106 (84,8%) das transmissões Live analisadas, enquanto em apenas 19 (15,2%) não houve uso desse recurso (gráfico 4).

Gráfico 4 - Frequência do uso de *hashtags* nos títulos das transmissões




Fonte: elaboração dos autores

Já no caso do *news feed*[59] (ou *feed* de notícias) (Figura 34) é que o Facebook se torna efetivamente actante mediador da relação. O algoritmo do Facebook se alimenta de dados gerados ao longo de toda experiência dos usuários na rede social e, a partir deles, decide se aquela transmissão deve surgir na linha do tempo de cada usuário, e isso pode se dar de duas formas: se a transmissão já for relevante por si só de acordo com os interesses e o histórico de interação do usuário; ou se amigos do usuário se relacionarem com a transmissão (reagirem com *emoticons*, comentarem ou compartilharem), aumentando o grau de relevância da Live para os seus interesses.

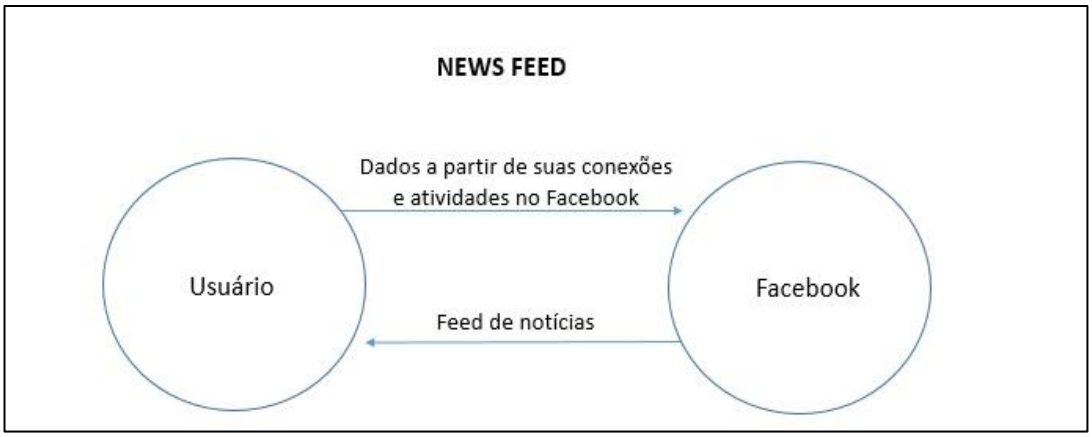
[59] *News Feed* (ou *feed* de notícias) é a lista de histórias constantemente atualizada que aparece na página principal do perfil do usuário do Facebook. Essa lista é gerada de forma automática pelos algoritmos da rede social de acordo com a atividade e as conexões de cada usuário. Disponível em: <https://www.facebook.com/help/327131014036297/> Acesso em: 09 jan. 2017.

Figura 34 - O *feed* de notícias é gerado de acordo com algoritmos do sistema do Facebook

Fonte: captura de tela do Facebook

O Facebook age (actante) de acordo com parâmetros próprios e sem a necessidade de ser "provocado" ou de ter uma ação delegada (Figura 35), nesse caso. A alimentação das linhas do tempo dos usuários da rede social independe da vontade do repórter que transmite a Live e do usuário que "passeia" pela rede social (a não ser nos casos em que o usuário pede que os conteúdos de determinada página seja exibido no topo da *timeline*).

Figura 35 - O Facebook se alimenta dos dados gerados a partir das experiências dos usuários na rede social para, então, gerar o *feed* de notícias



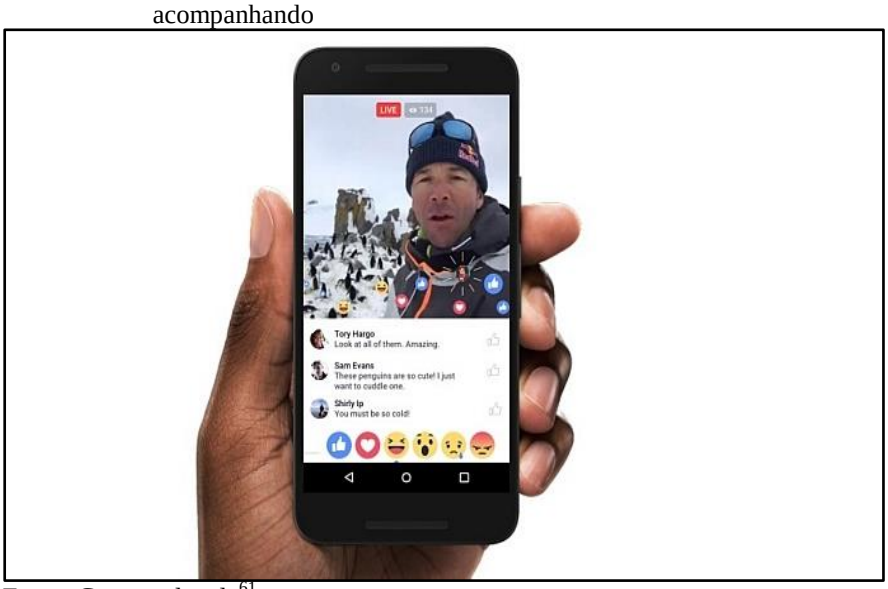

Fonte: Elaboração própria

A rede social atua como actante também ao informar a quem realiza a Live - no caso, o repórter - quantas pessoas estão online assistindo a transmissão[60]. Diferentemente das TVs aberta e fechada em que as transmissões são realizadas ou sem conhecimento de dados quantitativos da audiência, ou munidos de dados oriundos de pesquisas ou de aferição através

[60]Utilizamos o verbo assistir como verbo transitivo direto, pois o usuário não mais assiste a algo, no sentido de apenas observar, mas sim assiste algo, no sentido de dar assistência, uma vez que ele passa a colaborar ativamente com a construção do produto jornalístico.

de aparelhos do IBOPE instalados em televisores de alguns municípios do país, o Facebook informa precisamente quantos usuários estão conectados no momento de realização da Live (Figura 36). Enquanto a TV trabalha sem *feedback* ou com dados tardios e não totalmente precisos, em uma transmissão Live o repórter tem total ciência de quantas pessoas estão acompanhando a cada instante. Com isso, é possível perceber quais pautas e que tipos de abordagens estão atraindo ou dispersando usuários e, portanto, adaptar o conteúdo a algo que atraia mais a atenção dos usuários que compõem a transmissão. Desse modo, o Facebook, ao informar ao repórter dados sobre "audiência", é mediador e tem influência sobre o agir do repórter dentro da rede associativa naquele instante.

Figura 36 - Na transmissão Live é possível saber instantaneamente quantas pessoas estão online acompanhando




Fonte: Captura de tela[61]

Portanto, o Facebook se apresenta como um ator relevante na construção do produto jornalístico através da Live, delimitando condições técnicas, informando a quantidade de usuários online acompanhando a transmissão e sendo responsável pela circulação do produto, seja como mediador ou como intermediário, por ação própria ou por delegação.

d) ***Smartphone*** - *a priori* a figura do celular/*smartphone* se propõe a ser um discreto intermediário na transmissão através do Facebook Live. Entretanto, por diversas vezes ele faz papel de mediador, e frequentemente de forma negativa;

A miniaturização e a convergência tecnológica dos celulares fizeram com que esses aparelhos do dia a dia pudessem substituir diversos outros na nossa prática cotidiana. Scanner,

[61]Disponível em: <http://img.estadao.com.br/link/files/2016/04/live-reactions-android.jpg>. Acesso em: 14 jan. 2017

leitor de código de barras, afinador de instrumentos, rádio, GPS, controle remoto, gravador de voz, entre tantos outros, são alguns aparelhos que, junto com os periféricos que os acompanham, podem ser substituídos por um *smartphone*. No caso das transmissões jornalísticas ao vivo via Live, esses dispositivos multifuncionais permitiram sair de cena na associação sociotécnica câmera (e *cameraman*), microfone, cabos, link, antenas, editor e todo o restante de atores que fazem parte de uma transmissão de TV ao vivo tradicional. A capacidade de congregar diversos dispositivos em um só (pontualizado) dá um papel de alta relevância ao celular nesse capítulo da reconfiguração do jornalismo. Pode-se entendê-lo como o grande pivô no tocante a tornar possível o desenvolvimento desse tipo de produto jornalístico.

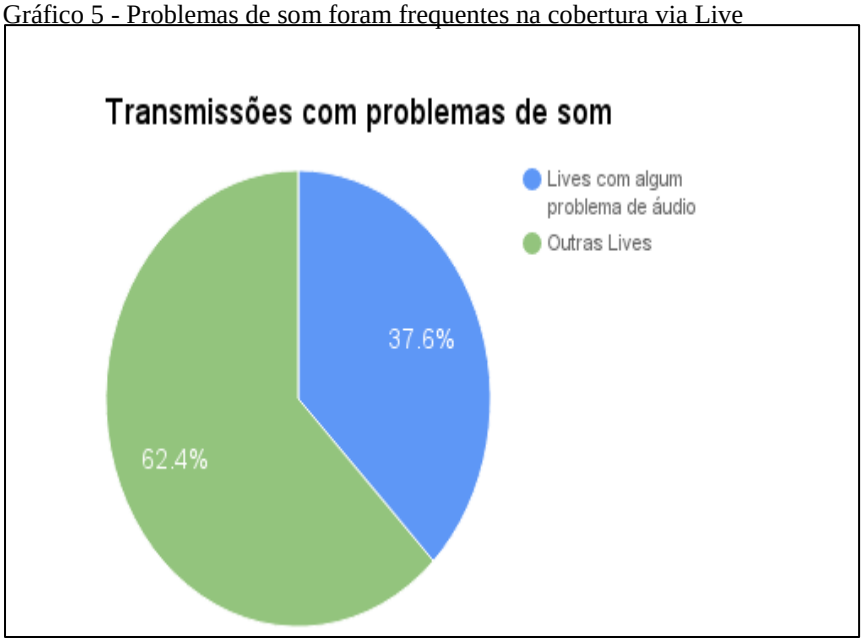
Entretanto, no que diz respeito ao desenvolvimento das transmissões, espera-se que o *smartphone* passe despercebido, como intermediário, apenas transportando informação, com o mínimo de impacto sobre ela. Porém, alguns detalhes relevantes fazem com que o dispositivo móvel esteja atuando constantemente como actante na construção do produto jornalístico.

Em 109 (87,2%) transmissões a imagem gerada treme bastante. Essa incômoda instabilidade na imagem faz com que a todo momento sejamos lembrados que aquela é uma transmissão feita por *smartphone*, que não tem a tecnologia de estabilização de imagem ao mesmo nível de uma câmera de TV. Acontece o mesmo que no clássico exemplo dado por Lemos (2013), sobre um ar condicionado em uma sala. Enquanto ele estiver cumprindo sua função de resfriar o ambiente, estará agindo como intermediário, apenas um componente de uma rede harmoniosa em funcionamento. A partir do momento que ele parar de funcionar por algum problema técnico, ele passa a ser actante, causador de um desconforto, algo que quebra a harmonia do ambiente. Logo, um ator não-humano que nem sequer era notado passa a ter papel principal na relação daquele instante.

Com o celular, durante a Live, acontece o mesmo. Espera-se que ele transmita as informações sem adição de elementos indesejados pelo repórter. Portanto, a todo momento que apresenta um defeito ou incompatibilidade técnica para atingir o nível de excelência esperado pelo usuário, o *smartphone* assume papel de mediador. A instabilidade nas imagens faz com que alguns repórteres façam uso do acessório *self stick* (ou “pau de *selfie*”, como ficou popularmente conhecido no Brasil) na tentativa de sanar o problema. Nesse caso, o repórter torna-se actante no processo de inovação quando intervem na utilização do objeto através da extensão, que se trata de adicionar acessórios para ampliar sua função (AKRICH, CALLON e LATOUR, 2006). O pau de selfie amplia a capacidade de estabilidade do *smartphone*.

Outra situação semelhante muito constante nessas transmissões do SporTV em que o celular se torna actante são problemas de áudio. Pelo fato de o dispositivo móvel não ter um microfone ideal projetado para esse tipo de transmissão, é comum observarmos problemas como diferença na captação de áudio das duas câmeras do dispositivo (frontal e traseira), som ambiente cobrindo a fala do repórter ou do entrevistado e ruído de vento estourando o som. Em 47 transmissões (37,5%) pelo menos um desses problemas de som foi identificado (Gráfico 5).

Gráfico 5 - Problemas de som foram frequentes na cobertura via Live




Fonte: Elaboração dos autores

Nesses casos, o celular sai de sua posição de intermediário na transmissão e atua como mediador, gerando desconforto auditivo, algumas reclamações nos comentários e ações por partes dos repórteres visando a sanar esse tipo de problema. O repórter Marcelo Tas, em suas transmissões, frequentemente acionava os usuários e questionava se o áudio tinha qualidade aceitável. Em algumas transmissões ele chegou a colocar um fone de ouvido dotado de microfone, na expectativa de melhorar a qualidade do áudio transmitido (Figura 37).

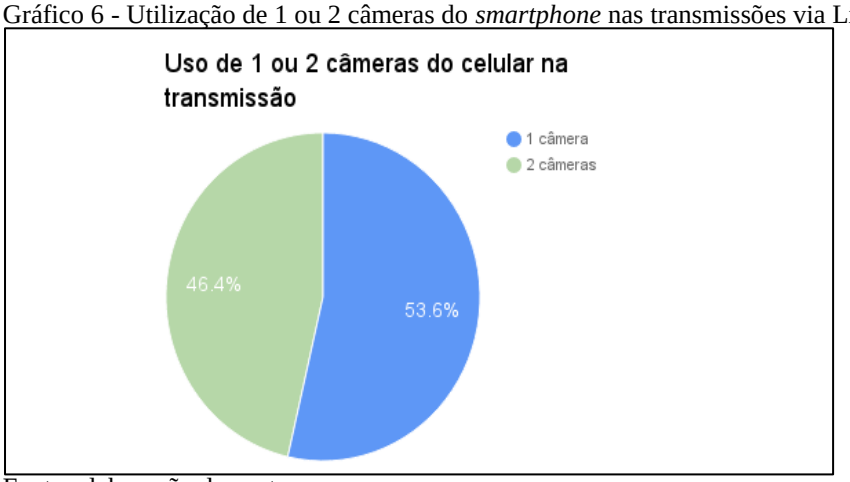
Como no caso da instabilidade da imagem, o microfone do celular, inapropriado para esse tipo de captação, gera uma desestabilização na transmissão, o que faz com que outros atores envolvidos busquem soluções. É possível que a utilização de "paus de *selfie*" e microfones externos se tornem constantes em um estado de caixa-preta que as transmissões via Live possam vir a atingir um dia.

Figura 37 - Repórter usa microfone externo visando a solucionar problema da captação de áudio

Fonte: captura de tela do Facebook

Apesar da variação na qualidade do áudio, a possibilidade de filmagem em duas câmeras é um exemplo positivo em que o *smartphone* atua na composição da transmissão. Certas vezes existe a preocupação do repórter em avisar que vai utilizar a outra câmera, pois aquela mudança repentina pode causar certa estranheza. Em uma transmissão do dia 15 de agosto, o repórter diz "Vamo até virar a câmera aqui". Já em outra Live do dia 20 de agosto, a repórter avisa "Vou virar aqui", alertando antes de alternar as câmeras. Esse recurso foi utilizado em 58 (46,4%) transmissões pelos repórteres do SporTV durante as olimpíadas 2016 (Gráfico 6).

Gráfico 6 - Utilização de 1 ou 2 câmeras do *smartphone* nas transmissões via Live




Fonte: elaboração dos autores

A utilização de duas câmeras é mais um momento em que se faz lembrar o fato de que aquela transmissão está sendo realizada por um aparelho celular. O *smartphone*, então, não permanece como intermediário discreto, mas é lembrado por oferecer esse recurso que difere a Live das transmissões tradicionais de TV.

Embora se espere do celular um papel de coadjuvante na composição da Live, o dispositivo atua por várias vezes com maior relevância, ora impactando positivamente, ora negativamente sobre a qualidade do produto midiático transmitido.

e) **Rede de internet** - Como vimos anteriormente, o acontecimento de uma cobertura via Live depende, obviamente, de uma rede de internet sem fio, *wi-fi* ou 4G. Com esse ator não-humano acontece basicamente o mesmo que com o *smartphone*: espera-se que seja apenas um transportador de informação e que passe despercebido no contexto da transmissão. Entretanto, também com a internet acontecem problemas técnicos que a fazem ganhar maior relevância na relação com os demais atores envolvidos. 43 das transmissões do SporTV (34,4%) apresentaram algum problema relacionado à conexão com a internet. 3 problemas basicamente se repetiam: cortes bruscos na imagem, queda abrupta da transmissão e imagem pixelada (Figura 38);

Figura 38: Transmissão com a imagem pixelada por problemas de conexão com a internet

Fonte: captura de tela do aplicativo do Facebook

É interessante observar que as coberturas realizadas na Austrália pela correspondente Manuela Franceschini todas tinham como elemento relevante na composição da narrativa o fato de a repórter caminhar bastante e por longos trajetos (Figura 39). Em uma de suas

transmissões ela elogia a rede 4G do país, insinuando uma qualidade superior ao serviço oferecido no Brasil.

Figura 39 - Transmissões na Austrália sempre contavam com muita movimentação da repórter Manuela Franceschini

Fonte: Captura de tela do Facebook

Como contraponto, em duas transmissões seguidas do dia 6 de agosto, o repórter Juliano Ceglia caminha pelo parque olímpico, mas o serviço de internet que lhe dava suporte não supre a necessidade. A cobertura se apresentou com a imagem travando bastante, gerando muitas reclamações dos usuários. Essa discrepância entre os serviços de internet móvel oferecidos no Brasil e na Austrália mostra como esse elemento não-humano pode atuar como actante, impactando negativamente na qualidade do produto transmitido. Assim como o *smartphone* lembra aos usuários de sua existência quando falha, também ocorre com a rede de internet. A falha leva à percepção de sua presença na associação sociotécnica que dá existência à Live. Já quando cumpre com seu papel ordinário e não trava nem cai, o serviço de internet passa despercebido, pois atua apenas como intermediário nas transmissões. A dependência de um ponto de *wi-fi* (que tem raio de cobertura limitado) ou de um serviço de 4G com qualidade que ainda não inspira total confiança pode ser um dos motivos para apenas 27 (21,6%) das transmissões terem sido realizadas em movimento[62], enquanto 94 (78,4%) não exploraram esse que é um dos principais potenciais desse tipo de produto jornalístico.

[62] Não consideramos transmissões em movimento aquelas que ocorriam andando dentro de um único ambiente pequeno, como uma sala ou um estúdio.

# CAPÍTULO 6

# DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção discutimos o que foi apreendido nos resultados da pesquisa, para além da Teoria Ator-Rede (que já foi amplamente discutida nas seções anteriores), confrontando-os em perspectiva com o que foi discutido no referencial teórico deste estudo, a fim de melhor escrutinar o tipo de produto jornalístico que surge do uso do Facebook Live.

A própria transmutação constante do jornalismo, que origina novos produtos, já evoca os conceitos de mobilidade e de nomadismo (MAFFESOLI, 2001) no sentido de que a sociedade está sempre em busca de movimento e que estamos sempre mudando, sempre adicionando novas camadas ao que fomos anteriormente. O que vale para as relações humanas também se aplica às práticas sociais que dessas relações surgem, como o jornalismo, neste caso. Podemos constatar um estágio de "fluxo, troca, deslocamento, desenraizamento e desterritorializações" no jornalismo, como nos referimos anteriormente ao citarmos Lemos (2007).

Ademais, a prática investigada se encaixa satisfatoriamente dentro da ideia de jornalismo móvel (SILVA, 2014), por possibilitar consumo e produção jornalísticos em condições de mobilidade física ou virtual através de tecnologias sem fio.

Com relação ao conceito de supermodernidade (AUGÉ, 1994), podemos observar no jornalismo realizado através de aplicativos de *live streaming* uma potencialização dos três pilares que fundamentam esse conceito. Esse tipo de prática contribui ao mesmo tempo para um maior encurtamento das distâncias, já que possibilita um deslocamento informacional do usuário através de distâncias que fisicamente dificilmente seriam percorridas, para um aumento da superabundância factual, uma vez que permite uma vazão de informações bem maior em mais constante do que a TV (que precisa respeitar uma grade de programação e limitações técnicas), e também, de certo modo, reflete o crescimento da experiência individualizada do cidadão, quando o repórter abre mão de uma equipe para assumir um perfil multitarefa em que pretere atores humanos e se associa a novos atores não-humanos que lhe dão suporte nessa experiência individualizada.

O celular, que já tinha possibilitado a ideia de *house on the go* (LEVINSON, 2004), fortalece-se, em sua versão inteligente, como dispositivo que possibilita a prática do jornalismo totalmente *on the go*, uma vez que não se faz necessário nenhum contato com estúdios ou redação. De qualquer local (com sinal de internet), o jornalista envia conteúdo

para uma estrutura que nenhuma relação tem com o SporTV (no caso observado) à qual ele delega a função de transmissão aos usuários. Portanto, o jornalismo se vê cada vez mais desprendido de um ponto físico de apoio graças ao elevado grau de mobilidade e independência adquirido graças à inserção dos *smartphones* na prática profissional diária.

O compartilhamento de conteúdo pelos usuários, algo corriqueiramente observado neste estudo, é outra característica relevante do jornalismo móvel (FIDALGO, 2009) que está presente nas transmissões via Facebook Live. Trata-se da etapa de recirculação (ZAGO, 2010), que passa a ser incorporada por teóricos às etapas tradicionais do jornalismo.

A falta de padrões nas transmissões é uma das características que encaixa esse tipo de transmissão jornalística como não-massiva (LEMOS, 2014b). Produtos midiáticos nascidos na era pós-industrial não seguem mais a lógica mecanicista de repetição, portanto, padrões duradouros e bem delimitados são cada vez mais rarefeitos. Por isso mesmo, podemos observar de maneira relevante a presença da experimentação (WESTLUND, 2015) ao longo das transmissões. A possibilidade de produção longe do maquinário da redação, já citada mais acima, é uma das definições do conceito de jornalismo pós-industrial (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013). Ao mesmo tempo, o cenário pós-industrial lança o desafio da monetização, algo não bem definido até então. O produto observado não apresenta qualquer tipo de maneira que aponte para um retorno pecuniário. A experimentação, a falta de padrões e de modelos de negócios parecem apontar para a necessidade de o jornalismo incorporar as transformações macrossociais à sua realidade. Vive-se uma etapa em que as organizações jornalísticas buscam se adaptar a esse cenário pós-industrial, mesmo não sabendo como fazê-lo ao certo. Não obstante a falta de retorno pecuniário, a investida em novas mídias aponta para a estratégia de onipresença a que se refere Westlund (2013) e a um processo de adaptação a novos tempos de revolução midiática de que falam Anderson, Bell e Shirky (2013).

Ainda com relação ao jornalismo pós-industrial, é possível observar um maior grau de inserção da subjetividade do “operário” no produto final. Se no mundo industrial, a objetividade fordista imperava e o operário devia ser apenas uma ferramenta que não visava a agregar nenhuma camada de significação (CAPPARELLI, 2007; BENTES, 2014), na conjuntura atual, baseados nas Lives do SporTV, podemos ver jornalistas dando uma carga maior de opiniões e com comportamentos muito mais humanizados, distanciando-se da máquina industrial.

Ao tratarmos de inovação em seu sentido mais amplo, observamos que apesar de existir a preocupação de inserir uma nova tecnologia às suas rotinas produtivas, não fica claro na conduta do SporTV uma intenção de desvalorizar um produto antigo - como na definição

de inovação do Manual de Oslo (OCDE, 2005), já que, ao menos por ora, a TV continua sendo seu produto principal. Existe menos uma preocupação em suplantar uma mídia tradicional e mais uma intenção de ampliar o alcance da organização para além dos veículos que já está consolidada.

Quando falamos em inovação jornalística, o uso jornalístico do Facebook Live se encaixa nas definições de Machado (2010), uma vez que se trata de uma ferramenta que é utilizada visando a levar maior dinâmica à prática jornalística e potencializar o consumo e a produção de conteúdos oferecidos pelas organizações do segmento.

Portanto, em suma, o tratado em nosso referencial teórico se confirma no produto analisado uma vez que se trata de uma prática inovadora dentro do campo do jornalismo, que contempla os conceitos explorados de mobilidade, convergência (tecnológica e profissional), instantaneidade e experimentação.

# CONCLUSÃO

A pesquisa sobre a cobertura jornalística das Olimpíadas do Rio de Janeiro trouxe, como resultados, uma série de desdobramento sobre a relação jornalismo e tecnologias de transmissão ao vivo, além de perspectivas sobre a relação com a audiência e das rotinas de produção. Deparamo-nos com um tipo de cobertura que se difere das costumeiras devido ao investimento em reportagens especiais e em novas tecnologias. Logo, trata-se de um campo de inovação, de inserção de novas linguagens, formatos e tecnologias.

No caso de nossa pesquisa, foi a primeira vez que o Live do Facebook foi utilizado na cobertura de um evento de repercussão mundial: os Jogos Olímpicos. Pela natureza complexa do acontecimento com a ação e a mobilidade de diversos actantes e atores humanos e não-humanos (repórteres, torcida, audiência, usuários, câmeras, algoritmos, aplicativos e etc), a Teoria Ator-Rede contribuiu no aspecto teórico-conceitual e metodológico para rastrear essa cadeia de actantes na Cartografia da Controvérsia da cobertura.

Os resultados do rastreamento realizado a partir da observação dos vídeos gerados pela página do SporTV no Facebook demonstram que o produto jornalístico que surge a partir do uso do recurso Facebook Live através de *smartphones* pelo canal esportivo apresenta reconfigurações nas associações sociotécnicas que compõem coberturas ao vivo, tanto no tocante a quais atores fazem parte dessa relação como à relevância da atuação dos atores humanos e não-humanos na constante negociação entre mediadores e intermediários.

Inicialmente, percebeu-se a ausência de diversos atores humanos que formam uma equipe tradicional de transmissões externas nas experiências analisadas e que têm suas funções absorvidas pelo próprio repórter, como o cinegrafista, ou por actantes não-humanos, como o caso da equipe de operações, que tem suas funções técnicas dispensadas uma vez que toda a transmissão é realizada a partir da plataforma disponibilizada pelo Facebook e um *smartphone* conectado à internet. Nesse caso, outros atores humanos e não-humanos que fazem parte da rede Facebook entram em cena, mas como intermediários. Também diversos atores não-humanos saem de cena graças à convergência tecnológica do dispositivo *smartphone* e à internet móvel ubíqua, como câmera, microfone, cabos, tripé, *link*, antenas etc. Novos atores desenham uma nova modalidade de transmissão jornalística ao vivo.

Em transmissões que se caracterizaram pelo alto grau de informalidade das narrativas, a presença contínua de cinco actantes em todos os vídeos analisados parece apontar para um

possível modelo de pontualização (caixa-preta) quanto à composição dessas transmissões jornalísticas via Live: usuários, repórter, *smartphone*, rede de internet e Facebook.

Retomando as questões centrais de pesquisa e seus objetivos, podemos discutir, baseados nos resultados apresentados, que a estratégia do uso de *live streaming* pelos repórteres da SporTV afetam as práticas jornalísticas e estabelecem uma nova lógica de atuação dos atores envolvidos nesse processo, bem como o surgimento de novos actantes e o desaparecimento de outros ao compararmos às transmissões tradicionais de TV. Apresenta-se, portanto, uma redefinição dos papéis desempenhados por humanos e não-humanos nesse novo modelo de produto jornalístico. Essa reconfiguração impacta diretamente na forma como a notícia é construída.

A atuação do repórter ganha novas atribuições. Ele passa a ser também cinegrafista, precisa lidar com os eventuais problemas de ordem técnica que surgem, atua como curador ao mediar participações dos usuários. Nas transmissões do SporTV via Live, o repórter apresentou-se como actante de papel preponderante, tomando decisões de caráter técnico e no tocante ao desenvolvimento da narrativa.

Há também um empoderamento do actante usuário, uma vez que este, que já tinha sido tirado da condição de audiência passiva para ter participações em comentários às margens da notícia *a posteriori*, passa a participar da transmissão e da construção da notícia em tempo real, tanto influenciando a atuação do repórter como adicionando camadas de significação que podem ser visualizadas por outros usuários através de comentários ou *emoticons*. Ao mesmo tempo que tem o poder de colaborar com a construção do produto jornalístico, o público também atua com frequência com participações dispersas ou mal-intencionadas, gerando desordem na *Live* e dando ao repórter o desafio de guiar a transmissão mesmo em face dessas participações indesejadas. O usuário também participa da etapa de recirculação da notícia através da função de compartilhamento, fazendo o conteúdo alcançar novos usuários.

O Facebook se apresenta em alguns momentos como intermediário e, em outros, como actante. A rede social tanto faz a função de apenas transmitir a Live através de sua estrutura técnica, sem transformá-la ou adicionar-lhe significado, como é mediadora ao impor condições técnicas à transmissão. Ademais, o Facebook atua na etapa de circulação do conteúdo, tanto como intermediário, através das notificações e indexação por *hashtags*, como como mediador através do *feed* de notícias, que é disposto de acordo com lógicas do algoritmo da rede social.

O *smartphone*, apesar de ser o dispositivo que possibilitou o surgimento dessa modalidade de jornalismo, é um ator do qual se espera papel unicamente de intermediário, realizando a captação e transmissão da Live sem ser notado. Entretanto, ao longo da análise, observou-se que o dispositivo móvel assume posto de actante diversas vezes por suas limitações técnicas - como instabilidade da câmera e problemas na captação de áudio - que adicionam características indesejadas à narrativa, saindo, assim, do papel de elemento passivo na rede para o de actante perceptível.

O mesmo ocorre com a rede de internet. Trata-se de um ator cuja função é ser intermediário e apenas transmitir os dados da Live que serão repassados pelo Facebook até os usuários. Porém problemas como imagens pixeladas, cortes nas transmissões e quedas abruptas de conexão fizeram com que a internet assumisse constantemente papel de actante, gerando transtorno e incômodo tanto para quem assistia quanto para quem realizava a Live. Outra problemática que surge a partir de falhas na internet é que, ao utilizar uma conexão 4G que não inspira confiança ou um roteador Wi-Fi, a mobilidade física do repórter fica limitada, podando a exploração de uma das principais potencialidades do jornalismo móvel: o movimento.

Além das observações e rastreamentos iniciais sobre as associações sociotécnicas e seus actantes e intermediários, algumas problematizações se fazem urgentes com a possível difusão desse modelo de jornalismo. Uma tecnologia que permite transmitir conteúdo facilmente a partir de qualquer local e a qualquer momento, somada a uma cultura da internet que é pautada na velocidade e ao inerente desejo jornalístico de conseguir o furo, ensejam reflexões éticas no sentido de colocar em debate até onde vai a liberdade de imprensa, o direito de noticiar e de levar a "verdade" aos cidadãos, e onde começa o direito à privacidade. A mesma tecnologia que pode servir como arma para a sociedade ter uma vigilância maior contra ameaças do governo, por exemplo, pode destruir a reputação de uma pessoa se utilizada de formas indevidas. Mais uma vez, o híbrido homem-máquina precisa atuar junto. Não é o jornalista que tem essas potencialidades positivas e negativas, nem tampouco o *smartphones*, mas o híbrido jornalista-*smartphone* que desdobrará capítulos importantes na construção de um novo jornalismo.

Outro aspecto que também precisa ser explorado no jornalismo via plataformas de *streaming* através de dispositivos digitais móveis é a capitalização do produto. Como em diversas plataformas *online*, esse é um desafio a ser encarado por profissionais e acadêmicos da área. O modelo de publicidade inserida nos intervalos da programação utilizado na TV claramente não se encaixa nesse caso. Buscar formas de monetizar a atividade é um caminho

para tentar garantir maior inserção de jornalistas no mercado de trabalho e talvez encontrar um norte para diminuir os efeitos da crise financeira que o jornalismo atravessa. Por enquanto, a utilização do Facebook Live pelo SporTV parece mais ter o intuito de experimentação inicial, de marcar presença em novas plataformas, e de adotar uma estratégia de aproximação com os usuários, além de arregimentar capital social com o fortalecimento de sua imagem institucional, entretanto, não existe modelo de negócio que ofereça um retorno pecuniário da Live.

A característica de profissional multitarefa assumida pelo jornalista e as consequentes mudanças nas dinâmicas de trabalho das organizações jornalísticas podem futuramente ensejar preocupações trabalhistas tanto do ponto de vista do acúmulo de funções como da possível extinção de cargos? Esse é mais um ponto de tensionamento que deve ser observado e pesquisado com relação a esta etapa do jornalismo.

Essas sugestões de debates adjacentes que surgem à medida que se destrincha a atividade jornalística através do Facebook Live e o surgimento de novas plataformas semelhantes ou a adição do recurso de transmissão ao vivo a outras redes sociais já existentes (como fez o Instagram no fim de 2016) podem guiar futuras pesquisas nossas - e de outros autores que pretendam se aprofundar na análise desse tipo de jornalismo - dando o norte para o desenvolvimento de um estudo em nível de doutorado.

Dessa forma, vimos que, assim como a sociedade e os atores humanos e não-humanos que a compõem, o jornalismo é móvel, é nômade no sentido de estar sempre se moldando, sempre se associando a diversos mediadores e intermediários na busca pela construção de momentos de pontualização harmoniosa, para em breve ir buscar novos objetivos através de novos desafios e novas associações. Se somos móveis, se somos nômades, vagabundos e estamos em constante transformação, o jornalismo também. Se não há essência nem definições *a priori*, é no ao vivo que nos definimos. E é na observação do ao vivo, nas associações, que podemos entender esse novo jornalismo que se apresenta ao mundo.

# REFERÊNCIAS


AKRICH, Madeleine; CALLON, Michel; LATOUR, Bruno. **Sociologie de la traduction**: textes fundateurs . Paris: Les Presses de l'Ecole des Mines de Paris. 2006.

ALVES JUNIOR, Francisco. Abrindo a caixa-preta da história: uma análise de dossiê Jango a partir da Teoria Ator-Rede. In: LEMOS, André. **Teoria Ator-Rede e estudos de comunicação.** Salvador: Edufba, 2016. p. 49-67.

ALZAMORA, Geane; TARCIA, Lorena. Convergência e perspectiva transmídia na história da cobertura jornalística dos Jogos Olímpicos. In: MACHADO, Vitor Barletta; SILVA, Sandra Rubia da; MAIA, Alessandra. **Comunicação e Mídias Digitais:** uma perspectiva histórica e contemporânea. Volta Redonda: FOA, 2015. p. 60-71.

AMARAL, L. **Técnica de jornal e periódico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.

ANDERSON, C. W.; BELL, Emille; SHIRKY, Clay. Jornalismo pós-industrial: Adaptação aos novos tempos. **Revista de Jornalismo Espm**, São Paulo, v. 1, n. 5, p.30-90, abr. 2013.

ARAÚJO, João Eduardo Silva. Os deuses de Westeros: uma cartografia de controvérsias em torno da autoria do seriado Game Of Thrones. In: LEMOS, André. **Teoria Ator-Rede e estudos de comunicação.** Salvador: Edufba, 2016. p. 11-34.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares:** introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994. 111 p.

BARBOSA, Suzana. O. Agentes de inovação, renovação e de reconfiguração para o jornalismo em tempos de convergência. **Revista do IEEE América Latina**, São Paulo, v. 1, p. 1-8, 2014.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BECKER, Valdecir; ALVES, Kellyanne Carvalho. Análise da queda da audiência do Jornal Nacional e os impactos no telejornalismo. **Comunicação & Inovação,** São Caetano do Sul, v. 16, n. 32, p.87-102, set. 2015.

BECKER, Valdecir; GAMBARO, Daniel; SOUZA FILHO, Guido Lemos de. O impacto das mídias digitais na televisão brasileira: queda da audiência e aumento do faturamento. **Palabra Clave - Revista de Comunicación,** Universidad de la Sabana, v. 18, n. 2, p.341-373, 1 maio 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5294/pacla.2015.18.2.3>. Acesso em: jan. 2017.

BENTES, Ivana. Memética, multidão e midialivrismo – A comunicação pós-mídia de massas. **Ihu On-line**, São Leopoldo, v. 447, n. 1, p. 31-34, jun. 2014.

BRADSHAW, Paul. **Instantaneidade**: Efeito da rede, jornalistas mobile, consumidores ligados e o impacto no consumo, produção e distribuição In: CANAVILHAS, João (Org). Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença. Covilhã: Livros LabCom, 2014. p. 112-136.

BRAIDOTTI, Rosi. **Nomadic subjects.** Nova York: Columbia University Press, 1994.

BRASIL, Antonio. Telejornalismo pós-industrial – Drones, ninjas e jornalismo imersivo. **Ihu On-line**, São Leopoldo, v. 447, n. 1, p. 18-20, jun. 2014.

BROOKS, Laurence; ATKINSON, Chris. Structuration in research and practice: representing actor networks, their structurated orders and translations. In.: **Informations systems research**: relevant theory and informed practice, IFIP 8.2 Conference. 2004.

BÜSCHER, Monika; URRY, john. Mobile methods and the empirical. **European Journal of Social Theory**, USA, v. 12, n. 99, 2009.

BÜSCHER, Monika; URRY, John; WITCHGER, Katian. **Mobile methods**. New York: Routledge, 2011.

CANAVILHAS, João. **Webjornalismo***:* 7 características que marcam a diferença. Covilhã: Livros LabCom, 2014.

CAPPARELLI, Sérgio. **Zanzibar de novas tecnologias**: Imprensa regional e Zero Hora. In Temas contemporâneos em Comunicação (pp. 109-126). Edicom/Intercom. São Paulo, 1997.

CALLON, Michel; LATOUR, Bruno. **Unscrewing the big Leviathan**: how actors macro-structure reality and how sociologists help them to do so. In: KNORR, K.; CICOUREL, A. (Orgs.). Advances in Social Theory and Methodology: Toward an Integration of Micro and Macro Sociologies. Londres (UK): Routledge, pp. 227-303, 1981.

CALLON, Michel. **Sociologie de l'acteur réseau.** In.: ARICI, Madeleine et al. Sociologie de la traduction: textes fundauteurs. Paris: Mines Paris Les Presses, 2006a, p. 267- 276

CALLON, Michel. **Pour une sociologie des controverses technologiques.** In.: ARICI, Madeleine et al. Sociologie de La Traduction: textes fondauters. Paris: Mines Paris Les Presses, 2006b, p. 135-159.

CARVALHO, Alexandre; DIAMANTE, Fábio; UTSCH, Sérgio; BRUNIERA, Thiago. **Reportagem na TV**: como fazer, como produzir, como editar. São Paulo, SP: Contexto, 2010.

CESAR, Pablo; GEERTS, David. **Understanding Social TV:** a survey in Special Technical Community Chairs. 2011. Disponível em: <http://homepages.cwi.nl/~garcia/material/nem-summit2011.pdf>. Acesso em: 06 jan. 2017.

COSTA, Andriolli. Os caminhos para um pós-jornalismo. **Ihu On-line**, São Leopoldo, v. 447, n. 1, p. 5-7, jun. 2014.

CRUZ NETO, João Elias da. **Reportagem de televisão**: como produzir, executar e editar. Petrópolis: Vozes, 2008.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs:** capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 1995.

DI FELICE, Massimo. **A vida em rede**. In.*:* LEMOS, Ronaldo; DI FELICE, Massimo. A vida em rede. Campinas: Papirus 7 Mares, 2014.

DI FELICE, Massimo. In: PIRES, Eduardo Felipe Weinhardt. Entrevista com Massimo Di Felice. **Teccogs: Revista Digital de Tecnologias Cognitivas**, TIDD | PUC-SP, São Paulo, n. 13, p. 7-19, jan-jun. 2016.

DI FELICE, Massimo; TORRES, Julliana Cutolo; YANAZE, Leandro Key Higuchi. **Redes digitais e sustentabilidade**: As interações com o meio ambiente na era da informação. São Paulo: Annablume, 2012.

DOWELL, Chelsea T.; DUNCAN, Daniel F. Periscoping economics through someone else's eyes: A real world (Twitter) app. **International Review Of Economics Education,** Elsevier BV, v. 23, p. 34-39, set., 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.iree.2016.07.003>. Acesso em: nov. 2016.

FAKLARIS, Cori et al. Legal and ethical implications of mobile live-streaming video apps. In.: INTERNATIONAL CONFERENCE ON HUMAN-COMPUTER INTERACTION WITH MOBILE DEVICES AND SERVICES ADJUNCT, 18. 2016, Florença. **Proceedings of the 18th International Conference on Human-Computer Interaction with Mobile Devices and Services Adjunct.** Nova York: Acm, 2016. p. 722 - 729.

FECHINE, Yvana. **Televisão e presença**: uma abordagem semiótica da transmissão direta. :Estação das Letras e Cores, 2008.

FICHET, Elodie et al. Eyes on the Ground: Emerging Practices in Periscope Use during Crisis Events. In.: INTERNATIONAL CONFERENCE ON INFORMATION SYSTEMS FOR CRISIS RESPONSE AND MANAGEMENT, 13., 2016, Rio de Janeiro. **ISCRAM 2016 Conference Proceedings – 13th International Conference on Information Systems for Crisis Response and Management.** Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016.

FIDALGO, Antonio. Pushed News: when the news comes to the cellphone. **Brazilian Journalism Research,** Brasília, v. 5, n. 1, p.113-124, jan. 2009.

FULLER, Maren Y.; MUKHOPADHYAY, Sanjay; GARDNER, Jerad M.. Using the Periscope Live Video-Streaming Application for Global Pathology Education: A Brief Introduction. **Archives Of Pathology & Laboratory Medicine,** USA, v. 140, n. 11, p.1273-1280, nov. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5858/arpa.2016-0268-sa>. Acesso em: jan. 2017.

GARCÍA, Marina Mancebo. Innovación en formatos audiovisuales: El uso de herramientas de live streaming en Antena 3 y Univision. **Miguel Hernández Communication Journal,** Elche, n. 7, p. 325-349, 2016.

GUERRINI, Federico. **Newsroom curators & independent storytellers**: content curation as a new form of journalism. Reuters Institute for the Study of Journalism: Londres, 2013.

GOGGIN, Gerard. **Cell phone culture** – mobile technology in everyday life. New York: Routledge, 2006.

GRISCI, Carmem Lígia Iochis; RODRIGUES, Paulo Henrique. Trabalho imaterial e sofrimento psíquico: o pós-fordismo no jornalismo industrial. **Psicologia & Sociedade,** Porto Alegre, v. 19, n. 2, p.48-56, maio, 2007.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna.** 17. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

HENN, Ronaldo. Midiático por natureza – A construção do ciberacontecimento. **Ihu On-line**, São Leopoldo, v. 447, n. 1, p. 15-17, jun. 2014.

HOLANDA, André Fabrício da Cunha. **Traduzindo o jornalismo para *tablets* com a teoria ator-rede.** 2014. 308f. Tese (Doutorado)-Curso de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2006.

KROCHMAL, Maurice M. "mo". Training for mobile journalism. **Handbook Of Research On Mobile Learning In Contemporary Classrooms,** USA, p. 336-362, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4018/978-1-5225-0251-7.ch017>. Acesso em: jan 2017.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos.** São Paulo: Editora 34, 1994a.

LATOUR, Bruno. On technical mediation - philosophy, sociology, genealogy. **Common Knowledge**, USA, v. 3, n. 2, p. 29-64, 1994b.

LATOUR, Bruno. On recalling ANT. In: LAW, John; HASSARD, John. **Actor network theory and after.** Oxford: Wiley-blackwell, 1999.

LATOUR, Bruno. **Ressembling the social**: an introduction to actor-network theory. Oxford: Oxford University Press Inc., 2005.

LATOUR, Bruno. **Enquête sur les modes d'existence.** Une anthropologie des modernes. Paris: La Découverte, 2012.

LATOUR, Bruno; WOOLGAR, Steve. **A vida de laboratório:** a produção dos fatos científicos. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

LAW, John. Notes on the theory of the actor-network: ordering, strategy, and heterogeneity. **Systems Practice**, USA, v. 5, n. 4, pp. 379-393, 1992.

LEMOS, André. **A comunicação das coisas.** Teoria ator-rede e cibercultura**.** São Paulo: Annablume, 2013.

LEMOS, André. A crítica da crítica essencialista da cibercultura. In.: OLIVEIRA, Lídia; BALDI, Vânia. **A insustentável leveza da web:** retóricas, dissonâncias e práticas na sociedade em rede. Salvador: Edufba, 2014a. p. 41-76.

LEMOS, André. Caixa-preta soteropolitana. **Carnet de notes: tecnologia, comunicação e cultura**. Salvador, 8 de nov. 2011. Disponível em: <http://andrelemos.info/caixa-preta-soteropolitana/>. Acesso em: 08 dez. 2016.

LEMOS, André. Cidade e mobilidade. Telefones celulares, funções pós-massivas e territórios informacionais. **Matrizes,** São Paulo, v. 1, n. 1, p.121-137, out. 2007.

LEMOS, André. Cultura da Mobilidade. **Famecos,** Porto Alegre, v. 40, n. 1, p.28-35, dez. 2009.

LEMOS, André. Mídias massivas e pós-massivas no fluxo das redes. **Ihu On-line**, São Leopoldo, v. 447, n. 1, p.28-30, jun. 2014b.

LEMOS, André; PASTOR, Leonardo. Internet das coisas, automatismo e fotografia. In.: LEMOS, André. **Teoria ator-rede e estudos de comunicação.** Salvador: Edufba, 2016. p. 103-124.

LEVINSON, Paul. **Cellphone:** the story of the world's most mobile medium and how it transformed everything!. Nova York: Palgrave, 2004. 221 p.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LORENZ, Mirko. **Personalização**: análise aos 6 graus In.: CANAVILHAS, João (Org). Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença. Covilhã: Livros LabCom, 2014. p. 137-158.

MACHADO, Elias. Creatividad e innovación en el periodismo digital. In.: CONGRESO INTERNACIONAL DE CIBERPERIODISMO Y WEB 2.0, 2., 2010, Bilbao. **Anais...** Bilbao: Universidad del País Basco, 2010. p. 64-72

MAFFESOLI, Michel. **Sobre o nomadismo:** vagabundagens pós-modernas. Rio de Janeiro: Record, 2001. 205 p.

MAKIMOTO, Tsugio; MANNERS, David. **Digital nomad.** Chichester: John Wiley, 1997.

MARX, Karl. **O vapital**. 3. ed. São Paulo, Nova Cultural, 1988.

MCBRIDE, Neil. **Using actor-network theory to predict the organizational success o a communications network.** 2000. Disponível em: <http://www.cse.dmu.ac.uk/ñkm/WTCPAP.html>. Acesso em: 08 dez. 2016.

MCLUHAN, Marshall. **Understanding media**: the extensions of man. Nova York: McGraw Hill, 1964.

MICHAEL, Mike. Hybridising regularity: a characterology and chronology of the hudogledog. **Actor Network and After Conference**. Keele University, 1997.

OCDE. **Manual de oslo**: diretrizes para coleta e interpretação de dados sobre inovação. 3. ed. Paris: OCDE, 2005.

OLIVEIRA, Bruna de Lima. **Mobilidade e tempo real:** utilização de dispositivos móveis no jornalismo audiovisual. 2014. 70f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação)-Curso de Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

OSELAME, Mariana; FINGER, Cristiane. Entre a Notícia e o Infoentretenimento: um modelo nacional de jornalismo esportivo imposto aos programas locais. **Ciberlegenda,** Rio de Janeiro, v. 01, n. 29, p.61-73, jan. 2013.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

PALÁCIOS, Marcos. **Memória**: jornalismo, memória e história na era digital. In.: CANAVILHAS, João (Org). Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença. Covilhã: Livros LabCom, 2014. p. 89-110.

PAVLIK, John V. **Ubiquidade**: O 7.º princípio do jornalismo na era digital In: CANAVILHAS, João (Org). Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença. Covilhã: Livros LabCom, 2014. p. 159-183.

PELLANDA. Eduardo C. **Internet móvel**: novas relações na cibercultura derivadas da Mobilidade na comunicação. 2005. 198f. Tese (Doutorado em Comunicação Social)- Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul Faculdade de Comunicação Social PUCRS, 2005.

PRIMO, Alex. **Interação mediada por computador:** comunicação, cibercultura, cognição. Porto Alegre: Sulina, 2007.

QUINN, Stephen. Jornalismo móvel: a última evolução na captação de notícias. **Revista Parágrafo,** São Paulo, v. 2, n. 2, p. 80-97, jan. 2014.

ROST, Alejandro. **Interatividade**: definições, estudos e tendências. In.: CANAVILHAS, João (Org). Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença. Covilhã: Livros LabCom, 2014. p. 53-88.

RUGG, Adam; BURROUGHS, Benjamin. Periscope, Live-Streaming and Mobile Video Culture. In.: LOBATO, Ramon; MEESE, James. **Geoblocking and Global Video Culture.** Amsterdã: Institute Of Network Cultures, 2016. p. 64-73.

SAMPAIO, Lívia Maria Marques. O jogo de seguir rastros: uma análise fílmica de Funny Games na perspectiva da Teoria Ator-Rede. In.: LEMOS, André. **Teoria ator-rede e estudos de comunicação.** Salvador: Edufba, 2016. p. 49-67.

SANTAELLA, Lúcia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade.** São Paulo: Paulus, 2007. 468 p.

SANTAELLA, Lucia; CARDOSO, Tarcísio. The baffling concept of technical mediation in Bruno Latour. **Matrizes,** USA, v. 9, n. 1, p.167-185, 23 jun. 2015.

SALAVERRÍA, Ramon. Convergencia de médios. In: Chasqui. **Revista Latinoamericana de Comunicación**. Argentina, n. 81, 2003. Disponível em: <http://e-periodistas.blogspot.com/2007_12_01_e-periodistas_archive.html>. Acesso em: 03 ago. 2016.

SALAVERRÍA, Ramon. **Multimedialidade**: informar para cinco sentidos In.: CANAVILHAS, João (Org). Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença. Covilhã: Livros LabCom, 2014a. p. 25-52.

SALAVERRÍA, Ramon. Jornalismo, compartilhamento e credibilidade no contexto pósindustrial. **Ihu On-line**, São Leopoldo, v. 447, n. 1, p. 11-14, jun. 2014b.

SATUF, Ivan. **Jornalismo móvel:** da prática à investigação acadêmica. In.: CANAVILHAS, J; SATUF, I. (Eds.). Jornalismo para dispositivos móveis. Produção, distribuição e consumo. Covilhã: Livros LabCom, 2015.

SEGATA, Jean. A etnografia como promessa e o "Efeito Latour" no campo da cibercultura. **Ilha Revista de Antropologia,** Santa Catarina, v. 16, n. 2, p.69-87, dez., 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8034.2014v16n2p69>. Acesso em: 15 jan. 2017.

SHOEMAKER, Pamela J. Prefácio. In.: SILVA, Gislene; SILVA, Marcos Paulo da; FERNANDES, Mario Luiz (Orgs). **Critérios de noticiabilidade** - problemas conceituais e aplicações. Florianópolis: Insular, 2014.

SHIRKY, Clay. **A cultura da participação**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SILVA, Fernando Firmino da. **Jornalismo live streaming:** tempo real, mobilidade e espaço urbano. In: VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. São Paulo, SP, 2008. Disponível em: <http://sbpjor.kamotini.kinghost.net/sbpjor/admjor/arquivos/individual40fernandofirmino.pdf >. Acesso em: 04 dez. 2017.

SILVA, Fernando Firmino. **Jornalismo móvel digital**: uso das tecnologias móveis digitais e a reconfiguração das rotinas de produção da reportagem em campo. 2013. 408f. Tese (Doutorado em Comunicação e Culturas Contemporâneas)–Programa de pós-graduação em Comunicação e Culturas contemporâneas, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2013.

SILVA, Fernando Firmino da. Smartphones e tablets na produção jornalística. **Âncora,** João Pessoa, v. 1, n. 1, p.23-40, jul. 2014.

SILVA, Fernando Firmino da; GUIMARÃES, Elvis Maciel; SOBRINHO NETO, José Cavalcanti. Ao Vivo no #Periscope: A Experiência da ESPN Brasil com Live Streaming Via Mobile. **Âncora - Revista Latino-americana de Jornalismo,** São Paulo, v. 3, n. 2, p.141-161, 23 set. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.21204/2359-375x/ancora.v3n2p141-161>. Acesso em: 12 fev. 2017.

SILVA, Mayara Karla Dantas. **As multi-interações na plataforma "the wolrd we want" na construção da nova agenda global de desenvolvimento sustentável.** João Pessoa: Ideia, 2016.

SPORTV.COM. **Globosat realiza processo seletivo para os Jogos Olímpicos do Rio**. Rede Globo. Canal Globosat, Rio de Janeiro, 2016 Disponível em: <http://sportv.globo.com/site/programas/rio-2016/noticia/2016/02/globosat-realiza-processo-seletivo-para-os-jogos-olimpicos-do-rio.html>. Acesso em: 07 mar. 2016.

STEWART, D. R. C.; LITTAU, J. Up, periscope: mobile streaming video technologies, privacy in public, and the right to record. **Journalism & Mass Communication Quarterly,**

USA, v. 93, n. 2, p. 312-331, mar. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1177/1077699016637106>. Acesso em: 12 nov. 2016.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: por que as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2004.

URRY, John. **Sociology beyond societies**: mobilities for the twenty-first century. Londres: Routledge, 2000. 255 p.

VENTURINI, T.. Diving in magma: how to explore controversies with actor-network theory. **Public Understanding Of Science,** USA, v. 19, n. 3, p.258-273, 29 maio 2009.

VINCK, Dominique. **Sociologie des sciences**. Paris: Armand Colin, 1995.

WEISS, A. Schmitz. Exploring News Apps and Location-Based Services on the Smartphone. **Journalism & Mass Communication Quarterly,** USA, v. 90, n. 3, p.435-456, 16 ago. 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1177/1077699013493788>. Acesso em: 12 nov. 2016.

WESTLUND, Oscar. Mobile news: a review and model of journalism in an age of mobile media. **Digital Journalism,** Londres, v. 1, n. 1, p.6-26, jan., 2013.

ZAGO, Gabriela. Circulação jornalística no twitter: apontamentos para discussão. In.: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 8., 2010, São Luís. **Anais...** São Luís: 2010.